

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

WANDER GOMES DOS SANTOS

A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM AGOSTINHO: O CATECUMENATO ONTEM E
HOJE

GOIÂNIA
2021

WANDER GOMES DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM AGOSTINHO: O CATECUMENATO ONTEM E
HOJE**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professor Orientador: Dr. Clóvis Ecco

GOIÂNIA
2021

S237e Santos, Wander Gomes dos A Educação Cristã em Agostinho
: o catecumenato ontem e hoje / Wander Gomes Santos.-- 2020.
144 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades,
Goiânia, 2020 Inclui referências, f: 113-117

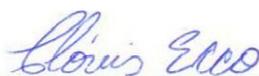
1. Agostinho - Santo, Bispo de Hipona, 354-430. 2.
Catecismos. 3. Educação cristã. 4. Catolicismo. 5.
Goiás (Estado). I.Ecco, Clóvis. II.Pontifícia Universidade Católica de
Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - 2020. III.
Título.

CDU: Ed. 2007 -- 272-284.4(043)

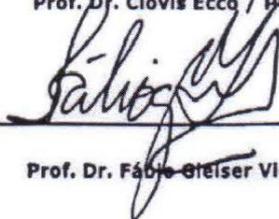
A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM AGOSTINHO: O CATECUMENATO ONTEM E HOJE

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 18 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás



Prof. Dr. Fábio Steiser Vieira Silva



Prof. Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho / PUC Goiás

Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás

Prof. Dr. Pedro Fernando Sahium / UEG

Dedico este trabalho aos Catequistas da Diocese de Paracatu - MG e a todos os que querem aprimorar seus conhecimentos sobre a catequese para anunciar o Evangelho.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida e o chamado à vocação sacerdotal. À Diocese e à Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Paracatu - MG pelo empenho e ajuda nos tempos de estudo e pesquisa.

À minha mãe e irmãos, aos amigos do Clero diocesano de Paracatu pelo incentivo e apoio. Ao Diácono Renato Paulino pela companhia amiga nessa jornada. A todos que ofertaram sua colaboração amiga para levar a termo esse projeto.

Aos amigos Padre João Nogueira, Padre José dos Reis e Padre Mauro pela presença constante e encorajadora.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC GO. Ao Professor Clóvis Ecco, pela presença amiga e orientação deste trabalho.

Se mostrarmos o caminho a alguém que sofre andando sem destino, atravessamos
com generosa alegria ruas conhecidíssimas.
(Santo Agostinho)

RESUMO

SANTOS, Wander Gomes. A Educação Cristã em Santo Agostinho: o catecumenato ontem e hoje. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2019.

A presente pesquisa tem como proposta pensar a educação como processo de formação da identidade do ser humano a partir da fé. Nosso objetivo é compreender e Analisar a Educação Cristã e o Catecumenato a partir da obra *A Instrução dos Catecúmenos* de Agostinho, escrita por volta do ano 405 Dc. A educação cristã é uma preocupação antiga, e foi tratada por grandes pensadores da tradição cristã. Um destes é Agostinho, o grande sistematizador da Patrística. Assim, a pesquisa é estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo é recuperada a influência do mundo antigo para a construção da noção de educação cristã, sua relação com as culturas greco-romanas, com o mundo bíblico e o florescer da cultura cristã que desembocarão na Patrística. No segundo capítulo adentramos na vida e o pensamento de Santo Agostinho sobre o Catecumenato e sua importância para a formação cristã a partir da obra *A Instrução dos Catecúmenos*. No terceiro e último capítulo observa-se os resquícios tanto do Catecumenato Antigo em seus aspectos gerais, como das indicações de Agostinho na prática catecumenal atual.

Palavras-chave: Catecumenato, Educação cristã, Santo Agostinho, *A Instrução dos Catecúmenos*.

ABSTRACT

SANTOS, Wander Gomes. Christian Education in Saint Augustine: the Catechumenate yesterday and today. Master's Dissertation (Graduate Program in Sciences of Religion) - Pontifical Catholic University of Goiás, 2019.

This research proposes to think about the education as a process of formation of the identity of the human being based on faith. Our objective is to understand and analyze Christian Education and the Catechumenate based on the book *The Instruction of the Catechumens* of Augustine, written around 405 AD. Christian education is an old concern, and has been developed by great thinkers in the Christian tradition. One of these is Augustine, the great systematizer of Patristic. This way, the research is structured in three chapters. In the first chapter, the influences of the ancient world are recovered for the construction of the notion of Christian education, its relation with the Greco-Roman cultures, with the biblical world and the flourishing of the Christian culture that will culminate in Patristic. In the second chapter we get into the life and thinking of Augustine about the Catechumenate and its importance for Christian formation, based on the book *The Instruction of Catechumens*. In the third and last chapter, the remnants of the Old Catechumenate, in its general aspects, and the indications of Saint Augustine in current catechumenal practicing are observed.

Keywords: Catechumenate, Christian education, Saint Augustine, *The Instruction of Catechumens*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O CATECUMENATO ANTIGO E SUA FUNÇÃO FORMATIVA	14
1.1 CONCEITO DE IDENTIDADE.....	15
1.2 IDENTIDADE E EDUCAÇÃO.....	19
1.3 A EDUCAÇÃO NO MUNDO ANTIGO	21
1.4 A EDUCAÇÃO NO MUNDO BÍBLICO.....	26
1.5 A EDUCAÇÃO NO MUNDO CRISTÃO	29
1.6 A PATRÍSTICA E A EDUCAÇÃO CRISTÃ.....	34
1.7 O CATECUMENATO ANTIGO	37
1.7.1 Aspectos Gerais do Catecumenato Antigo.....	46
2. AGOSTINHO, A EDUCAÇÃO CRISTÃ E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	54
2.1 AGOSTINHO, VIDA E PENSAMENTO	55
2.2 AGOSTINHO E O SEU TEMPO.....	57
2.3 AGOSTINHO E O SEU PROJETO EDUCACIONAL	61
2.4 A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM <i>DE CATECHIZANDIS RIDIBUS</i>	66
2.5 CONCLUSÕES SOBRE O PROCESSO DE INICIAÇÃO CRISTÃ EM SEUS PRIMORDIOS	72
3. RESQUÍCIOS DA PRÁTICA CATEQUÉTICA AGOSTINIANA NOS DIAS ATUAIS	75
3.1 DEFINIÇÃO E MÉTODOS CATEQUÉTICOS NO PÓS VATICANO II	78
3.1.1 A prática Pós Conciliar reproduz a pedagogia formativa do Catecumenato Antigo.....	82
3.1.2 A Catequese hoje se define como um processo orgânico e sistemático da fé.	84
3.1.3 A Catequese adaptada à vida cotidiana concreta	86

3.2 A CATEQUESE PÓS CONCILIAR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CATEQUESE NA CIDADE DE PARACATU MG.....	89
3.2.1 A prática catequética e a organização metodológica na Paróquia Nossa Senhora de Fátima em Paracatu MG.....	91
3.2.2 A Catequese como narrativa bíblica dos eventos salvíficos.....	99
3.2.3 O Catequista como mistagogo	102
CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXO A: PROJETO DIOCESANO DE INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ	118
ANEXO B: PLANEJAMENTO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA.....	136

INTRODUÇÃO

A Comunidade cristã, seguindo os passos de seu mestre, desde os primórdios, tomou para si a tarefa de educar e instruir na fé cristã. Sendo sacerdote há quase dez anos na Diocese de Paracatu em Minas Gerais e estando cotidianamente ligado à catequese infanto-juvenil, percebo quanto às mudanças de nosso tempo influem no processo e no entendimento da catequese, e também em suas consequências práticas. O processo catequético é permeado por dúvidas e incertezas levantadas pelas mudanças de nosso tempo, a metodologia adotada está intrinsecamente ligada a esse desenvolvimento. Por isso, o conhecimento dos processos metodológicos da longa tradição da Igreja é sempre relevante para se descobrir novos caminhos. Nossa pesquisa tem como tema a *Educação Cristã em Agostinho: o catecumenato ontem e hoje* e poderá ser uma ajuda a Pastoral em sua tarefa de pensar os sujeitos da iniciação e os meios de se transmitir a fé às futuras gerações. Nossa pretensão é falar sobre a Educação Cristã e o Catecumenato a partir da obra agostiniana *A Instrução dos Catecúmenos* (405). O problema a ser perseguido gira em torno da formação da Identidade Cristã. Como deve ser o processo de educação para a formação da identidade cristã? Como esse processo era feito na antiguidade cristã? E como Santo Agostinho propõe que seja feita a educação cristã?

Na antiguidade cristã esse processo de evangelização, responsável pela educação cristão, ficou conhecido por Catecumenato. Hoje esse processo é comumente chamado de Catequese, e é responsável pela iniciação à vida cristã de crianças, jovens e adultos. No primeiro momento da pesquisa, evidenciamos a catequese como herdeira e continuadora da longa tradição educacional do mundo antigo, desde a tradição religiosa judaica bíblica até as profundas marcas deixadas pelas culturas greco-romanas. Consideramos a educação como o conjunto de tudo o que é oferecido ao indivíduo, visando dar-lhe condições para o seu desenvolvimento, despertando qualidades internas. As primeiras instituições responsáveis pelo projeto educacional de jovens e de crianças eram a família e a religião, tendo em vista sempre a maturidade. Dessa forma, as contribuições da Grécia e Roma e a revolução causada pelo anúncio do Reino de Cristo foram de suma importância para o desenvolvimento da Educação cristã. No segundo século, a educação formal é oferecida pelo estado, mas a instrução religiosa é oferecida aos adultos por meio do catecumenato. Durante a primeira geração de cristãos tivemos diversos autores, esses ficaram conhecidos

como os Padres da Igreja, os quais se preocuparam em fundamentar a fé cristã e defendê-las de heresias nascentes. Desse movimento surgiu a Patrística, da qual Agostinho foi o grande sistematizador e mestre. Caberá a Patrística o papel de sistematizar a tradição e o pensamento cristão, que encontraram grande desenvolvimento nos três primeiros séculos. Assim, o Catecumenato antigo depois desse longo percurso, é feito a partir das contribuições de Hipólito de Roma, Ambrósio de Milão, de Clemente de Alexandria e também de Cirilo de Jerusalém. A partir do pensamento deles procuramos compreender e refletir acerca da função formativa do catecumenato.

Num segundo momento, consideramos o pensamento de Santo Agostinho no seu tempo, e a partir daí construímos as pontes para a leitura da obra que é objeto de nossa pesquisa. Agostinho viveu num período em que a decadência do Império Romano gerava crises sociais, políticas e econômicas. Nesse contexto, o cristianismo ia se afirmando como a força capaz de unificar a sociedade romana. A força de Roma, a cidade eterna, deixou de ser o Império e passou a ser a fé cristã. Agostinho era de família cristã, entretanto ele mesmo não era batizado, em sua jornada de fé foi pensador, filósofo, teólogo e pastor. Essa jornada pessoal é descrita em sua obra prima *As Confissões*, nela a busca pela fé se dá através da razão, que ilumina o homem em sua volta para Deus. No pensamento de Agostinho o homem é um ser itinerante, um ser para Deus. Sua pretensão era ajudar o homem a retirar o interesse das coisas materiais e a buscar na vida cristã a verdadeira felicidade. Essa era a meta, a qual deve atender o homem a partir do ideal formativo cristão. Agostinho desenvolve dentro da Instrução dos Catecúmenos, um modo de se fazer a instrução na fé, levando em consideração alguns pontos gerais, a instrução deve ser uma narrativa das questões essenciais da fé, um relato da história da salvação em todas suas etapas, deve ser uma instrução doutrinária e não moral, de forma que a doutrina possa ser vivida, a instrução deve considerar o homem e sua situação concreta de vida, de forma que seja adaptada ao ouvinte. Nosso segundo capítulo então propõe uma leitura da Instrução dos Catecúmenos, procurando os pontos chaves que demonstram a pedagogia da fé apontada por Agostinho.

No terceiro momento de nossa pesquisa, discorreremos sobre a prática catequética. A prática não está de forma nenhuma separada da teoria, ela é de fato a teoria aplicada com certa metodologia que poderá levar a uma adesão, integração ou envolvimento de que está sendo iniciado com a comunidade, em que virá o seu

sentimento de pertença. Esse é um percurso que nos últimos tempos tem sido fortemente questionado pelo processo de secularização, tudo o que se pensa na prática catequética visa oferecer meios para que a adesão comunitária se complete. Tomamos para o entendimento sobre a catequese, na atualidade, os diversos documentos emanados pelos teólogos e pastores da Igreja, eles tendem a trazer para nossos tempos o ensinamento do catecumenato antigo, são vários os documentos que são auxiliados pelas ciências humanas, a antropologia, a pedagogia e outras ciências. Aqui, procuramos observar os resquícios da prática catecumenal presente na catequese atual. Cada comunidade traz consigo suas próprias marcas, de sua história e características culturais, que influenciam sua religiosidade. Para a observação dos resquícios do catecumenato tomamos a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Paracatu, região noroeste de Minas Gerais. A prática catequética da Paróquia é orientada pelo Projeto Diocesano de Iniciação Cristã, que propõe a retomada do catecumenato como inspiração metodológica. A observação será feita a partir do Projeto de Iniciação, do material utilizado, e das indicações sobre o sentido da formação cristã. Por fim, passamos a considerar para o anúncio do *querigma* cristão, a relação entre o catequista e o mistagogo, papel de grande destaque no catecumenato, pois coopera na compreensão do que foi transmitido durante o período de instrução.

1. O CATECUMENATO ANTIGO E SUA FUNÇÃO FORMATIVA

A Iniciação está ligada à antropologia e possui grande relevância em diversas culturas e religiões, ela marca o início de uma etapa de construção e formação da identidade através da transmissão do patrimônio cultural adquirido pelas gerações anteriores. É um tempo de preparação para a vida adulta, para a convivência social, e a vivência religiosa. Cada cultura tem seu itinerário e metodologias próprias, mas em via de regra, a iniciação é constituída por um tempo de instrução, seguida por ritos ou celebrações litúrgicas em que se atesta a passagem ou uma mudança de status do iniciado. Por tratar da comunicação de doutrina, de valores e costumes que dão continuidade a vida social de um grupo, é um processo orgânico e sistematizado. É possível perceber as implicações deste processo nas grandes civilizações antigas, como também na cultura bíblica.

Não obstante, no advento do Cristianismo, as comunidades perceberam que era necessário um itinerário de preparação para a transmissão dos valores evangélicos, visto que, para almejar e abraçar a vida cristã deve-se obter conhecimentos próprios dela. Desse modo, o Catecumenato surge como uma forma de instruir, sendo ele um processo permanente de educação da fé estruturado na vivência litúrgica, no ensinamento moral e doutrinal, com intuito de amadurecer a conversão e a fé. O Catecumenato Antigo foi a primeira forma com a qual a Igreja Católica aplicou a sua formação cristã, com o propósito de iniciar a fé com os adultos.

Antes de ater-nos propriamente à educação cristã proposta por Agostinho, sentimos a necessidade de percorrer brevemente as reflexões sobre identidade, identidade e educação, educação no Mundo Antigo e, de forma especial, os processos de educação e de iniciação na Bíblia considerando o Primeiro e o Segundo Testamento. O cristianismo ocidental não inaugurou uma prática pedagógica inteiramente nova, Franco Cambi (1999), aponta que: “A antiguidade, consigna ao Ocidente às suas estruturas mais profundas: a identidade da família, a organização do estado, a instituição escolar, mitos educativos e ritos de passagem” (CAMBI, 1999, p. 37). Grandes marcas do Mundo Antigo, de Roma, da Paideia grega são responsáveis por formar um modelo educativo, do qual o cristianismo é herdeiro.

A busca pelo entendimento dos processos educacionais do Cristianismo deve, necessariamente, passar pelo entendimento do mundo bíblico judaico. A noção de Deus, a compreensão do mundo, o papel do homem chamado por Deus, as

cerimônias, as funções sociais, a organização legal e familiar judaica formam a matriz, sendo instaurada a revolução cristã. A educação cristã renúncia e acolhe, ao mesmo tempo, elementos da tradição judaica, grega e romana, e assim consegue oferecer elementos sólidos para ajudar o homem a firmar seus valores para a construção de seu tempo, em meio às crises e dificuldades.

Agostinho respira as tensões que acabariam por levar ao declínio o Império Romano, mas que afirmavam a fé cristã como a mestre que dava segurança nesses tempos difíceis. Após uma juventude conturbada, se converteu e encontrou no cristianismo um caminho, no qual podia ancorar o homem que estava em busca de sentido para sua vida. Amante da filosofia, tornou-se bispo e grande teólogo cristão. Seu pensamento e ensino eram muito apreciados pelo povo. Empenhou-se, pelo seu pensamento em incitar no homem, pecador por natureza, decisões éticas que pudessem levá-lo até Deus, centro do pensamento agostiniano. Sua proposta educacional insere o homem num caminho formativo que o conduzirá a Deus. Essa busca dá novo sentido à vida cotidiana e concreta do homem, levando-o à santidade. Vamos perseguir os caminhos que embasam a educação cristã, até chegarmos ao pensamento de Agostinho, o mestre da pedagogia cristã.

1.1 CONCEITO DE IDENTIDADE

Colocada nossa intenção de perseguir a educação cristã e suas consequências a partir do pensamento de Agostinho, vemos a necessidade de uma colocação sobre o entendimento de Identidade no pensamento agostiniano. Segundo Hall (2000), nosso tempo assiste a um aumento do interesse sobre o conceito de identidade. Entendemos, em primeiro lugar, que a construção do conceito de identidade não é algo simples e está sujeito às estruturas e pensamentos de cada época.

O sentido de identidade, que estamos abordando, está dentro do pensamento de um filósofo cristão, em que não há separação entre filosofia e pensamento teológico, sendo o homem compreendido somente pela dimensão religiosa. Não temos dentro do pensamento de Agostinho um pensamento expresso sobre a questão da identidade. Entretanto, a identidade está profundamente relacionada com a cultura e com aquilo que é humano. As questões que envolvem a identidade estão relacionadas às definições que Agostinho expõe sobre o homem, visto que nele procuramos o entendimento sobre a nação e sobre a identidade. O caminho de reflexão da identidade

no pensamento agostiniano passa pela consideração das definições metafísicas de seu pensamento, às quais também definem o homem.

A compreensão de homem, em Agostinho, envolve corpo, alma, iluminação e Deus. E segundo Vaz (1991), tem três marcas características: o neoplatonismo, que influenciou as reflexões sobre o homem interior; a antropologia paulina, na qual se estrutura o pensamento agostiniano de liberdade; e a teoria bíblica da criação, sobre a qual se ergue a doutrina essencial da antropologia patrística, na qual o homem é imagem de Deus. “Não existe nenhum ser vivo que não venha de Deus, porque ele é na verdade, a sua vida, a fonte mesma da vida” (AGOSTINHO, 1987, p. 54). De fato, o homem é um grande mistério e ao mesmo tempo o grande problema da filosofia agostiniana, seu desvelamento se dá na busca, na jornada que faz em direção a Sabedoria e a Verdade eternas. “O homem é realmente um grande mistério; mas tu, Senhor, conheces até o número de seus cabelos, sem que se perca um só! E, no entanto, os cabelos são muito mais facilmente enumeráveis do que as afeições e sentimentos do coração” (AGOSTINHO, 1984, p. 102).

Ainda de acordo com Lima Vaz (1991), o homem no pensamento de Agostinho tem três características essenciais: um ser uno, itinerante e um ser para Deus. Em primeiro lugar compreende o homem como uma união substancial de corpo e alma. Na obra *A Cidade de Deus*, ao comentar sobre o destino dos pagãos manifesta seu entendimento sobre o homem:

Não animarão o fogo de sorte a constituírem-no animal composto de espírito e de corpo, mas como dissemos, unindo-se com ele de modo maravilhoso e inefável, recebendo do fogo a pena, não lhe dando a vida. Também esse outro modo segundo o qual os espíritos se unem aos corpos e os tornam animais é de todo admirável e incompreensível ao homem. E isso é o homem (AGOSTINHO, 2010, p. 496).

Em *A Vida Feliz* (386), Agostinho já convertido reconhece a posse de Deus como a verdadeira felicidade, não mais a filosofia como pensava antes. No diálogo ele reconhece o homem como união de corpo e alma. “Será evidente a cada um de vós, que somos compostos de alma e corpo?” (AGOSTINHO, 1998, p. 124). Como as demais criaturas, o homem foi criado do nada por Deus que lhe confere ao ser. Como seu pensamento guarda traços das doutrinas platônicas, Agostinho usa a doutrina da participação e a dependência ontológica das coisas e ressignifica estas doutrinas com a Sagrada Escritura. A criação se dá por meio do Verbo e é ele mesmo a fonte de semelhança da criação com Deus. Na relação corpo e alma, o corpo é sempre tomado em sentido negativo, a alma é a parte nobre, pensante, sempre unida a Deus, é quem

anima o corpo. Em *As Confissões*, Agostinho esclarece a relação entre a alma e o corpo: “A alma comanda o corpo, e este lhe obedece imediatamente; comanda a si mesma, e esta resiste. A alma ordena à mão que se mova, e a obediência é tão fácil que mal se distingue a ordem da execução. No entanto, a alma é espírito, e a mão é matéria” (AGOSTINHO, 1984, p. 220)

Com toda a sua excelência, a alma então é quem governa o corpo e o insere na busca das coisas verdadeiras que dão sentido à vida humana. Tudo na vida humana é compreendido a partir da fé, mas a própria jornada de Agostinho exemplifica a jornada do homem que busca a compreensão daquilo que a fé lhe ensina. A história humana, as coisas materiais não são nada, o indivíduo encontra o sentido verdadeiro da vida na busca pela cidade de Deus. A partir da doutrina da participação é que se explica no homem o bem, a ordem, e a busca da alma pela moral. De fato, o destino do Ser é que sua alma conheça, ame e busque essa verdade, Deus. A motivação para essa busca é o amor, que na obra agostiniana leva o ser humano a deixar de lado as coisas terrenas para encontrar na cidade de Deus sua verdadeira alegria.

Por fim, o indivíduo é um ser para Deus, justamente por ser imagem de Deus, ele é também seu último fim. De acordo com Taylor (2013), uma outra vertente importante para a compreensão do sujeito em Agostinho é a diferenciação entre homem exterior e homem interior. “Que a alma se conheça, portanto, a si mesma, e não se busque como se vivesse ausente, mas fixe em si mesma a intenção da vontade que vagueia por outras coisas e pense em si mesma” (AGOSTINHO, 1994, p. 325). O exterior refere-se a tudo o que faz parte dos sentidos, aquilo que é corporal, e, portanto, sem valor para a vida moral e para se alcançar a verdade. Se a antropologia é um tema importante para Agostinho, o é enquanto refere-se ao homem interior, esse é o grande problema referente ao homem. O interior é a alma, e “é no interior que está a estrada que leva a Deus” (TAYLOR, 2013, p. 172), pois a verdade é que Deus está dentro do homem, sendo ele o fim último do ser. O indivíduo, pode então alcançá-lo pelo processo de interiorização, visto que este é um exercício, um processo de reflexão e de conhecimento. Tal processo leva o sujeito a cuidar menos das coisas exteriores e a caminhar em direção a vida moral e ao cuidado com a sua alma. Essa busca é um caminho para Deus, pois no final da busca por si mesmo a alma humana encontra-se com Deus. “O homem mostra-se mais claramente como imagem de Deus em sua própria presença e no amor interior por si mesmo.” (TAYLOR, 2013, p. 181). Buscando as fontes para a construção da identidade moderna, Charles Taylor (2013) destaca a

reflexão de Agostinho sobre o homem e o processo de interiorização. O indivíduo ao buscar a reflexão interior encontra o caminho das verdades superiores. O desejo humano pelo conhecimento se torna concreto em seu ideal de busca, pois ele como criatura nunca poderá abarcar o todo, assim como discorre Agostinho: “Procuremos como se houvéssimos de encontrar, e encontremos como quem há de procurar ainda” (AGOSTINHO, 1994, p. 286). Sua consciência de que o divino se encontra no interior do próprio homem deixa marcas no pensamento e na espiritualidade ocidental.

É importante ainda, para a compreensão do sujeito, a noção de pessoa. Agostinho não toma o homem de maneira abstrata, mesmo tendo forte inspiração do neoplatonismo em sua obra. Sua maneira concreta e singular de pensar o indivíduo, leva Agostinho a afirmar o conceito de pessoa. Então, através de sua obra *A Trindade* ele retrata esse conceito com maior peso teológico. A grande questão da obra é a investigação da fé com base na filosofia sobre Deus que se manifesta de forma trina. Porém, a obra afirma, que, o homem criado à imagem de Deus é imagem da Trindade. Como a alma é a parte racional do homem, dotada de luz e de inteligência, ela é criada a imagem e a Trindade. “Donde se segue, que se ela foi criada à imagem de Deus, no sentido de que pode usar a razão para conhecer e contemplar a Deus” (AGOSTINHO, 1994, p. 444). Assim, ao afirmar o homem como imagem da Trindade, ele se torna reflexo da união das pessoas trinitárias. Segundo Teixeira (2003), em Agostinho não tenhamos uma definição de pessoa. Com este termo ele apenas indica a perfeição, o sujeito concreto e incomunicável. Mas ao tomar o homem como sujeito, como pessoa, no sentido dito acima, insere uma perspectiva nova que irá orientar a reflexão filosófica sobre o eu, abrindo espaço para o desenvolvimento do conceito de indivíduo.

Agostinho vê o homem como criatura, vinda do nada e com fim último em Deus. Tudo o que é, e seu destino, estão dentro da esfera do sagrado. Segundo Hall (1998), as identidades produzidas pelas culturas, pela religião ou pela educação, foram as estruturas que deram estabilidade ao mundo social, com o intuito de formar um sujeito unificado e estável. Tomamos aqui a identidade, a partir de Agostinho, em sua dimensão essencialista, sendo esta fixa e imutável, com profundas marcas na construção e manutenção do social e do simbólico humanos.

1.2 IDENTIDADE E EDUCAÇÃO

Como no tópico anterior, nossa intenção aqui não é perseguir um conceito pronto do que seja identidade e educação. Contudo, refletir sobre o papel da educação para a formação da identidade. Segundo Oliveira (2006), educação em seu sentido moderno tem sua origem nos verbos latinos *educãre*, que significa algo que se dá a alguém e *educere*, que significa conduzir para fora, fazer sair. Diante disso, a educação é algo oferecido ao indivíduo com objetivo de fornecer-lhe condições para o seu desenvolvimento, uma força que visa despertar qualidades internas. Podemos assim compreendê-la numa visão dialética que trata daquilo que é próprio do indivíduo, entretanto que será desenvolvido de alguma forma pelo contato com coisas externas a ele. Tomamos a educação em íntima relação com a pedagogia. Assim, investigamos os processos educacionais com os quais o homem em sua caminhada histórica procurou se organizar socialmente e se transformou através do tempo.

Segundo Dewey (2010), a ideia fundamental da educação tradicional é a transmissão do passado a uma nova geração, com o objetivo de preparar os jovens para as futuras responsabilidades sociais. A preparação e a educação das novas gerações são fundamentais para a sobrevivência e manutenção das culturas e conhecimentos. Dessa forma, por intermédio da educação, as civilizações reproduzem uma visão de mundo sucumbido pela transmissão de seu patrimônio cultural. Brandão (1995), fala da educação a partir de uma tribo indígena, mas procura mostrar que é uma ação da qual ninguém escapa:

Assim, quando são necessários guerreiros ou burocratas, a educação é um dos meios de que os homens lançam mão para criar guerreiros ou burocratas. Ela ajuda a pensar nesses tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de produção e crenças e ideias (sic), de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força (BRANDÃO, 1995, p. 11).

Nossa pesquisa parte da educação do mundo antigo para se chegar à educação cristã nos tempos do filósofo Agostinho. Pretendemos falar de identidade e educação considerando alguns lugares ou instituições que cuidavam da formação dos homens para os ofícios ou para a vida social. “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (BRANDÃO, 1995, p. 10).

Esses lugares são variados, tomamos, por exemplo, a família, a religião com seu universo de mitos, costumes e ritos, e a escola em seu surgimento. Todas elas comunicavam uma visão do divino, do mundo, do homem, que serviam para comunicar uma identidade que desse segurança aos jovens em seu mundo. Além disso, esses lugares e instituições são reflexos de um mundo complexo no pensamento, na organização social e em sua produção cultural. Seria preciso um processo organizado para cumprir o ideal de se preparar o homem para o cotidiano do mundo antigo. A Grécia e Roma, conseguiram, a partir da *Paideia* e da *Humanitas*, um programa que levaria seus filhos a se formarem para os mais diversos ofícios, sustentando assim sua estrutura antropológica, social e religiosa.

O primeiro ambiente de formação era a família, ali as crianças viviam cercadas pelo temor e pelo medo, provocados pela autoridade do pai. A família reproduzia a tradição patriarcal, em que o homem herda o poder supremo de decisão sobre os destinos da família, da mulher e das crianças. A família, antes de tudo, pelos mitos religiosos e pelos heróis míticos, educava para uma cultura estática. Mas, não apenas as famílias como também as demais instituições educativas sendo responsáveis por manter as estruturas e os moldes que dão sentidos ao mundo social.

A escola, que viverá uma evolução constante, estará a serviço da manutenção social dos privilégios, colocando aos pedagogos a tarefa de formar a elite aristocrática. Separando o mundo entre os que pensam e os que exercem ofícios. Os programas de formação serão orientados pela filosofia, pelo direito, pela retórica e pela gramática, no entanto, tendem a cumprir um programa de formação já instituído. A educação retórica era destinada aos que ajudariam nas atividades de governo, enquanto a educação técnica dos saberes práticos era destinada ao povo simples.

Um terceiro ambiente de formação será o templo, local de exercício das funções sagradas e práticas de cunho social. A religião, por meio dos seus templos, torna-se lugar de ensino e convívio social. Ali ela exerce com força sua função de mantenedora das tradições e dos saberes. O ensino aprendido nas dependências da religião, dava-se na organização social, assim os mediadores do sagrado sempre estavam no topo das castas sociais. O poder religioso produz crenças, tendo em vista que elas são essenciais para a manutenção das ideias religiosas. Em *A Verdadeira Religião*, Agostinho com o intuito de atrair ao Cristianismo seu amigo Romaniano, apresenta a verdadeira religião como caminho para se vencer as heresias oriundas da filosofia.

O caminho de toda vida boa e feliz é encontrado na verdadeira religião. Por ela, é adorado o único Deus, com piedade mais pura. E é ele reconhecido como princípio de todos os seres, origem, aperfeiçoamento de todo o universo (AGOSTINHO, 1987, p. 34).

No ambiente de formação religiosa, os sacerdotes eram detentores do saber e exerciam a importante tarefa de representar o homem em seus rituais sagrados. A religião educava e contribuía para formar a coesão social, ao legitimar os papéis familiares e sociais, e o ensinamento sobre o mistério que envolvia a vida e o mundo. Na descrição sobre a verdadeira religião, Agostinho afirma a importância dos sacerdotes, profetas e evangelizadores, que com autoridade e razão, se tornam guias na transformação operada pela Igreja. “No tempo em que o povo era terreno, os que mereceram atingir a iluminação de homens interiores, foram os auxiliares da humanidade” (AGOSTINHO, 1987, p. 84)

Como um sistema simbólico, a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a legitimação do poder. A educação permite, como vimos, descobrir ou reafirmar as raízes das tradições, pensamentos e atitudes de nossas civilizações. Na Grécia antiga, por exemplo, a *Pólis* era o lugar do homem livre e educado exercer sua cidadania. Compreender esse processo e evolução da educação em sua complexidade e abrangência, pode nos ser a chave para compreender as identidades e a organização social humana. Da relação entre educação e cultura, temos o modelo de homem, de cultura e a forma como nos relacionamos em sociedade até a atualidade. As reflexões contemporâneas da educação procuram desfazer esses traços tradicionais que marcaram a educação e a afirmam, hoje, como um processo de construção do indivíduo, não tanto da comunidade. Outro aspecto da educação fortemente questionado, nos dias atuais, é o que a ligava aos projetos de poder comprometendo-a com estruturas que marginalizavam e segregavam a humanidade. Hoje a educação é vista menos como um meio de manutenção e mais como meio de transformação social.

1.3 A EDUCAÇÃO NO MUNDO ANTIGO

Consideramos, ao falar do mundo antigo, um pluralismo de povos, de culturas, de religiões e de civilizações que com suas técnicas e conhecimentos influenciou o saber, o conhecimento, a política, a religião e todo o modo de vida da tradição

ocidental. A empreitada educacional dá-se apenas pela oralidade, uma vez que são escassos os materiais para a escrita.

Falamos das civilizações grega, romana e de outras a sua volta, que são o berço da civilização ocidental, como o Egito e a Mesopotâmia. Nestas civilizações, encontram-se alguns dos métodos que vamos destacar aqui. No processo educacional, destaca-se a escola, que em seus desenvolvimentos evoluiu para a instituição responsável pela instrução básica dos jovens. Teve notável desenvolvimento e não funcionou de modo unitário no mundo antigo, variou de acordo com o tempo, com a cidade e com a classe social a que servia. Nesse processo, teve grande destaque a figura do pedagogo, que, como mestre, conduzia o processo de aprendizagem. A educação no mundo antigo é um processo fruto de uma sociedade estática, com valores e papéis enraizados e fixados.

Entretanto, é um tempo de notáveis progressos do espírito humano, e caminhará até o surgimento da filosofia em sua formulação grega. Na Grécia, a formação dos indivíduos tinha como base a escola, a família e a religião. A escola, instituição que acolhia as crianças das famílias ricas, oferecia uma instrução básica sobre o falar e o escrever. “Essas escolas vão se transformando com o tempo até tomar a forma das escolas como colégio na época helenística” (CAMBI, 1999, p. 49). Nas escolas gregas, a figura central é o pedagogo, que estimula o aprendizado. Entre os gregos surge um programa de formação humana que coloca o sujeito em contato com a cultura e desenvolve o aprendizado a partir da filosofia, a *Paidéia*, um programa ideal de formação humana. Esse ideal surge entre os séculos V e IV, mas se sistematizou com os sofistas.

Jaeger (1994) aponta esse ideal transmitido pela *Paidéia*, que não coincide com nenhum termo moderno que usamos, e como os grandes pensadores gregos contribuíram para esse processo de formação do homem pela cultura, e para a convivência pública na *pólis*. Com os pensadores gregos, os Sofistas, Tucídides, Sócrates, Isócrates, Platão e outros, a educação alcança a maturidade, e se torna um processo com métodos, modelos e teorias. A formação era organizada em cursos de estudos, com enfoque humanista. A educação grega é de caráter comunitário, pois se deve formar dentro das normas e leis que orientam a sociedade. Destacam-se ainda, como dimensões da educação grega, sua íntima relação com a cultura e a literatura e a consideração grega pelos princípios de isonomia e isegoria, fundamentos da

democracia grega. Há ainda grande preocupação estética e um gosto pela lógica e pela razão, que se manifestam na retórica.

A formação educacional grega é, entretanto, dividida por classes, papéis sociais e grupos. É assim, um reflexo da organização social de uma sociedade profundamente dividida. Preparava a elite para o trabalho intelectual de caráter teórico e contemplativo e as classes pobres para o trabalho manual realizado nas oficinas:

Aqui vigora uma educação que mostra a imagem de uma sociedade nitidamente separada entre dominantes e dominados (...) A educação retórica é típica daqueles que se empenham no governo da pólis, que mergulham na vida política e querem participar da direção da coisa pública; a educação anti-técnica, que marginaliza toda forma de trabalho manual e valoriza apenas o uso da palavra, livre e auto regulada, distante de qualquer forma de saber utilitário (destinado a obter efeitos práticos) (CAMBI, 1999, p. 51).

Essa contraposição, entre a aristocracia e o povo, marcará todas as culturas do mundo antigo, e deixará uma marca dual na educação. O surgimento e desenvolvimento da *Paidéia*, responde ao momento de crise no modelo educacional. Superando os moldes tradicionais de formação aristocrática, propõe-se uma educação que visa buscar valores pessoais para a construção da identidade, uma vez que a tradição já não exerce tanto peso quanto antes. A *Paidéia* exaltava o uso da razão filosófica e objetivava-se formar o homem para sua convivência na *pólis*, um homem conhecedor da democracia tendo uma formação técnica, moral e retórica. No programa formativo escolar destacava-se a literatura e a história, sendo os eixos a partir dos quais se dava a formação.

Outro espaço formativo da Grécia antiga era a Religião, mas sem tanta força como em outras civilizações, nas quais regulavam toda a vida social. Em muitas das civilizações, a política e a religião caminhavam juntas, é possível claramente compreender o papel que a religião tinha no mundo antigo. O templo era um lugar social de comunicação dos saberes. No ambiente formativo do templo, o sacerdote exercia grande influência, devido ao ensino ser de sua responsabilidade. O processo de iniciação religioso se confundia com o ensino escolar. Como por exemplo, na Mesopotâmia a educação durante muito tempo foi oferecida no templo como iniciação religiosa. No templo, por meio de um processo gradual, as crianças aprendiam a língua, essa instrução básica era completada pela família que ensinava algum ofício.

A educação familiar tinha como papel central a mulher, que no interior da casa a última palavra na administração dos bens domésticos e na criação dos filhos era

dada por ela. Entretanto, a formação familiar era a cultura patriarcal. Fora de casa a mulher não tinha papel social, era praticamente invisível.

A infância cresce em casa, controlada pelo medo do pai, atemorizada por figuras místicas semelhantes às bruxas, gratificadas com brinquedos (pense-se nas bonecas) e entretidas com jogos (bolas, aros, armas rudimentares), mas sempre colocada à margem da vida social. Ou então por esta brutalmente corrompida, submetida a violência, a estupro, a trabalho, até a sacrifícios rituais (CAMBI, 1999, p. 82)

A partir dos sete anos, o menino começava a sua instrução que lhe concederia uma identidade e futuramente uma profissão. Com estas breves informações é possível compreender a importância dos processos de formação na Grécia antiga e como eles estavam ligados à casa, à escola e à religião.

Em Roma, a educação era prática fundada na família para o cumprimento dos deveres civis. A República era a grande mantenedora do bem comum, o pai era a figura central do ambiente familiar. Aqui temos o retrato da prática patriarcal. Segundo Ecco (2007), a cultura patriarcal se estruturava a partir da autoridade do homem, e a sociedade era organizada a partir da lógica da supremacia masculina. Ao homem estão relacionadas a força e sua qualidade de provedor e chefe da família. Enquanto a mulher é esposa, mãe, dona de casa; tudo o que está ligado ao feminino é subordinado ao masculino. A família se forma numa cultura em que esses pensamentos são transmitidos de pai para filho, e a mulher forma as filhas para o seu papel de submissa. O ambiente familiar é o lugar do exercício do poder masculino.

O pai cumpria seu papel educacional no seio familiar, era ele que devia formar os filhos para as virtudes romanas. O contato com a cultura grega-helênica propôs grandes alterações a essa ordem educacional romana. A partir do século V, Roma passou a assimilar os traços do mundo grego, o que trouxe para a vida social romana grandes transformações. Em Roma, os costumes gregos encontraram de início resistências, pois a filosofia era tida como um meio de corrupção e ordem social, para a juventude.

A influência grega favorece o surgimento em Roma de uma *Paidéia*, em contraposição ao modelo de educação arcaico. A partir daí, caminhamos para o surgimento de um ideal educacional, baseado no modelo grego, em que se buscava a formação do homem pela cultura, pela erudição, com o intuito de se formar um sujeito superior com identidade cultural e histórica, e não apenas um sujeito cumpridor de deveres. O cidadão romano, deveria nesse modelo, ter habilidade retórica, cultura ampla e capacidade de tomar decisões na vida social e política. Surge uma nova

pedagogia, que por meio da noção de *humanitas*¹ visava formar esse sujeito universal e autônomo.

Partindo das concepções gregas, já havia em Roma no século I a.C. escolas de retórica. A partir daí foi se estruturando um completo processo educacional latino, fundado na cultura romana. Era uma progressão que passava da instrução básica, depois se aprendia a gramática e, por fim, as escolas de retórica, nas quais se aprendia desde a política até a filosofia. O próprio Agostinho, foi formado nesse programa de retórica, e em suas obras destaca a importância das artes liberais para a formação acadêmica dos jovens. Mas, especificamente, em *A Doutrina Cristã*² Agostinho reconhece a importância das artes liberais para a formação do cristão, tendo em vista a interpretação da Sagrada Escritura ele entende que “a ignorância da natureza das coisas dificulta a interpretação das expressões figuradas” (AGOSTINHO, 2002, p. 70). Para a formação cristã, segundo Agostinho (2002), deve-se considerar o simbolismo, a música, a história, a dialética, a lógica, a retórica e a matemática. Tudo isso busca auxiliar o jovem a abandonar o que não é verdadeiro e fazer sua caminhada rumo à bem-aventurança eterna.

Parece-me salutar fazer estas recomendações aos jovens estudiosos, inteligentes e tementes a Deus, que procuram a vida bem-aventurada: que não se arrisquem sob o pretexto de tender à vida feliz e que não se dediquem temerariamente a seguir doutrina alguma das que se praticam fora da Igreja de Cristo, mas que as examinem com esmero e diligência (...) Que se afastem também do estudo das doutrinas instituídas pelos homens se forem supérfluas ou de puro luxo. Quanto às outras doutrinas estabelecidas pelos homens, que servem para a convivência da sociedade, que não se desinteressem delas, enquanto o exigir a necessidade desta vida (AGOSTINHO, 2002, p. 88).

A formação romana esteve mais ligada à casa e à escola e limitada pela organização social. O modelo escolar descrito era reservado à aristocracia. Para as classes sociais mais baixas, a formação estava ligada apenas a formação para os ofícios e as artes mecânicas, em que se aprendia diversas técnicas para o trabalho

¹*Humanitas* é em Roma a tradução do termo grego *Paidéia*. Foi uma reelaboração aristocrática das ideias clássicas da antiguidade. A infiltração dos ideais gregos em Roma, faz brotar um apreço pela formação do homem. A dignidade e a nobreza do homem, enquanto homem, tornam-se princípios fundamentais, que devem presidir e orientar toda a atividade humana. *Humanitas* designava então um projeto de formação do homem por meio da cultura e das artes. O termo embarcava todos os aspectos físicos, intelectuais, morais e estéticos da educação, a fim de preparar os jovens para serem sujeitos e protagonistas do seu mundo.

² O programa de formação a partir das artes liberais também teve importância em Roma. Tanto que Agostinho o considerou em *A Doutrina Cristã*, como exposto acima e também elas mereceram destaque em *Confissões*, no *De Ordinibus*, e no *De Música*.

cotidiano. Havia as escolas para formação de sacerdotes, fazedoras de pontes entre os homens e o divino e as, escolas de formação para soldados, as quais ofereciam uma instrução básica.

Em Roma, vemos a educação servindo a um processo de formação dos homens livres pela cultura, que levou a criar condições para a unificação do Império. Como também na Grécia, a educação se delineia como um caminho de iniciação que marca a formação dos jovens para a sociedade adulta.

1.4 A EDUCAÇÃO NO MUNDO BÍBLICO

A cultura e a organização que vamos considerar para falar da educação no mundo bíblico, tanto no Antigo Testamento e, com poucas alterações, no Novo Testamento, têm suas origens no povo hebreu³. Segundo Scardelai (2008), o grande pivô da história hebraica pode ser encontrado nas ideias de Aliança e eleição. O povo hebreu organizou seu modo de vida em torno da Aliança com *lahweh*, como uma monarquia teocrática. Dessa forma, carrega consigo influências sociais e culturais do antigo oriente, se diferenciando das demais com a prática de uma fé monoteísta. A religião, para o povo israelita e para os outros povos que influenciaram sua cultura como os egípcios e os mesopotâmios, tem um grande papel na formação do indivíduo. Assim, os mediadores entre Deus e o povo, como patriarcas, Moisés, juízes, profetas e, no Novo Testamento, os apóstolos, possuem um grande caráter formativo.

Coexistindo num lugar geograficamente disputado e sem unidade interior, a continuidade de Israel foi sempre questionada. Esses agentes carismáticos ajudam a compreender como os hebreus puderam afirmar sua identidade. Os profetas, por exemplo, tiveram um papel fundamental:

³ Não se deve descartar a possibilidade de o termo hebreu remontar ao uso de outra expressão muito comum encontrada nos documentos do Oriente Próximo desde o fim do 3º. Milênio, como *Habiru* (ou *apiru*). Os patriarcas podem estar ligados à presença dos *habirus* em Canaã. Não obstante o nome "hebreu" não seja tão frequente dentro da Bíblia hebraica, o primeiro personagem bíblico a receber essa denominação é Abrão, o hebreu. (SCARDEALI, 2008, p. 12). Abraão migrou de Ur dos Caldeus para Harã. Após sua morte sua família emigrou para Canaã. Seus descendentes, os hebreus, migraram para o Egito, por causa da seca. Lá foram escravizados e obrigados a trabalhar para o Faraó. Com a liderança de Moisés o povo se rebela e consegue fugir do Egito em direção a Canaã por volta do ano 1250 a.C. Foi uma dura caminhada do Egito até Canaã passando pelo deserto do Sinai. Nessa época Canaã vivia em crise, e o Egito não conseguia mais manter a situação. Assim, com a fusão de camponeses revoltados, pastores e os hebreus se formou o povo de Israel.

Os profetas fizeram mais do que garantir a sobrevivência de um povo. Promoveram uma tradição religiosa que eles haviam herdado, fomentaram o seu desenvolvimento entre os séculos VIII e IV a.C, e o legaram, desmedidamente enriquecido, ao judaísmo (...) Eram guias, cuidadosamente escolhidos e especialmente formados ao longo de um estágio vital e precário da jornada espiritual que conduzia a Cristo (HARRINGTON, 1985, p. 267).

Coube aos profetas, como porta voz de *lahweh*, ajudar o povo a interpretar a história e, a partir disto, seguir na direção que a fé lhes indicava. Na Bíblia judaica (*Tanak*) temos ainda os livros que se ocupam da apresentação da sabedoria⁴ divina ao povo. São ensinamentos e conselhos práticos e normativos que têm como objetivo educar e formar o homem hebreu. O livro característico desta sabedoria é o livro dos Provérbios, “em que vários autores fazem uma compilação da sabedoria judaica. Baseiam-se em experiências da vida, são transmitidos oralmente e, por isso, abrangem os diversos aspectos da literatura sapiencial” (SILVA, 2018, p. 18). O livro dos Provérbios acentua uma das mais importantes instâncias da educação na Bíblia: a família. Transmitem a sabedoria dos antigos às novas gerações, colocando a sabedoria e a autoridade nas mãos dos avós e dos pais. Ainda, segundo Silva (2018), a sabedoria dos Provérbios é abrangente e abarca toda a realidade da vida humana, o caminho para o homem é buscar a sabedoria e a justiça que têm sua fonte em *lahweh*.

Além da família, com forte acento patriarcal, temos também a escola como instituição com papel formativo. As escolas funcionavam na Sinagoga⁵, um espaço de cultivo e interpretação da Lei, havia salas em que se instruíam os jovens e as crianças. A formação oferecida tinha como ponto de partida a Lei judaica e a observância dos costumes. Tardiamente vão ser inseridos nessa escola sinagoga a escrita e o ensino da aritmética. Completados o período de instrução da língua hebraica e da Torá, dá-se os de ritos de iniciação na cultura judaica. Para os homens o *bar mitzvah*, uma cerimônia por volta dos 13 anos, em que os adolescentes atestam sua maturidade e assumem compromisso frente a sua comunidade. Para as mulheres realizava-se o *batmitzvah*, aos doze anos.

⁴ Estes livros estão dentro do bloco de livros designados Escritos (*Ketuvim*). São livros como: Salmos, Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos e Sabedoria de Salomão.

⁵ A religião judaica funciona ao redor de dois eixos. O Templo é o lugar do culto, o centro da vida de Israel, pois é o lugar em que *lahweh* habita. Já a Sinagoga (σύν + ἄγω = συναγωγή; תפילה בית : BeitTephilá, “casa de oração” ou כנסת בית : Bet Knesset) é lugar também de oração, mas não de culto litúrgico. Assim é lugar de pregação, estudo da lei e, funciona como escola para jovens e crianças. (Bíblia do Peregrino, p. 1178-1179)

No Novo Testamento, tem-se o início da revolução pedagógica que será empreendida pelo Cristianismo. O Novo Testamento tem suas bases na herança recebida da cultura judaica. O próprio Jesus conheceu e conviveu no espaço da sinagoga (cf. Lc. 4,16). Entretanto, a própria mensagem cristã fomentou nova mentalidade, que forçará seus adeptos a deixarem os espaços e instituições moldados pela cultura judaica. O cristianismo primitivo tem em seus escritos canônicos sua base de sustentação. Entre eles vamos nos ater no principal, que são os Evangelhos, mas sabemos que as Cartas de São João, os Atos dos Apóstolos e principalmente as Cartas de São Paulo, tiveram forte influência sobre o cristianismo nascente.

Cada evangelista escreveu a uma comunidade concreta, considerando os desafios próprios que esta comunidade enfrenta na vivência cristã. O Evangelho de São Marcos, por exemplo, o primeiro a ser escrito, é destinado a comunidades novas espelhadas no território romano. A destruição do templo, as tensões entre judeus e cristãos, a infiltração da propaganda romana nas comunidades e o desânimo dos cristãos levaram a sérios conflitos e desuniões. O autor do evangelho redige um escrito tentando recuperar as palavras de Cristo e animar as comunidades para se manterem firmes na caminhada. Com isso, ele cumpre com seu escrito, fazendo-o ser um intento catequético.

Isto posto, é preciso então considerar que os evangelhos apresentam a figura de Jesus como o grande mestre e pedagogo, e sua mensagem chama a uma renovação interior. Exemplo destas mensagens é o Sermão da Montanha (Mt 5,1-7,29), o chamado para a vida comunitária ao amor *ágape*. Anuncia a chegada de um tempo novo, o Reino de Deus (Mc 1,15), que é a confluência das esperanças e expectativas do povo judeu. Tomando o contexto histórico próximo, a Galileia estava sob a dominação do Império Romano, a economia estava baseada no modo de produção escravagista romano, o templo estava marcado pela corrupção e a fé estava mais ligada ao comércio do que ao sustento espiritual do povo. Antes, o povo havia sofrido com o Exílio da Babilônia e a dominação de Alexandre Magno e seus generais sucessores. O que a fé poderia iluminar nesse momento? Qual direção o homem deveria seguir para encontrar sentido em sua vida? Nesse contexto, Jesus surge como o mestre que ensina, não com palavras, mas com a própria vida.

Jesus ensina a partir de uma pedagogia totalmente nova. Ele parte, é claro, de dentro da realidade familiar (Lc 15,11-31) da Galileia. A família era tudo, o lugar de segurança e proteção, garantidora de identidade, lugar de trabalho, mas também de

conflitos por causa de sua estrutura patriarcal. Do seu local na família, observou como eram opressores os grandes proprietários de terra, com uma jornada de trabalho que escravizava (Mt 20,1-16). Presenciou uma sociedade que excluía cobradores de impostos, mulheres, pagãos, e que transformou o templo, morada de Deus e, portanto, lugar de encontro, num lugar de farisaísmo e de comércio. O Anúncio do messias será encarnado, simples e direto, capaz de encantar e despertar seguimento, pois parte do concreto da vida para falar da ternura e compaixão de Deus.

Com essa pedagogia, tornou-se poeta do reino, amigo dos pobres, das mulheres e criador de um movimento de renovação espiritual interior. Esse movimento, propagado por seus discípulos e com base nas culturas gregas e romanas, iniciou a maior revolução na pedagogia. Não temos nos escritos do Novo Testamento práticas de iniciação fixadas. Temos casos isolados como, por exemplo, a conversão de Paulo (At 9,1-31), que após um breve período, após uma experiência pessoal, recebe já o batismo. E o caso de Filipe (At 8,26-40) que encontra um Etíope que não compreende a escritura, após uma breve explicação ele é batizado.

1.5 A EDUCAÇÃO NO MUNDO CRISTÃO

A educação no mundo antigo tem suas marcas bem delimitadas como percebemos. Os gregos procuraram, a partir de um programa, formar um sujeito autônomo e universal, com um saber enciclopédico, por meio da cultura. Com a Paidéia a Grécia criou uma identidade através de sua cultura racionalizada e de uma organização política muito própria. Tudo no mundo grego merece consideração, o teatro, a religião laicizada, a mitologia e sua conseqüente passagem para a filosofia, a valorização da atividade intelectual em detrimento do trabalho físico, a racionalidade, a pedagogia, seja nos sofistas, em Platão ou Aristóteles e a política. Tudo isso dentro do processo que visa formar o indivíduo como um sujeito universal e livre. “Com os gregos temos a passagem da educação (como práxis e como tradição) à pedagogia (como teoria e como construção de modelos autônomos e inovadores em relação à tradição)” (CAMBI, 1999, p. 74). Somente dentro da vasta cultura intelectual grega é que o homem pode estruturar seu protagonismo como um sujeito para existir na *pólis*. A educação grega cai num dualismo que impregnou a cultura ocidental: a divisão entre o saber intelectual de caráter contemplativo e um saber prático destinado à formação profissional.

Em Roma a educação, em seus primórdios, esteve ligada à formação tradicional com caráter familiar e objetivo prático. Permanecerá assim até por volta de 146 a.C., quando Roma conquista a Grécia. A influência grega foi o que levou a transformação dos processos e a criação de um programa aos moldes da *Paidéia* Grega. Mesmo assim, o programa que surge em Roma tem um objetivo prático. Desse modo, o aprendizado da gramática, da retórica tinham caráter eminentemente prático dando destaque, por exemplo, à carreira militar. De início a filosofia não foi bem aceita, mas depois se tornou a base para uma nova pedagogia, essa fixou-se com base na formação ética e na retórica.

A cultura bíblica judaica antecipa o papel instrutor de personagens carismáticos, que falam e interpretam a história em nome de Deus. Algo que também vai ter muito apreço no cristianismo, já antecipando o papel do magistério na tradição católica. Nesse papel, destaca-se a importância dos profetas e dos apóstolos. No âmbito da educação propriamente, as famílias, o templo e a sinagoga cumprem esse papel. Formam o indivíduo através do estudo e leitura da lei, tudo gira em torno da compreensão dela. O homem deve entender a lei dada por Deus para assim viver bem.

Nos três exemplos citados acima: na cultura grega, na romana e na cultura bíblica judaica, a educação superou momentos de crise em prol da formação de um projeto de sujeito. O Cristianismo surge no mundo helenizado⁶ adaptando a forte herança recebida dessas três culturas. Tendo isso em vista, podemos considerar o nascimento do projeto educacional cristão a partir de sua tripla matriz.

O primeiro passo é a passagem um pouco conturbada do judaísmo para o cristianismo, haja vista que esse momento foi de grandes tensões doutrinárias encabeçadas pelos apóstolos. O Início da pregação e do ensino se deu dentro das instituições judaicas, depois de um tempo começaram a fundar as Igrejas pela Ásia Menor até chegar à Europa. A doutrina cristã não encontrará dificuldades em se estabelecer, “pois tem caráter basicamente pedagógico em sentido amplo, uma vez

⁶Em 338 a.C., Felipe II rei da Macedônia conquistou a Grécia. Com a morte de Felipe II sobre ao trono seu filho que ficou conhecido como Alexandre Magno. Alexandre foi educado nos moldes da cultura grega por Aristóteles. Assim nos territórios conquistados impunha a organização social grega, seu modo de vida e cultura, a educação e a religião. Dessa forma o mundo conhecido teve contato com a cultura grega através do processo de expansão dessa cultura que chamamos de helenismo. Alexandre e depois os herdeiros do império dividido levaram ao mundo antigo o teatro grego, arquitetura com suas estátuas, a música, a filosofia, o conhecimento astronômico e a literatura. Alguns desses aspectos não foram aceitos pacificamente e sua imposição foi causa de revolta. O fato é que a helenização tornou a cultura, a educação e a filosofia grega conhecidas em todo mundo antigo.

que ela esclarece o homem e lhe propicia os meios necessários para alcançar seu fim último” (NUNES, 1978, p. 3).

A pedagogia utilizada era semelhante à de Jesus, visitaram as cidades, as aldeias, pregaram nas praças por intermédio da peregrinação. O método é simples sem a construção de escolas, por meio das epístolas e da pregação que fomentam a fundação das comunidades cristãs. É o momento da fixação da doutrina e do culto litúrgico, aos poucos vai surgindo e se organizando uma estrutura própria do cristianismo. No primeiro momento, o ensino é feito por uma variedade de escritos que tinham como objetivo apresentar a vida cristã através da sagrada escritura, dos valores sacramentalistas e dos perigos das doutrinas heréticas. Dentro da Patrística vários padres se dedicaram a pensar a formação cristã. João Crisóstomo⁷ têm uma série de catequeses sobre o batismo, as quais buscamos como orientadoras dos catecúmenos em sua jornada formativa. Tomamos também dentro da prática pedagógica da Patrística Clemente de Alexandria, com a obra O Pedagogo, considerado como catecismo do cristão. Segundo Clemente Cristo é o pedagogo que como mestre interior conduz o homem a uma vida nova.

Segue, portanto, que a vós se revela a vontade do Pedagogo; a natureza de seus auxílios e a maneira doce e afetuosa pela qual nos convida a praticar o bem e desviar-nos do mal. Ainda é mais claro que esse verbo divino exerce a nosso favor um outro ofício, cujo objetivo é de nos instruir nas coisas invisíveis, espirituais e misteriosas (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2014, p. 28)

Esse é um período extremamente fértil para a fé cristã. Em meio a todo o processo de formação e edificação tem-se em suas facetas todo um processo próprio, e não foi edificado facilmente, lembramos os conflitos entre judeus e cristãos, as dificuldades para a fixação do cânon bíblico, as perseguições que levaram a vários martírios, a infiltração de doutrinas gnósticas, as heresias trinitárias e cristológicas. As práticas educativas vão surgindo dentro da nova mentalidade proporcionada pela fé cristã, e assim incorporou a noção de comunidade na consideração sobre a família. É repensada a noção de autoridade manifestada no amor e dedicação aos filhos.

As comunidades formadas pela fraternidade cristã e organizadas pelos princípios evangélicos sob a orientação inicial de um apóstolo, e depois de alguém designado por eles, vivem cada vez menos sob o influxo do poder civil. Já nesse momento a Igreja adotava “uma cultura de governo, religioso e civil, acolhendo os

⁷ A obra de destaque de João Crisóstomo é as Catequeses Batismais, que são a compilação de seus anos de pregador. Ficou conhecido como boca de ouro, e suas catequeses traçam um ideal formativo que ajudam no abandono da vida antiga e a renovar a consciência através do Batismo

modelos da administração e do direito romano, sobre os quais vai organizando sua própria função” (CAMBI, 1999, p. 126). No campo estritamente educacional, o cristianismo procurou harmonizar o projeto de formação recebido dos gregos e romanos, baseado na retórica e na filosofia, com o anúncio e ensinamentos do evangelho que confluíram na imitação de Cristo.

Segundo Marrou (1990), a educação cristã tem um sentido muito restrito, ela trata apenas das verdades que precisam ser conhecidas para se alcançar a salvação. Ou seja, a educação cristã para a Igreja Primitiva é somente educação religiosa. “A educação cristã não podia, como a educação profana, ser ministrada na escola, mas na e pela Igreja e, por outro lado, no seio familiar” (MARROU, 1990, p. 479). É dever da família educar para a doutrina e para a moral cristã, ela é o meio no qual a criança deve ser formada. Tal formação era completada com a iniciação doutrinal sobre os mistérios do cristianismo. Ainda segundo o autor, a formação não se originava no domínio da escola, mas nem por isso ela se desinteressou completamente pela escola. Foi por meio das escolas romanas que a Igreja alcançou cultura mínima sobre as letras para organizar seu culto, para se propagar e se manter no Império.

Os cristãos não construíram escolas, mas enviavam seus filhos para as escolas do Império. “As crianças e os jovens, de acordo com as posses dos pais, frequentavam as escolas dos gramáticos e dos retóricos, onde aprendiam as artes liberais junto com os seus colegas pagãos, e muitos professores eram cristãos” (NUNES, 1978, 20). A retórica e a filosofia tornam-se indispensáveis nesse projeto, pois tornaram-se críveis aos ensinamentos da fé cristã em seu processo de sistematização. Destacamos aqui dois momentos característicos desse momento inicial da pedagogia cristã, a formação de uma *Paidéia* e o surgimento das escolas monásticas, que só podem ser entendidas dentro do movimento da Patrística, que trataremos adiante.

Os primeiros pensadores cristãos denominados por Padres Apostólicos⁸ tinham conhecimento da filosofia grega, em especial a filosofia platônica, acreditavam que a *Paidéia* grega só podia realizar-se plenamente no cristianismo, porque Cristo era o grande pedagogo que conduziria o ser humano ao seu grau mais elevado. Esses

⁸ Os Padres Apostólicos foram os mestres cristãos, discípulos dos apóstolos ou ligados a eles, que escreveram ou ensinaram no fim do primeiro século e início do segundo século. São responsáveis pelos escritos mais antigos do cristianismo. Por volta do ano 150 d.C., surgem os Padres Apologistas, filósofos que em meio às perseguições, elaboraram começaram a elaborar a teologia cristã com base na filosofia grega. Foram responsáveis por dissolver as grandes heresias que surgiram da incompreensão de alguns dogmas da fé cristã. Escreveram tanto em grego (Padres Gregos), quanto em latim (Padres Latinos)

Padres beberam no pensamento grego para estruturar o pensamento cristão. O pedagogo cristão agora se torna um mestre espiritual, um guia que conduz a verdadeira sabedoria alcançada por meio da fé.

No século III, a partir das contribuições de Basílio de Cesaréia, Gregório de Nazianzo e de Gregório de Nissa, esse programa de formação cristã alcança o seu primeiro estatuto, com a elaboração de um programa que fez a junção de elementos da educação grega com a romana. O programa de formação das crianças e jovens deveria contemplar a formação literária e filosófica sempre atento às virtudes aprendidas na imitação de Cristo. Esse era um tempo, entretanto, de uma moral baseada na noção de pecado e da visão de que o mundo é um lugar perigoso, cheio de males morais, que devem ser evitados. As escolas monásticas aparecem com o intuito de retirar os jovens dos encantos que o mundo profano oferecia e lhes preserva de suas tentações.

As escolas monásticas surgiram no século III como lugar de renúncia do mundo e cultivo da ascese. As escolas tinham apreço pela formação intelectual com o estudo do grego, mas davam grande atenção ao aprimoramento da vida interior pelo controle das paixões e desejos.

Uma vez que no século IV não existiam colégios para a educação da juventude, e já que também a autoridade paterna decairia por completo em muitos lares, havia cristãos que condenavam de uma vez os templos, os espetáculos e os livros pagãos, repudiando desse modo a cultura profana. Assim pensaram os monges do oriente (...) que haviam recebido educação monástica e que, preocupados com a salvação eterna das pessoas, achavam que elas deviam ser preservadas das tentações das cidades e dos perigos dos espetáculos (NUNES, 1978, p. 23).

A busca pela razão tinha sua meta ao vencer essas paixões iluminadas pela fé. Os mosteiros aliaram cultivo interior com a formação cultural e intelectual e assim se tornaram grandes centros de erudição e conservação do saber. A formação monacal acompanha o desenvolvimento dos próprios mosteiros, e sua fixação por um determinado tempo como matriz espiritual católica. Dessa forma, entre os séculos III e VIII a proposta educacional cristã com os monges, se dá em função da formação espiritual, juntando o saber intelectual à fé, a contemplação e a meditação.

Em todas as culturas a educação oferecida pela família sempre teve considerável importância. Na cultura cristã não foi diferente, já aludimos acima, entretanto a mudança de mentalidade empreende algumas mudanças na concepção da família, sem, contudo, alterar as velhas estruturas que regem as famílias, como o papel do homem na condução da sociedade familiar. Os padrões que guiam os

relacionamentos cristãos devem ser aqueles expostos no Evangelho. Com isso, se reestrutura a imagem do Pai a partir da acolhida e da misericórdia, o modelo da família é o exemplo da família sagrada e nos seus vínculos de reciprocidade e confiança na vontade divina. Nesse modelo a família é o local em que se prepara para viver a excelência das virtudes e da moral cristã. A mulher continua ocupando um lugar sem grande visibilidade, mas há fortes indícios de que tenha ocupado um lugar de liderança nas primeiras comunidades com a existência de diaconisas e profetisas⁹.

O contato da mensagem evangélica com o mundo grego gerou a primeira formulação filosófica da fé cristã: a Patrística. A filosofia dará o embasamento racional e histórico que a religião cristã carecia. A Patrística foi a grande responsável por elaborar os principais conceitos do cristianismo, e se tornou, nessa investida, um grande motor da educação cristã.

1.6 A PATRÍSTICA E A EDUCAÇÃO CRISTÃ

A educação cristã, segundo Marrou (1990), é essencialmente iniciação dogmática e moral. A estruturação do pensamento dogmático cristão percorreu algumas etapas, as quais gerou mestres e doutores que tiveram a capacidade de, respondendo os desafios surgidos, elaborar sistematicamente a fé cristã, conhecida como a filosofia helênica cristã. A primeira geração desses mestres recebeu o nome de Padres Apostólicos¹⁰ e não trataram de problemas filosóficos, sua preocupação girou em torno de temas espirituais, com uma literatura piedosa. Os escritos destes Padres constituem os escritos mais antigos da Igreja. São deste período Clemente de Roma (35-97), Inácio de Antioquia (35-98), Policarpo de Esmirna (69-155). Destacamos dentre as obras deste período a Didaqué. Um sucinto catecismo escrito no fim do primeiro século, remete a uma instrução dos Doze Apóstolos, ou uma tentativa de se manter viva na comunidade da tradição recebida. “Esse documento nos

⁹ A Professora Ivoni Richter Reimer em seu artigo “*Santa Praxedes: memórias e visualidades de uma líder eclesial na Roma antiga*” apresenta uma pesquisa reveladora sobre o lugar de destaque que as mulheres tinham nas Igrejas Domésticas em Roma no século I. Essas mulheres exerciam o papel de liderança da igreja e continuaram a realizar os serviços eclesiais e sociais, com atenção especial a pessoas doentes, pobres e perseguidas (Cf. RICHTER REIMER, I. Santa Praxedes: memórias e visualidades de uma líder eclesial na Roma Antiga. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 13, n. 39, p. 1480-1509, 1 out. 2015.)

¹⁰ Não é uma tarefa tranquila a periodização da Patrística. A divisão que aqui tomamos é proposta por Giovanni Reale e Dario Antiseri no volume I, de sua História da Filosofia (Cf. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, v. 1. São Paulo: Paulus, 1990, 400-423).

permite conhecer as origens do cristianismo e, principalmente, nos dá uma ideia de como era a iniciação cristã, as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades” (STORNILO; BALANCIN, 2004, p. 3). A educação, na época apostólica, partia da consciência de viver a vida cristã no temor a Deus. No temor a Deus estava a essência da formação dos jovens.

A segunda geração dos mestres do cristianismo encontrou em Platão uma base sólida para a exposição da doutrina. Na segunda metade do século II, têm a tarefa de empreender uma defesa sistemática do cristianismo. A fé cristã havia levantado diversos temas estranhos à especulação filosófica e de difícil conciliação com a cultura conhecida. Com a fé cristã, era forte a consciência da mensagem revelada na Sagrada Escritura, Deus era o ser por excelência (monoteísmo), e que tudo havia criado como desígnio amoroso (criacionismo) e, havia a noção do Logos, Verbo que se fez homem para a salvação do mundo, tudo isso levava à ética da caridade e a um novo sentido da história.

De início esses Padres, dos quais citamos Justino (100-165), Irineu de Lião (130-202), Clemente de Alexandria (150-215) e Orígenes (185-253) tomaram a filosofia como inimiga e os filósofos adversários deveriam ser combatidos. Com o tempo, descobriram na filosofia uma grande aliada para se construir a defesa contra as heresias identificadas. A Patrística fez-se ainda ocasião para formação de várias outras “escolas superiores de religião cristã que foram o ornamento e glória do período Patrístico” (NUNES, 1978, p. 26).

Nesse período, tem relevância a obra *Diálogo com Trifão* de Justino, essa expõe as controvérsias que haviam entre os judeus e os cristãos. “Justino procura demonstrar que a antiga lei foi abolida por Cristo, que este é Deus, e que os pagãos são chamados ao reino de Deus, do qual os judeus se excluíram” (GILSON; BOEHNER, 2003, p. 26). Trifão é um judeu, ele vive em Corinto e respira o ambiente cultural filosófico da Grécia. Justino, em primeira pessoa, usando as concepções da maiêutica socrática, põe em exame as concepções cristã e judaica sobre a filosofia e Deus. Com isso, o diálogo seria a maneira de aprofundar o conhecimento superficial até chegar à verdade. Dessa forma, refuta a lei mosaica e expõe a Trifão que o verdadeiro filósofo deve conhecer a sabedoria eterna, que é Cristo.

Clemente e Orígenes são os dois expoentes da Escola Catequética de Alexandria, fundada por Panteno por volta do ano 180. Alexandria foi fundada por Alexandre Magno em 331 a.C, desde a sua fundação respirou cultura e sediou a maior

biblioteca do mundo antigo. Assim, a Escola Catequética tornou-se a primeira instituição cristã de ensino superior e foi palco de um desenvolvimento fértil da teologia. Orígenes, proibido de ensinar em Alexandria, fundou a Escola de Cesária, que logo alcançou prestígio no ensino da teologia.

Na terceira geração dos pais e mestres do cristianismo desenvolveu-se a fase mais fecunda, a qual corresponde ao momento da Patrística, propriamente dita, seu início se deu no século III e se estende até a Idade Média. Aqui, ainda em termos de divisão, temos os Padres que escreveram suas obras em grego (Padres Gregos) e os que escreveram em Latim (Padres Latinos). Neste período encontram-se grandes nomes da Patrística Grega, como Basílio de Cesaréia (329-379), Gregório de Níssa (335-394), Gregório de Nazianzo (329-389), e na Patrística Latina destacamos Tertuliano (160-225), Ambrósio de Milão (338-397), Jerônimo (347-420), Agostinho de Hipona (357-430), considerado o maior expoente dessa corrente da Patrística.

O pensamento cristão consegue se impor, deixando sua marca de elucidação das doutrinas cristãs. As controvérsias teológicas vão aos poucos se dissipando, e as obras dos Padres Capadócijs, Gregório de Nazianzo, Gregório de Níssa e Basílio Magno levaram à explicitação e a clarificação de pontos do pensamento cristão. Este é um momento tranquilo para a fé por causa das perseguições, pelos efeitos do Edito de Milão¹¹. “O povo afluiu em massa à Igreja, que começou a tomar consciência da sua missão de mestre dos povos” (GILSON; BOEHNER, 2003, p. 79)

Nesse momento continuam os empreendimentos iniciados pelos padres da Igreja nas etapas anteriores. Com João Crisóstomo, a escola monacal tem forte acento moral sobre a educação dos jovens. O Cristianismo na Síria¹² alcançou, no século IV, notável desenvolvimento educacional. Os pensadores cristãos dessa época trazem, como vimos, as marcas da formação grega (filosofia) e romana (retórica), a educação

¹¹ Desde o primeiro século os cristãos praticam livremente sua fé em Roma. Em 303, Diocleciano viu o Império em perigo por causa da fé cristã decretou que deixassem os cargos públicos, restringindo o culto. Decretou assim a perseguição aos cristãos como forma de purificar o império e valorizar costumes como a crença na divindade do imperador. O Edito de Milão de 313, assinado por Constantino e Licínio acabou com as perseguições infligidas pelo império principalmente contra os cristãos. Em 380 o Imperador Teodósio tornou o Cristianismo a religião oficial do Império Romano.

¹² O desenvolvimento do Cristianismo pelo Oriente deu-se em grande parte a partir de Antioquia. No período de formação das comunidades cristãs, a língua grega era pouco conhecida e usada. Antioquia e Edessa na Síria se tornaram centros de estudos sobre a teologia cristã. Antioquia tornou-se o centro da Cristandade síria em língua grega, enquanto Edessa encabeçou os estudos da Cristandade de língua siríaca. Essa escola siríaca alcançou notáveis progressos no século IV. (cf. NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Antiguidade Cristã: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo*. São Paulo: EPU: EDUSP, 1978. 23-26).

na escola siríaca estava a cargo de professores de retórica e o plano de ensino eram os clássicos gregos. Empregaram o método gramatical e histórico para a interpretação dos livros sagrados, base da teologia. Foram expoentes dessa escola Eusébio de Cesaréia (265-339) e João Crisóstomo (347-407). Assimilando totalmente a fé cristã, a Síria produziu, após o século IV, grandes obras ligadas à teologia cristã, bem como um grande número de santos que se empenharam na luta contra as heresias.

Por iniciativa do anacoreta Santo Efrém, surgiu a Escola dos Persas, acolhedora de jovens vindos de Edessa para receber instrução superior. Essa escola se destacou pelo contato com as obras de Aristóteles, que a partir do século IV foram traduzidas para o siríaco e permitiu o redescobrimto das obras aristotélicas. A Escola Persa teve outros ramos que deram continuidade a uma forte formação intelectual.

A Patrística Latina é produzida na Roma em latim, em sucessão à grega. Segundo Gilson (1995), somente em meados do século III, quando o latim substituiu o grego como língua litúrgica para a comunidade cristã de Roma, foi que se firmou o seu uso como língua literária cristã. Entretanto, é preciso reconhecer o notável desenvolvimento da Patrística Latina no norte da África, província romana. A região gozou de certa tranquilidade política, o que possibilitou certo progresso econômico, em que emergiu uma forte cultura literária.

1.7 O CATECUMENATO ANTIGO

Todo esse esforço teórico, empreendido pela Patrística, serviu para estruturar o pensamento e a fé cristã em sua exposição dogmática. Após esse momento de compreensão e explicitação interna da mensagem cristã, que foi feita com a ajuda da filosofia grega, surge a tarefa de transmitir os ensinamentos da fé. Como tarefa primordial, a Igreja primitiva recebeu como missão o mandato de pregar o Evangelho: “Ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura¹³” (Mc 16,15). No texto em grego temos a expressão κηρύξατε, transliterado como *kêrycsate*. O Verbo indica um anúncio ou proclamação solene. Conhecer a doutrina pregada e anunciada por Cristo¹⁴ e crer eram passos para se abraçar a fé. Desta passagem e de outras similares

¹³ Καὶ εἶπεν αὐτοῖς Πορευθέντες εἰς τὸν κόσμον ἅπαντα κηρύξατε τὸ εὐαγγέλιον πάσῃ τῇ κτίσει.

¹⁴ Há na Cristologia uma diferenciação não fácil de ser resolvida entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, o ressuscitado. Para o trabalho tomamos a perspectiva apresentada na obra *De Magistro*, um diálogo entre Agostinho e seu filho Adeodato. Com o intuito de descobrir como pode o homem que é finito alcançar a verdadeira sabedoria, Agostinho afirma que o conhecimento já existe previamente. Desse modo, por ação de Cristo o mestre interior é que se pode alcançar o conhecimento verdadeiro. Assim é

(Mt 28,19; Lc 24,47; At 2,38), retirou-se a fundamentação para uma instrução¹⁵ mínima sobre a fé antes de abraçar com o Batismo. Assim, definimos o Catecumenato como “Um período de instrução religiosa para o conhecimento da Palavra de Cristo e para sua plena adesão a ela e à sua Pessoa pelo Ato de Fé. Só depois disso é que o candidato à vida cristã podia ser recebido solenemente na Igreja” (NUNES, 1978, p. 42).

O povo judeu no Antigo Testamento já se organizava com práticas semelhantes, e na Sinagoga orientava para a vida religiosa e para a vida social. No Novo Testamento temos um forte exemplo desse anúncio, no livro dos Atos dos Apóstolos e nas Cartas do Apóstolo Paulo, encontramos uma iniciativa clara de instrução sobre Cristo¹⁶. Percorrer o caminho do Catecumenato antigo não é uma tarefa fácil, pois as fontes são escassas. Temos na *Didaqué* uma das fontes mais antigas desta instrução.

O catecumenato está a serviço da iniciação cristã, que é entendida, primeiro, a partir da categoria de iniciação estudada pela antropologia. A primeira definição de iniciação proposta por Bernardi (1974) é justamente um período sistemático de instrução, ao fim do qual, o candidato que terminava a iniciação sabia exatamente qual era a sua posição social e podia participar plenamente da vida normal da sociedade. Seu intuito é declarar adulto ou maduro os candidatos. Para tal, ainda segundo Bernardi, os adultos mestres ensinam as tradições e segredos da comunidade. O tempo de instrução e os ritos de passagem que vão declarar o candidato adulto, são complexos e variados. Não são atos isolados, mas se caracterizam por uma série de ensinamentos, que são completados por ritos iniciáticos¹⁷ ou de passagem. Não

Cristo a verdade que ensina interiormente. Falamos, portanto, de Cristo, para indicar o mestre interior que guia os catecúmenos e que no trabalho é o fim da iniciação cristã.

¹⁵ O catecumenato Antigo é um período de instrução, começou seu processo de instrução no século III. Citamos como exemplo de obras que atestam a estruturação e sistematização do Catecumenato: Tradição Apostólica de Hipólito de Roma; As Catequeses de Cirilo de Jerusalém; As Homilias Catequéticas de Teodoro de Mopsuéstia; As Catequeses Batismais de João Crisóstomo; Os Sacramentos e os mistérios de Ambrósio de Milão, Os Discursos Catequéticos de Gregório de Nissa.

¹⁶ São Exemplos At 2. Em que através de um sermão doutrinário de Pedro, uma multidão recebeu a palavra e na sequência foram batizados. Outro exemplo temos em At 8,26-39, em que Filipe instrui um eunuco pagão e o leva às águas do Batismo. Temos ainda nas Cartas Paulinas um caráter formativo sobre quem é Cristo, o que é possível observar, por exemplo, nos hinos cristológicos: Fl 2,6-11; Ef 1,3-14; Cl 1,15-20 (as duas últimas são pseudo paulina). E a carta aos Romanos que trata da vida cristã, do batismo, da fé, da justificação entre outros temas.

¹⁷ Preocuparam-se com esses ritos grandes pensadores como Émile Durkheim, que os descreve em *As Formas Elementares da vida Religiosa* (1960). A iniciação é diversa de acordo com a cultura de cada sociedade, mas tende a demonstrar a maturidade fisiológica dos adolescentes. Esses momentos incluem provas físicas, mutilação, incisão, circuncisão, depilação e tatuagem. E outros momentos que atestam a passagem de um status a outro da vida social.

podemos tomar a iniciação apenas por sua dimensão religiosa, ela faz parte de um todo, como o desenvolvimento fisiológico dos adolescentes inseridos em uma dinâmica de ensinamentos, os quais atestam a maturidade das mulheres e dos homens. Dessa forma, estão eles aptos a conhecerem os segredos e transmiti-los.

Para Bernardi (1974), a iniciação, de um efeito de ordem psicológica e estrutural, leva o jovem iniciado a crer que alcançou uma dignidade que o separa dos demais, “e o seu comportamento reflete esta consciência como se fosse verdadeiramente um homem novo” (BERNARDI, 1974, p. 97). De fato, os ritos de iniciação separam o candidato do seu convívio cotidiano com os amigos e familiares, e o levam por meio de símbolos a uma morte, o que lhe garante sua passagem sagrada a um outro status de vida. Por fim, os ritos devolvem o iniciado ao convívio social como um membro efetivo de sua sociedade. Através dos ritos a iniciação alcança alto valor educativo e marca sua capacidade de organizar a existência social de um determinado grupo.

A dinâmica do processo de iniciação é bem concreta em tribos espalhadas pelo mundo e carrega uma enorme riqueza, pois é algo enraizado na cultura humana. Da observação desse processo de iniciação tribal, passamos a compreender a iniciação cristã, em seus aspectos gerais, como citado acima, muito próximos. Não é intuito desta pesquisa enquadrar a iniciação cristã dentro da iniciação em sua consideração pela antropologia, mas sim a constatação de que o intuito da iniciação cristã é o mesmo: oferecer um novo status ao iniciado, por meio de instrução, ritos e símbolos celebrativos que marcam a passagem do candidato e o inserem na comunidade social madura. Na Igreja Primitiva essa passagem era marcada pelo catecumenato, que agora passamos a considerar.

O catecumenato é primeiro um tempo de instrução doutrinal. Ocupa lugar de destaque na formação dentro da Patrística o pensamento de Clemente de Alexandria. “A Palavra ‘instrução’ (pedagogia) é tomada em muitos sentidos. É a ação daquele que é dirigido e instruído, assim como daquele que dirige e instrui. Também é tomada no sentido de conduta e, enfim das coisas ensinadas, tais como os mandamentos” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2014, p. 72). As obras de Clemente traçam, na prática, um caminho de conversão com intuito de levar o cristão de forma eficaz à maturidade da fé. Com *Protréptico* (em grego significa voltar-se para) é uma exortação aos pagãos que buscam a fé. O *Pedagogo*, mostra Jesus Cristo como educador daqueles que já receberam o batismo, é o mestre que ensina os novos caminhos. Os *Stromata* é uma compilação não sistemática dos variados ensinamentos de Clemente.

Nesse sentido, Clemente de Alexandria expressa a preocupação com a formação doutrinal dos novos cristãos. O destaque que apresenta é Jesus Cristo como Pedagogo, que leva o catecúmeno pela razão e pela fé ao conhecimento da verdade. Essa busca leva o homem também a busca pelo seu fim último: a comunhão de vida com Deus que o torna o homem semelhante a Ele. Os homens precisam ser exortados para vencer os hábitos e paixões, em direção à fé. “Por isso, estamos usando o nome Pedagogo, por conta dos remédios que Ele nos dá. Afinal, Ele mesmo nos prometeu a cura de nossas paixões, conquanto sejamos dóceis e sigamos as suas instruções”. (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2014, p. 19). O nosso Pedagogo é Jesus, o Deus feito homem, sem mácula nenhuma, por isso pode exercer a função também de juiz, visto que Ele é a sabedoria eterna. Sua função “é curar, através das reprimendas, as inclinações viciosas da alma” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2014, p. 27).

A religião que os adultos buscavam com o catecumenato tinha, segundo Clemente de Alexandria, a tarefa de levar aqueles que iam em busca do encontro da Verdade. A formação cristã deve ser baseada nas Sagradas Escrituras, pois através da lei e dos profetas o Pedagogo exerce o seu ofício. Na obra, se igualam a importância da formação intelectual e da formação moral. Na segunda parte de *O Pedagogo* encontramos uma série de exortações que vão desde as regras de alimentação, o riso, até os deveres daqueles que moram juntos. O progresso numa vida sensata e feliz virá da obediência ao Pedagogo. “Assim o Verbo pedagogo, cheio de solicitude para com seus filhos conduz esses por uma rota que assegurará sua salvação” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2014, p. 72). É comum a aceitação de que esse período de formação fosse suficiente para que o catecúmeno compreendesse as verdades da fé, da sagrada escritura e da moral cristã. Os tempos formativos eram intercalados por celebrações que marcavam a graduação do catecúmeno. Diante disso dava-se a preparação próxima, culminando na celebração dos sacramentos na Vigília Pascal.

Para nossas considerações sobre a dinâmica celebrativa do Catecumenato Antigo vamos tomar três textos: *A Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*, e *Os Sacramentos e os Mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva* de Ambrósio de Milão. A importância do escrito de Hipólito de Roma¹⁸ reside no fato de ser a primeira descrição relevante do catecumenato, e é

¹⁸ O zelo de Hipólito o levou a disputas internas na Igreja de Roma. Presbítero da Igreja Romana, bispo cismático, primeiro antipapa da história, mártir da fé (Cf. GIBIN, Maucyr. Introdução: In: *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Editora Vozes,

escrita por volta do ano 215. Hipólito (170-236) foi um dos últimos a utilizar a língua grega em Roma consagrou-se como defensor da sã doutrina e da disciplina, tornando-se, na tradição cristã, um brilhante sacerdote da Igreja de Romana.

Vive o clima dos grandes conflitos teológicos sobre a Santíssima Trindade que dividiram Roma no início do século III. Nessas disputas destacou-se como moralista, exegeta, mas principalmente como orador dotado de grande ciência. A Tradição Apostólica foi escrita em Roma, “mas não se trata de uma fórmula que traduza apenas a liturgia romana. A obra pretende transmitir a tradição da Igreja” (GIBIN, 2019, p. 26). A obra está dividida em três partes, na primeira fala sobre a constituição hierárquica da comunidade, a segunda trata do nosso tema: a iniciação e o catecumenato, e a terceira parte fala sobre a observância de algumas práticas pela comunidade.

Ao falar na segunda parte sobre a Iniciação¹⁹ e o Catecumenato, temos a descrição completa do Catecumenato Antigo. A Iniciação está proposta em quatro etapas. A primeira é a preparação remota dos que se aproximam para receber a fé:

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo - e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a palavra; sejam, também, interrogados sobre a sua vida: se tem mulher, se é escravo. (HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 80)

Percebemos no trecho acima questionamentos que cercam esta primeira etapa, nela procura-se atestar que os que vinham do paganismo possuíam sincera vontade de abraçar a fé, e se a conversão era autêntica. É perceptível o empenho da comunidade cristã, principalmente os catequistas leigos, no acompanhamento dos catecúmenos. Segundo Gibin (2019), o ingresso no catecumenato não era forçado, pelo contrário, era pautado pelas exigências evangélicas, pois levava como consequência última ao banho batismal e ao ingresso para a vivência comunitária. Hipólito apresenta ainda uma série de trabalhos e artes que não se harmonizam com a vida cristã. “Inquirir-se-á também a respeito dos trabalhos e ocupações dos que apresentam para ser instruídos” (HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 81).

2019). A obra que consideramos foi redescoberta por volta de 1850, fruto do trabalho de crítica textual de vários autores. O texto que usamos aqui é a tradução feita em 2019 pela Editora Vozes, e traz ainda algumas dúvidas e imperfeições.

¹⁹ Iniciação à Vida Cristã é a meta do Catecumenato. O Catecumenato preparava os adultos para a recepção do Batismo, entretanto o Sacramento do Batismo incluía também os sacramentos da Crisma e da Eucaristia. Assim, ao se falar da recepção do Batismo como conclusão do catecumenato, falamos também da recepção da Crisma e por fim da Eucaristia. A Iniciação se dava por meio de ritos perpassados de forte simbologia, com o intuito de transmitir a herança da fé. Na Igreja antiga os sacramentos que compõem a iniciação cristã são vistos como uma única ação litúrgico-sacramental.

A segunda etapa era o tempo de preparação para a Iniciação. “Ouçam os catecúmenos a Palavra durante três anos. “Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter – nada mais – será julgado” (HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 84). O tempo do catecumenato é demasiado longo, o intuito é firmar-se o testemunho da fé. Vivendo imersos numa cultura pagã, os cristãos precisavam demonstrar que sua conversão era real. Hipólito destaca nessa etapa a oração, que deve ser algo constante a ponto de tornar-se a regra da própria vida. A terceira etapa vinha como consequência da preparação e da eleição para o Batismo.

Escolhidos os que receberão o Batismo, sua vida será examinada: se viverem com dignidade enquanto catecúmenos, se honrarem as viúvas, se visitarem os enfermos, se só praticam boas ações. E, ao testemunharem sobre eles os que tiverem apresentado, dizendo que assim agiram, ouçam o Evangelho. Desde o momento em que houverem sido separados, seja imposta a mão sobre eles, diariamente, e ao mesmo tempo exorcizados (HIPÓLITO DE ROMA, 2019, p. 86).

Nesta etapa, procede-se um novo escrutínio que irá averiguar não a doutrina do catecúmeno, mas sim sua vida. E para ser eleito precisava ser alguém de vida honesta, que cultivasse o cuidado com as viúvas, órfãos e doentes, e fosse capaz de fazer bem a todas as coisas. A Iniciação era precedida por imposição das mãos e por exorcismos que confirmavam a pureza do coração do escolhido. Fazia parte, ainda da preparação imediata, o jejum na sexta feira. No sábado, após breve oração, eram marcados com o sinal da cruz na fronte, nos ouvidos e nas narinas pedindo que lhes fossem abertos os sentidos para Cristo. A noite do sábado era a oportunidade para uma última instrução em vigília, ao amanhecer os catecúmenos eram batizados por imersão.

No texto, ficam claros alguns ritos, como a imposição das mãos do Bispo para se atestar a pureza do coração do catecúmeno, e a oração da comunidade para que o candidato obtenha a iluminação. É muito claro o ritual do Batismo sendo: a água, a apresentação, as unções com o óleo, a renúncia de satanás e a profissão de fé. A forma com a qual se batiza, com as três imersões, cada uma correspondendo à profissão de fé na Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Batizado o candidato faz parte da comunidade e a Iniciação se completa com a recepção dos Sacramentos da Confirmação e da Eucaristia, esta é a última etapa da Iniciação proposta por Hipólito.

A Tradição Apostólica de Hipólito de Roma traz um ritual completo da iniciação, e nos mostra a riqueza da vida comunitária, com a participação dos leigos, na Igreja Primitiva. Segundo Moreira (2011), pode ter sido um documento independente, pois

chega a uma conclusão própria, mas é um documento único no gênero, frente a outros Padres que ofereceram catequese esparsas sobre o assunto.

Para a compreensão de outros aspectos da Iniciação e do Catecumenato na Igreja Primitiva, vamos analisar as obras de Ambrósio de Milão, *Os Sacramentos e os Mistérios*, que tratam da Iniciação cristã na Igreja Primitiva. Ambrósio faz parte da Patrística Latina, grande erudito e também zeloso pastor. Viveu na época do Imperador Juliano, apóstata, que tinha a pretensão de restaurar a cultura pagã em Roma. Ambrósio era filho de um político, prefeito do pretório para as Gálias, e sua mãe formada na fé cristã. Teve formação em gramática, literatura grega e romana, retórica e direito. Recebeu sólida formação religiosa. Como catecúmeno foi instruído por Simpliciano, sacerdote que irá substituí-lo como bispo de Milão.

Iniciou carreira administrativa no Império, chegando a se tornar governador da Ligúria. Governava a Igreja de Milão o bispo Auxêncio, seguidos das teorias de Ario²⁰. Com a morte de Auxêncio houve forte disputa entre os católicos ortodoxos e os arianos para eleger o sucessor. Ambrósio esteve presente como força policial para acalmar os ânimos. Agiu com tamanha prudência e moderação que, em 374, ainda catecúmeno, foi eleito Bispo de Milão que procurava um pastor fiel e ortodoxo.

Em seu episcopado demonstrou prudência no enfrentamento das heresias, principalmente o arianismo. Mostrou apreço pelo estudo das Sagradas Escrituras e pelos escritos gregos. Preocupou-se com a formação do clero (demonstrada na obra *De Officiis*), e tinha também, como zeloso pastor, grande preocupação pastoral, daí lhe vem a preocupação que o levou a escrever *Os Sacramentos e os Mistérios*, uma catequese sobre o sacramento do Batismo e sobre a Oração.

Os ritos utilizados pela Igreja em Milão, “o curso do Catecumenato e a educação religiosa pós batismal correspondiam ao uso de Jerusalém” (NUNES, 1978, p. 49). Esteve em transformação, mas inspirou outras Igrejas de sua época como as da Gália e da Espanha. As obras *Os Sacramentos e os Mistérios* são uma exposição sobre os sacramentos feita aos neófitos. Diferente de Hipólito, que considera os catecúmenos,

²⁰ Ario (250-336) nasceu na Líbia e foi ordenado diácono pela Igreja de Alexandria, defensor de uma visão cristológica que negava a consubstancialidade entre o Filho e o Pai. Deu assim origem a doutrina chamada arianismo, que foi condenada em 325 pelo Concílio de Nicéia. O Arianismo ensina a distinção entre o Pai e o Filho, afirmando que o Filho, criado do nada no tempo, era pura criatura mais excelente que as outras, mas diferente do Pai por natureza, pois não é Deus (Cf. NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Antiguidade Cristã: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo*. São Paulo: EPU: EDUSP, 1978. p. 9). O arianismo nega assim a divindade de Cristo e causou grandes dificuldades na Igreja pois até os Bispos seguiram tais ideias.

Ambrósio dirige sua catequese aos que já foram batizados: “Nesta hora, daremos início à explicação dos sacramentos que acabais de receber”. (AMBRÓSIO, 2019, p. 35). Procede assim, porque acredita que a fé antecede a recepção dos sacramentos. A recepção do sacramento, que requer adesão pessoal e fé, se torna assim uma resposta à fé.

Ao falar sobre os Mistérios, Ambrósio demonstra seu intuito com a obra:

Demos, dia por dia, instruções sobre a moral, por ocasião da leitura da história dos profetas ou das máximas dos provérbios. Nossa finalidade era formar-vos e preparar-vos para que vos dispusésseis a entrar pela senda de nossos antepassados, seguindo-lhes o caminho e obedecendo aos desígnios de Deus. Estávamos seguros que, desta forma, renovados pelo Batismo, seguiríeis aquele tipo de vida que convém aos que foram purificados (AMBRÓSIO, 2019, p. 111).

A Iniciação começava com um tempo de formação sobre as verdades da fé e de instrução sobre a moral que deveriam levar a uma revisão de vida, essa instrução era oferecida antes de se receber o sacramento do Batismo. Após a recepção havia outro tempo de instrução sobre os sacramentos e a explicação dos mistérios da graça divina que o envolve. Na obra *Os Sacramentos* temos seis catequeses sobre o Batismo, e *Os Mistérios* faz uma catequese sobre a graça alcançada pelos neófitos e o sentido do sacramento em suas vidas.

Na primeira catequese, em *Os Sacramentos*, Ambrósio deixa claro o seu entendimento de que a fé vem pelo Batismo, pois o antecede. “Também nosso Pai Abraão foi justificado pela fé, e não pelas obras. Concluiremos assim: recebestes o Batismo, tendes a fé” (AMBRÓSIO, 2019, p. 35). Acredita-se na doutrina da justificação como é apresentada por Paulo na Carta aos Romanos. Passa assim a explicação do que aconteceu no momento da recepção do Sacramento, para essa explicação utiliza-se de uma vasta simbologia bíblica. Segundo Ars (2019), o rito é carregado de simbolismos que vêm ao encontro da própria natureza espiritual e sensível do homem e procura reviver, no seu desenrolar, etapas marcantes do processo de salvação decretado por Deus. A primeira catequese é tomada pela explicação de símbolos sendo eles: a persignação dos sentidos, a unção, as renúncias às obras do mal e a fonte batismal. Por fim, termina a catequese com evidências de que o Batismo é como um sinal bíblico e como obra da Trindade. Ainda assim, lembra-se do Batismo de Jesus, quando ele desce ao rio Jordão: “Portanto, desceu Cristo para a água e o Espírito Santo baixou como pomba. Também o Pai, por sua vez, falou do céu. Estás, aí, em presença da Trindade” (AMBRÓSIO, 2019, p. 45).

Na segunda catequese, recorda que há muitas espécies de batismos, como dos pagãos, dos judeus, alguns são supérfluos, outros figurativos. Recorda o papel simbólico da água, que lava, não a carne, mas comunica a vida e apaga o mal. A água está presente em momentos decisivos da história da salvação, nos quais Ambrósio vê uma antecipação do Batismo de Cristo no Jordão: na cura de Naamã (2Rs 5,1-27), na passagem do Mar Vermelho (Ex 14,15-31), no dilúvio (Gn 7,17-24), no episódio da piscina de Betesda (Jo 5,1-18). Esses batismos são prefigurações do Batismo que Cristo administra na Igreja porque é feito na presença da Trindade. Este se realiza por meio da palavra humana e por força da invocação da Trindade, momento em que entra em ação a Palavra eterna. O Espírito Santo se faz presente através de sinais na caminhada bíblica, tornando-se presente na vida dos crentes por meio da fé. Finaliza a catequese indicando o significado do batismo cristão, pois “para que a fraude e os laços do diabo não prevalecessem neste mundo, entrou na história o Batismo” (AMBRÓSIO, 2019, p. 56). Na fonte batismal a água mata os pecados e restaura a natureza humana.

Na terceira catequese, continua a explicar os ritos do batismo. A unção com o Crisma na cabeça: “Porque o sentido do homem sábio reside em sua cabeça” (AMBRÓSIO, 2019, 60). A sabedoria recebe a graça, o que Ambrósio chama de regeneração, a passagem da morte para a vida. A confirmação é conferida como selo espiritual:

Falta ainda o aperfeiçoamento, após a descida à fonte, quando o bispo invoca o espírito da sabedoria e inteligência, o espírito do conselho e da força, o espírito do conhecimento e da piedade, o espírito do santo temos que são como que as sete virtudes do Espírito (AMBRÓSIO, 2019, p. 65).

Na confirmação, há semelhança do que foi feito ao cego de nascença (Jo 9,1-40), os olhos do neófito são abertos para que possam ver com os olhos do coração. Ambrósio acredita que na fonte do batismo e na pregação da Paixão de Cristo, os olhos dos fiéis são abertos. Na Quarta e Quinta catequese, fala da Eucaristia que, com a Confirmação, é conferida juntamente com o Batismo, como etapas da iniciação cristã. O Batismo é a primeira tenda, em uma alusão ao Antigo Testamento, cujo Sacerdote entrava na primeira tenda frequentemente, mas na segunda tenda apenas o sacerdote entrava uma vez por ano. Os batizados são um povo sacerdotal e assim “na segunda tenda vos introduziu o bispo” (AMBRÓSIO, 2019, p. 69). Nesta segunda tenda há um outro altar, o altar dos perfumes. Agora os batizados, povo sacerdotal, já estão puros para participarem do altar da Eucaristia, e se alimentarem do pão descido do céu. Na

quarta catequese, mostra os sinais pré figurativos da Eucaristia no Antigo Testamento. Na nova aliança, o pão se consagra pelas palavras do próprio Cristo, autor dos sacramentos. Na Quinta catequese, temos destaque também o tema da oração. A oração que recebemos é a Oração do Senhor que se deve rezar com devoção. “Proclamar o que recebeste não é soberba, mas devoção. Levanta, pois, os olhos ao Pai que te gerou pelo Batismo, ao Pai que te resgatou pelo Filho e dize: Pai Nosso” (AMBRÓSIO, 2019, p. 91).

Na sexta catequese fala da maneira para se rezar, para tal é preciso cultivar o silêncio e rezar na intimidade do coração, porque Deus perscruta o coração. “É hora de darmos atenção ao modo de rezar. A oração exige muitas qualidades” (AMBRÓSIO, 2019, p. 100). A exposição sobre a vida sacramental iniciada no batismo, mas que abre aos dons do Espírito Santo e da Eucaristia, termina com os deveres da oração. Tudo isso tem um objetivo: levar o crente a uma vida santa, vivida de maneira nova, segundo os ensinamentos cristãos.

A obra *Os Mistérios*, tem o mesmo objetivo de *Os Sacramentos* e segue com pequenas diferenças no mesmo plano. São obras com caráter mistagógico, ou seja, leva os iniciados a uma reflexão sobre o mistério²¹ vivenciado na recepção dos sacramentos e nas consequências para a vida cotidiana. “Não dê fé unicamente aos olhos do teu corpo. Melhor se vê o que é invisível. O primeiro é temporal, enquanto o invisível é eterno. Melhor se enxerga o que não se abarca com os olhos, mas se divide pelo espírito e pela alma” (AMBRÓSIO, 2019, p. 118).

1.7.1 Aspectos Gerais do Catecumenato Antigo

A breve exposição acima, nos deixa a certeza de que o antigo catecumenato é um processo complexo organizado de acordo com as diferenças culturais da Igreja. A exposição de Hipólito de Roma, de Ambrósio de Milão e de Clemente de Alexandria foi feita à guisa de exemplo e de introdução. Poderíamos encontrar um testemunho válido sobre o Catecumenato Antigo e as práticas educacionais cristãs nas Catequese

²¹ Mistério (μυστήριον) aqui não é tomado no sentido de algo oculto ou incompreensível. Mas sim no sentido Paulino, no qual quanto mais se conhece, mais há o que se conhecer. Tomamos aqui as obras citadas de Ambrósio: *Os Mistérios* e *os Sacramentos*. Nelas o sentido de mistério toma perspectivas diferentes. Em *Os Sacramentos* refere-se aos ritos sagrados para se receber os sacramentos. Em *Os Mistérios*, refere ao sentido profundo daquilo que a Escritura comunica.

Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, nas *Catequese Batismais* de São João Crisóstomo, ou nas obras de Orígenes, considerado mestre da Catequese e que lançou sólidos fundamentos sobre a doutrina cristã.

Entretanto, de toda a vasta obra produzida pela Patrística é possível estabelecer alguns pontos comuns que foram se estabelecendo como uso ordinário nas várias Igrejas. A partir deles procuraremos definir os aspectos essenciais do Catecumenato. Esse uso comum se dá pela consciência necessária de um processo mínimo de preparação para abraçar a Iniciação Cristã, que traduz o ideal de conversão dado através da instrução moral, doutrinal e litúrgica. A instrução catecumenal procurava integrar fé e vida, para assim alcançar o objetivo de levar o cristão a viver autenticamente a fé. A instrução formativa moldava a vida de modo a conduzir o cristão a uma postura diferente frente ao que o cerca. Com isso, temos uma das definições essenciais do Catecumenato, sendo ele um processo permanente de educação da fé. Temos a seguir uma definição mais completa que delimita o Catecumenato dentro da tradição, da história, da liturgia e de seu objetivo pastoral:

Uma instituição eclesial de tipo pastoral-litúrgica que nasce e se consolida pela experiência, aprovada pela autoridade eclesiástica, desenvolvida dentro das comunidades cristãs a partir do fim do século II. Tal experiência se difunde, em todas as comunidades cristãs, a partir do século III e a primeira metade do século IV. Passa por uma transformação significativa, na segunda metade do século IV, mas permanece vital durante o século V. Após este século entra em lenta decadência, vindo a desaparecer completamente entre os séculos VII e VIII (CNBB, 2014, p. 20).

Claramente seu ideal era oferecer sólida formação sobre a fé, de forma que o iniciado tivesse plenas condições de conhecer o mistério que recebeu. O Catecumenato era, na era apostólica, uma preparação para adultos amadurecerem seu propósito de conversão²². Teve em primeiro lugar o intuito evangelizador, e foi a primeira forma com a qual a Igreja se evangelizou. Na época apostólica tinha-se um aspecto querigmático com intuito de anunciar Cristo. Dessa forma, “o processo pedagógico catecumenal é formado por dois eixos fundamentais: o anúncio querigmático e a mistagogia dos sacramentos” (CARVALHO; GIL, 2019, p. 47). Por *querigma*, entende-se ainda hoje, o primeiro anúncio recebido pelo catecúmeno e que lhe apresenta a pessoa de Cristo. A primeira preocupação, da instrução cristã antiga,

²² Contudo, temos indícios para acreditar que a partir do século IV, tornou-se comum o batizado de crianças. Afirma Hipólito de Roma “Os *baptizados* despiram suas roupas, batizando-se primeiro as crianças. Todos os que puderem falar por si mesmo, falam. Os pais, ou alguém da família, falem, porém, pelos que não puderem falar por si” (HIPÓLITO, 2019, 88).

não era a doutrinação antes do encontro com a pessoa de Jesus. Quanto à dimensão mistagógica dos sacramentos no catecumenato, a obra *Os Sacramentos* é perpassada por essa dimensão pedagógica. A palavra evangélica ouvida no tempo do *querigma*, na mistagogia “se torna visível com os gestos de acolhimento e acompanhamento” (CARVALHO; GIL, 2019, p. 52). Com a liturgia, o catecumenato leva à vivência celebrativa daquilo que se acolheu na Palavra. Experimenta-se na celebração e na própria vida a graça de Cristo, no intuito de levar para o cotidiano os seus frutos.

O processo se dava por meio de instrução doutrinal, era o catecumenato propriamente dito em que se aprendia os elementos básicos da fé, do culto, da Sagrada Escritura. Depois a Iniciação se completava por ritos e celebrações, manifestando a progressividade da Iniciação. Cada celebração marcava o avanço de uma nova etapa de formação. O processo era concluído por ocasião da Páscoa. No sábado, noite de vigília e preparação, o catecúmeno recebia o banho batismal, a unção da confirmação e participava por fim, da ceia eucarística.

Um processo global de iniciação era importante por diversos motivos, além dos que já destacamos aqui, citamos os perigos advindos do paganismo. Para evitar que os pagãos tomassem conhecimento da doutrina, desenvolveu, a partir do século III, a *Disciplina arcani*²³ que nos séculos IV e V se tornou um costume comum. Segundo essa disciplina, os catecúmenos deveriam abandonar a celebração litúrgica quando dessem início à Liturgia Eucarística. Desta só poderiam participar quem já tivesse recebido o Batismo. Dessa forma, dividia-se em duas etapas de preparação sendo uma remota, que tinha a duração de três anos, como atesta Hipólito de Roma, “Ouça os catecúmenos a Palavra durante três anos” (HIPÓLITO, 2019, p. 84). Este período de tempo era necessário para se averiguar a autenticidade da conversão.

O catecumenato deveria preparar o cristão para dar testemunho numa época de forte sincretismo religioso. Era o tempo da instrução que o catecúmeno iria receber de fato. Esse período era formado basicamente pela escuta da Escritura, da moral, do agir cristão e da oração comunitária e pessoal. “Não admite uma fé apenas interior,

²³*Disciplina Arcani* ou disciplina do segredo. Vetava a participação de pessoas não iniciadas na celebração eucarística, para se evitar que o culto fosse profanado ou desrespeitado. Somente os iniciados poderiam participar de toda a celebração. Surgiu assim dentro da liturgia a divisão entre a missa dos fiéis e a dos catecúmenos. Ao começar a liturgia eucarística os não batizados deveriam sair da Igreja. Outra explicação versa que os catecúmenos só poderiam participar da liturgia eucarística após serem instruídos suficientemente sobre os mistérios que iriam vivenciar, essa instrução seria oferecida no catecumenato. Essa disciplina tornou-se comum nos séculos IV e V, e impunha ainda outros momentos em que os catecúmenos rezavam separados dos demais fiéis, pois ainda eram impuros e precisavam de orações e exorcismos para ouvir a palavra fielmente.

nem uma religião conforme os moldes de cada indivíduo. O estilo de vida e até mesmo a profissão devem ser condizentes com a prática do Evangelho, testemunho diante de todos” (MOREIRA, 2011, p. 147). Os candidatos eram chamados de auditores na Igreja Grega, e na Igreja Latina de Catecúmenos.

Terminada a fase de instrução, começava a fase de decisão, para se passar à fase de preparação imediata. A última preparação estava ligada aos ritos da Quaresma e Páscoa, tempo em que os catecúmenos eram batizados. Os candidatos passavam por escrutínios e eram inquiridos pelo bispo, aprovados recebiam o nome de eleito ou de *baptizadi* e iniciavam a preparação imediata para a recepção dos sacramentos. Tal Preparação se dava com jejuns, orações e exorcismos. Após tudo isso o catecúmeno estava apto a receber na Vigília Pascal ou no Domingo de Páscoa, o Batismo, a unção da Confirmação e estava pronto a se aproximar do altar da Eucaristia.

O catecumenato se dividia em dois tempos, neles estavam presentes quatro momentos: pré-catecumenato, catecumenato, iluminação ou purificação e mistagogia. Estas etapas eram intercaladas por alguns ritos: admissão, eleição, bênçãos, exorcismos e por último a celebração dos sacramentos. Após a recepção dos sacramentos participavam das chamadas catequeses mistagógicas, como mencionamos acima, comentava-se a experiência com os ritos, com o intuito de perceber o que a graça divina queria comunicar aos neófitos.

A iniciação instrui o catecúmeno para torná-lo cristão, por isso o momento em que são recebidos os sacramentos lembra a Paixão, morte e ressurreição de Cristo, e são realizados no momento mais importante da fé cristã católica: a Páscoa.

Já para Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão os ritos pré-batismais e batismais não são vistos apenas no seu caráter de purificação, mas como participação nos sofrimentos de Cristo, o que confere ao batizado a graça da adoção à filiação divina (Cf. *Catequeses Mistagógicas* 2,6; *Os Sacramentos* 2,16-23). Os ritos pós-batismais selam essa adoção filial conferida no batismo. O neófito recebe o título de cristão e é movido ao seguimento de Cristo pela força do Espírito Santo (cf. *Catequeses Mistagógicas* 3,1-5). A participação na eucaristia é onde culmina a iniciação cristã. O neófito, ao participar da mesa do pão e do vinho, torna-se concorpóreo e consanguíneo com Cristo. É agora *crístóforo*, portador do Cristo (Cf. *Catequeses Mistagógicas* 4,2). (PACHECO, 2010, p. 179-180)

O novo nascimento se dá pela participação no mistério da Paixão. Todo esse processo visava levar o catecúmeno a compreender seu novo status de vida, após abraçar a fé cristã. Procurava-se chegar a isso através de uma vivência dos ritos e da liturgia. Por analogias e símbolos da experiência bíblico cristã, a pedagogia

catecumenal instruiu o homem para o amadurecimento de sua fé e consequente vivência cristã.

Consideramos válida a consideração de um aspecto que marca toda a pedagogia catecumenal, a dimensão formativa dos ritos e dos símbolos. Estes foram ricamente utilizados pelos grandes catequistas da Patrística, e através deles foi transmitido e ensinado muito da fé cristã. Composta de ritos e símbolos, os quais estavam a serviço da educação cristã, tornava a liturgia, segundo Borobio (2009), uma ação educativa cristã, um lugar privilegiado da educação da fé, pois todos os aspectos culturais do ser humano se entrecruzam na ação litúrgica. Nas duas obras analisadas percebemos a importância dada aos ritos e aos símbolos, e a força deles no que se deseja alcançar: a experiência da graça divina a partir da celebração. Novamente vamos analisar as duas obras que tomamos como base para nossa compreensão do catecumenato antigo, e tentar observar o papel da ação litúrgica para se alcançar a vida nova oferecida no processo de iniciação catecumenal.

Os ritos religiosos de iniciação têm como característica a rigidez e a similaridade. Os ritos de iniciação na antiguidade cristã não são idênticos, pois estão em processo de formação e de estruturação. O Hipólito de Roma, como já tratamos, traz o mais antigo testemunho a respeito do catecumenato cristão. Além de descrever sobre as condições para a admissão de um candidato ao catecumenato, mostra sua organização, duração e o lugar dos catecúmenos na assembleia, mas fala de maneira detalhada dos ritos catecumenais e do que ele deve provocar naquele que participa deles.

Hipólito se consagrou no exercício do ministério episcopal como grande defensor da sã doutrina e da disciplina. Assim, entendo que a preparação e os ritos sacramentais podem levar o catecúmeno a uma nova postura de vida frente à comunidade. Os *baptizandi* se preparam com jejuns e orações e devem receber a imposição das mãos do bispo que exorciza os “espíritos estranhos para que fujam e não se tornem jamais” (HIPÓLITO, 2019, p. 87). Esses são espíritos diabólicos que atrapalham a caminhada cristã autêntica. Na celebração, na qual receberá o Batismo, primeiro é marcado com o sinal da cruz na frente, nos ouvidos e nas narinas. Na sequência, entra em vigília até a manhã do domingo. O batismo se completa com a água, a unção com o óleo e as renúncias. Após o batismo o bispo reza, manifestando o novo status do neófito: “Senhor Deus, que os tornaste dignos de merecer a remissão dos pecados pelo banho da regeneração, torna-os dignos de ser cumulados do Espírito

Santo; lança sobre eles a tua graça para que sirvam de acordo com a tua vontade” (HIPÓLITO, 2019, p. 92).

Por fim, aquele que recebeu o banho batismal pode participar do banquete eucarístico, porque agora faz parte da comunidade, e pela celebração entrou em contato com os tesouros da graça e deverá viver como tal. A falta de clareza sobre as coisas da fé e sobre os ritos impediam os catecúmenos de participar de determinados momentos de oração da comunidade. De maneira concreta, pela Iniciação cristã, o catecúmeno é batizado no Espírito Santo e é inserido na vida comunitária. A Iniciação muda o status do catecúmeno, e lhe dá condições de assumir a vivência cristã com todas as suas exigências. “Após a cerimônia, apressem-se a praticar o bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na piedade” (HIPÓLITO, 2019, p. 95)

O catecumenato era uma forma de atestar a autenticidade da fé e verdade da conversão dos que aspiravam à vida cristã. Manifestou também interesse por aqueles que blasfemam e pelos que abandonaram a fé. Com isso, em um tempo de três anos, era o tempo para amadurecimento, conhecimento e profissão da fé. Os ritos celebrativos colocavam o catecúmeno em contato com o mundo novo, do qual agora ele tinha todos os códigos para interpretar e vivenciar a fé recebida. Iniciado, o novo cristão podia então ouvir o evangelho, participar da celebração litúrgica no seu todo e era também chamado a testemunhar a fé.

Ambrósio se tornou bispo de uma das mais importantes cidades do Império Romano. A prática catecumenal em sua diocese tem as credenciais para nos atestar como a Iniciação era feita na Igreja de Roma e seu objetivo. Na exposição das obras *Os Sacramentos* e *Os Mistérios* de Ambrósio, são possíveis ver qual era o intuito desta instrução oferecida aos que desejavam abraçar a fé cristã. Ungido o catecúmeno é feito “atleta de Cristo”, é fortalecido para a luta contra o mal. Para assumir o “novo nascimento” é preciso que renuncie o mal, mantendo sua condição nova assumida no Batismo. Na sua catequese sobre o mistério da vida cristã assumida no Batismo, Ambrósio mostra toda essa riqueza a partir dos símbolos. Como a fé cristã nasceu do judaísmo alguns dos símbolos utilizados remontam a tradição judaica²⁴, mas como prefiguração de um sentido pleno que só alcançaram em Cristo.

²⁴ O maná e as codornizes foi a maneira com a qual Javé alimentou seu povo no deserto. Na tradição cristã o maná é símbolo da Eucaristia. São ainda sinais da tradição judaica que tem incidência sobre a formação da fé cristã: a passagem pelo Mar Vermelho, o Dilúvio, o deserto, a Água (No episódio da cura

São vários os ritos expostos por Ambrósio para a recepção dos sacramentos: o Efata, a unção pré-batismal, a renúncia ao mal, os exorcismos, a tríplice profissão de fé, a unção na cabeça, as vestes brancas e a consignação. Estes, acompanhados de seus símbolos, ajudam o neófito a experimentar o mistério que foi celebrado. Para significar a graça que os neófitos recebem, são tomados elementos da natureza. Tornam-se eficazes ao remeter ao seu poder de vivificador, por exemplo, a água abençoada pelo Espírito Santo para o Batismo, lava e regenera para a vida nova em Cristo. A unção com o óleo, a exemplo das unções reais, insere o neófito no mistério de Cristo como sacerdote, profeta e rei. As vestes brancas são o sinal de que o batizado se desfaz da vestimenta do mal para se revestir de Cristo.

O Batismo, segundo nos apresenta Ambrósio, é uma iluminação, renova a vida. A pedagogia catecumenal leva o neófito a vivenciar e a experimentar através dos ritos e símbolos a graça sacramental, para, somente depois, ser instruído sobre os mistérios envolvidos. Mais uma vez tem destaque a pedagogia catecumenal em sua última etapa formativa, é o tempo da mistagogia. Cirilo, de Jerusalém, foi um dos que se deteve nesse aspecto formativo do catecumenato, na sua obra figura um conjunto de Catequeses, num total de 23: dezoito são catequeses para receber o batismo e 5 para os que já receberam, o que chamamos de catequeses mistagógicas. A Igreja da época enfrentava o arianismo e as heresias trinitárias, Cirilo age como guarda fiel da tradição. Nas Catequeses mistagógicas, tal qual um pedagogo explica os ritos e cerimônias do batismo. Diz na primeira catequese: “Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade” (CIRILO, 1977, p. 26). Depois discorre sobre os sacramentos da confirmação, da eucaristia e sobre a liturgia da missa.

O neófito não recebe do catequista conceitos vazios, ele é chamado a experimentar o mistério na celebração litúrgica. Após, o catequista num momento mistagógico, vai ensinar, a partir do que o neófito experimentou na noite Pascal. Mergulhados nos símbolos, ele “primeiro é tocado, aficionado em todos os seus sentidos, depois busca o significado” (PACHECO, 2010, p. 180).

O mistagogo, tal qual um pedagogo, conduz o iniciado a uma reflexão que tem como ponto de partida a liturgia, faz isso através das cerimônias e dos ritos religiosos. Através de símbolos explica o mistério, no qual o neófito foi iniciado. O sacramento do

de Naamã, da Piscina de Betesda). Destes símbolos passa-se a simbologia da fonte batismal, da unção, e por meio de tudo isto a fé na Trindade que se recebe pelos sacramentos da Iniciação. Toda essa simbologia era usada para ajudar a compreender a fé.

Batismo traz consigo uma grande graça, que o neófito precisa compreender para conseguir abarcar o mistério que ele envolve. Mistagogia e mistério se relacionam, e o intuito do mistagogo será conduzir o neófito para dentro do mistério, do insondável, e da graça divina que foi comunicada no sacramento. O mistagogo irá desvelando os mistérios presentes nos ritos vivenciados até explicitar totalmente o que foi comunicado ao homem por meio de todos os símbolos. Tal processo global e orgânico de formação, foi assumido pelas comunidades que tinham como intuito gerar cristãos por opção, firmes na fé, capazes de resistir até o martírio, ideal de vida e de santidade nas comunidades primitivas. Esse itinerário de formação catequética e litúrgica tinha como referência, a iniciação à fé e a vida de comunidade.

2. AGOSTINHO, A EDUCAÇÃO CRISTÃ E SUAS CONTRIBUIÇÕES

A formulação filosófica da Patrística encontra o seu auge com o pensamento de Agostinho (354-430). Ele é dono de uma vasta obra, com um pensamento avesso à ideia de síntese e uma biografia extensa. “A história no-lo apresenta como a figura que – conjugando, da maneira mais feliz, o ardor púnico ao espírito helênico e à vontade romana iria ser o pioneiro do pensamento cristão, o preceptor dos povos e o orientador dos séculos” (BOEHNER; GILSON, 2003, p. 137). Encontra a Igreja num momento em que cessavam as perseguições do império, mas por outro lado estava dividida internamente por disputas doutrinárias.

O próprio Agostinho passa pelo processo de iniciação cristã proposto pelo Catecumenato quando decide ser batizado. “Fui marcado pelo sinal-da-cruz e recebi o sal divino, apenas saído do seio de minha mãe, que em ti depositava todas as suas esperanças” (AGOSTINHO, 1984, p. 29). Nas Confissões, Agostinho cita o fato de ter sido submetido aos primeiros ritos do Catecumenato, que o admitiu como membro da Igreja. Mas, somente depois da instrução catecumenal, poderia ser admitido à participação dos sacramentos. Entretanto, a juventude lhe inspirou outros desejos e o afastou da caminhada da fé trilhada por sua mãe. “Rogo-te, meu Deus, que me mostres - se nisso consiste - por qual desígnio foi adiado o meu batismo: as rédeas do pecado me foram soltas, por assim dizer, para meu bem ou não?” (AGOSTINHO, 1984, p. 30). Das Confissões, sabemos que Mônica, a mãe de Agostinho, preferiu adiar o seu batismo para a maturidade, assim o filho não feria a dignidade do homem novo, assumida pelo cristão, ao receber o sacramento do Batismo, como diz Agostinho: “Minha mãe, porém, já previra quantas e quão grandes ondas de tentações ameaçariam a minha juventude; e preferiu expor a elas o barro do meu ser, mas não expor a minha imagem já feita” (AGOSTINHO, 1984, p. 31).

Nesse sentido, observamos o pensamento e as contribuições de Santo Agostinho para a educação, tornando-o mestre da educação ocidental. Para tal, vamos nos ater em algumas obras para perceber a noção básica de seu pensamento e de educação. Iremos considerar, de modo breve, três obras de Agostinho sendo elas: *Confissões* (399), na qual descreve sua vida até sua conversão, *De Magistro* (389), sobre Cristo o verdadeiro mestre, e *Cidade de Deus* (413-426), uma apologia da fé cristã contra os que a acusavam de ter levado o império à ruína. *Cidade de Deus* é um tratado de teologia da história e segundo Gilson (2001), é uma obra “a que sempre se deve

recorrer, qualquer que seja o ponto estudado de sua doutrina". A obra, que é objeto de pesquisa deste trabalho e à qual iremos nos deter, é *A Instrução dos Catecúmenos*, escrita por volta do ano 405, tem cunho mais pastoral do que filosófico doutrinal. De fato, o catecumenato está a serviço da instrução religiosa, mas essa se dá também pelo conhecimento da doutrina, que foi um dos objetivos perseguidos por Agostinho: a *busca pela verdadeira sabedoria*. Além destas obras destacamos dentre as obras de Agostinho: *Os Solilóquios* (386), *A Imortalidade da Alma, sobre o Livre Arbítrio* (388-395), *A Verdadeira Religião* (389-390), *A Doutrina Cristã* (397-427), *As Retratações* (426-427), e *a Trindade* (399-419), sua obra prima em questões de filosofia e teologia.

2.1 AGOSTINHO, VIDA E PENSAMENTO

Em Cartago, teve contato com Cícero, através do diálogo, *Ortensio*, hoje perdido. Esse diálogo despertou em Agostinho a busca da filosofia enquanto cultivo da sabedoria. Apesar da influência passageira do maniqueísmo e do ceticismo, não se ligou a escolas filosóficas. A partir do seu apreço pela busca da verdade, viu a filosofia como caminho, como busca pela sabedoria. Com formação cristã deficiente, teve sempre o nome de Cristo, aprendido com sua mãe, como referência. Como não encontrou esse nome, na especulação filosófica de seu tempo, passou a se dedicar ao estudo da Sagrada Escritura, seu primeiro contato com as Escrituras Sagradas não foi frutuoso, pois Agostinho não conseguia compreender em meio a todo o simbolismo bíblico o seu sentido.

Nesse momento, ainda em Cartago, por volta do ano 373, teve contato com o Maniqueísmo, uma religião fundada por Mani, na Pérsia, que buscava uma explicação puramente racional e de ordem superior do mundo, a qual ensinava uma oposição radical na relação dual entre bem e mal, entendidos como princípios ontológicos, e compreendia a fé unicamente por intermédio da razão. Ao entrar em contato com essa doutrina acreditava, Agostinho, que tinha alcançado a versão mais excelente do cristianismo, uma versão esclarecida que contrastava com a prática pelo povo simples, transbordava mitos e fábulas. Leu outros filósofos, mas nenhum deles fornecia respostas capazes de acalmar sua busca pela verdade.

Mais tarde ligou-se a filosofia cética, nela não há conhecimento certo, a dúvida torna-se o caminho para a especulação filosófica. Agostinho foi apresentado a Fausto Mileve, renomado sábio cético, esse encontro foi frustrante, pois sentiu o despreparo

deste. Assim, adquiriu a postura cética que rejeita qualquer dogmatismo, acreditando que o homem deve apenas contentar com opiniões. Tanto no Maniqueísmo, quanto no ceticismo, Agostinho não encontra as respostas necessárias para suas inquietações. Nos dois sistemas o saber racional estava antes da fé no caminho pela verdade.

Sua trajetória em direção à fé deu-se a partir de seu encontro com a filosofia neoplatônica e com os sermões de Santo Ambrósio, que despertou grande atenção em Agostinho. De Santo Ambrósio aprendeu o método alegórico²⁵ para a interpretação da Sagrada Escritura. Esse método busca escondido nos contextos históricos e nos gêneros literários o sentido espiritual de cada texto bíblico. A descoberta deste método foi o grande passo para a reorganização do pensamento agostiniano. Passou a compreender melhor as escrituras, e a partir de então colocou em suspeição o materialismo. Entretanto, ele ainda não estava totalmente seguro da novidade que abraçava. O que concluiu foi que estava buscando conhecer a verdade cristã por caminhos e meios errados, o maniqueísmo e o ceticismo. Com eles também foi levado ao erro de investigar a sabedoria, submetendo a razão e a ciência e desprezando a fé.

Passa a compreender que a teologia cristã tinha autoridade para interpretar as Escrituras. Segundo Boehner e Gilson (2003), para Agostinho se render de vez a esse pensamento e à fé era preciso erradicar o mal que estava na origem de seu racionalismo: o materialismo próprio do Maniqueísmo. Mergulhado nesse processo de descoberta da fé cristã, conheceu o neoplatonismo. Sua primeira impressão deixou à vista os pontos em comum entre o platonismo e a doutrina cristã. “O encontro com o neoplatonismo, que lhe proporcionou uma metafísica do Espírito, foi grandemente proveitoso para o jovem Agostinho” (BOEHNER; GILSON, 2003, p. 146). Essa metafísica foi a base para seus escritos de caráter espiritual e o ajudou a solucionar o problema sobre a possibilidade do mal. O platonismo ofereceu ainda substrato para a argumentação sólida para crer na existência do mundo espiritual e de Deus.

²⁵ Método empregado pelos filósofos e gramáticos na Antiguidade Cristã para a explicação dos textos da Sagrada Escritura. Nesse momento a filosofia platônica era a base para a explicação filosófica. Então o método alegórico partia sempre desse pensamento para explicar as páginas sagradas. As passagens difíceis do Antigo Testamento foram tomadas como uma alegoria, sob a forma de figura. O método alegórico possibilita a interpretação em quatro dimensões exegéticas: física, moral, histórica e mística. Assim se evitava interpretar as passagens bíblicas em sua forma literal. (Cf. NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Antiguidade Cristã: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo*. São Paulo: EPU: EDUSP, 1978)

2.2 AGOSTINHO E O SEU TEMPO

Consideremos com grande importância alguns ambientes para compreender a formação do ser humano. Para a compreensão do pensamento de Agostinho vamos considerar também sua terra natal, as instituições, a família em seu tempo e a formação escolar e religiosa. Nasceu em Tagaste, e viveu durante grande parte de sua vida no norte da África, em Madaura e Cartago, ou seja, o ambiente de sua formação inicial é o norte da África, no tempo da dominação romana. Da cidade natal de Agostinho, Tagaste, não nos sobrou muitas informações

Sua região natal era uma terra de muitas belezas e também de muitas histórias. Algumas delas ligadas às conquistas do Império Romano, o que gerou no norte da África uma sucessão de cidades romanizadas, eram cidades com ricos portos, fórum, anfiteatros, catedrais e basílicas. Roma construiu estradas, levou água e riqueza a estas cidades que eram o celeiro da capital do Império. A região que era fértil²⁶, recebeu de Roma investimentos, mas também forte influência da cultura e do modo de viver romano. “Suavemente, Roma havia introduzido na região suas instituições, sua organização, sua língua, sua cultura, suas escolas e suas corporações, seus colégios e seus jogos, sempre evitando interferir nas questões municipais” (HAMMAN, 1989, p, 12). A África não deixou de oferecer nessa relação grandes personagens da história romana, funcionários reais, papa e o nosso filósofo em questão. A região se torna próspera economicamente e intelectualmente, um lugar de diversas culturas e variadas influências religiosas e étnicas.

Apesar destas constatações, a vida na África, no tempo de Agostinho, era difícil e complicada para os mais carentes manter hábitos essenciais como se vestir ou calçar, essa era a situação de muitas famílias. A situação de desigualdade era claramente percebida nas diferenças e no estilo de moradia. Os pobres viviam amontoados em residências sem ventilação ou luz, enquanto os ricos possuíam casas enormes e bem localizadas. Tais desigualdades eram percebidas na maneira de vestir e de se alimentar. A alimentação, a base do trigo, tinha um forte caráter religioso, era

²⁶ Ao contrário do que se possa imaginar, essa é uma região rica e com cidades populosas. Essas terras possuíam um solo fértil, um povo trabalhador e empreendedor. No século IV, a região estava dividida em sete províncias, com cidades de grande prestígio cultural e econômico, como Cartago, Hipona, Líbia e Cesaréia. Essas cidades possuíam parte da administração romana, sendo assim cercadas de edifícios suntuosos que embelezavam as cidades. Além do solo rico, sua posição geográfica favorecia o comércio, vocação que os africanos herdaram dos fenícios. A colonização romana colocou a região em contato com aspectos culturais que nem sempre foram totalmente aceitos pelas populações

uma forma de confraternização, de homenagear os hóspedes e amigos e também de celebrar as diversas festividades religiosas.

As famílias africanas vivem a organização e a influência de Roma e daquilo que foi a família grega. Segundo Marrou (1990), a família romana é constituída pela autoridade inquestionável e direitos do pai, o *pater familias*, e a mãe como a mantenedora das virtudes e da primeira educação para as crianças. Assim, também na África, a família é o local em que a criança cresce e se forma. No cotidiano a situação das famílias era diversa: uma juventude promíscua, concubinato, havia locais populares de diversão, como as termas, as tavernas, os resquícios do paganismo. Hamman descreve um quadro mais cotidiano e realista da família africana a partir do que viu na vida do próprio Agostinho: “Um pai pagão, e leviano, cujo filho descobre os amores, uma mãe estritamente cristã, mas um pouco abusiva por frustração” (HAMMAN, 1989, p. 65).

Em tempos cristãos todas essas realidades eram contempladas pela fé com a oferta de casamentos, de conselhos e com a moral cristã. A educação familiar era completada pela instrução escolar, em que um pedagogo instrui as crianças sobre boas maneiras, o ato de ler, escrever e a conviver em sociedade. Agostinho fala desse momento em que aprende as lições básicas da educação: “De fato, eu não era mais uma criança, incapaz de falar, e sim um menino muito conversador; disto eu me lembro” (AGOSTINHO, 1984, p 25). Descreve o seu desenvolvimento ao guardar na memória as lições, os nomes das coisas e assim, pouco a pouco, chegou a compreender os sinais e a usá-los para exprimir os seus desejos. “E assim comecei a comunicar aos que me cercavam, os sinais que exprimiam os meus desejos, e desse modo entrei mais profundamente na tormentosa sociedade dos homens, sob a autoridade de meus pais e dos mais velhos” (AGOSTINHO, 1984, p 26). Essa era a instrução para as crianças que começavam aos sete anos e ensinava a criança a ler e escrever.

Agostinho teve que ir a Madaura, para então começar o segundo ciclo educacional, podendo estudar gramática e retórica. Em Madaura ele encontrou uma cidade universitária que respira cultura. Nesse período, descobriu as obras dos grandes clássicos latinos, como também as obras dos gregos, entretanto não sutil o mesmo entusiasmo. A educação superior, como nas outras civilizações do mundo antigo, era reservada à aristocracia. O terceiro ciclo da educação era universitário e tinha preocupação com a formação retórica. Entrava no mundo das palavras, para se

aprender a arte de falar bem, com eloquência, com vistas à persuasão e o convencimento na exposição das ideias. Agostinho iniciou no ano de 370 sua formação universitária em Cartago. Terminada sua formação iniciou sua carreira de professor, primeiro em Tagasta, depois em Cartago. Logo, foi promovido para Roma e por fim chegou a Milão.

No século segundo já se tem informações de comunidades cristãs com vida fraterna e liturgia estruturadas. A fé cristã penetrou rapidamente nesse terreno e exerceu considerável fascínio até nas aldeias mais afastadas. A vitalidade e o apreço dessas comunidades geraram mártires nas sucessivas perseguições, as quais sofreram dos imperadores romanos. Tem em seu catálogo grandes santos como Tertuliano e Cipriano. Essas perseguições aos cristãos africanos estenderam-se de 250 a 304, intercaladas com momentos de paz, mas não esfriou a vitalidade da fé, ao contrário, foi provocada pela vivacidade da fé cristã nas comunidades africanas, e intensificou o anúncio da evangelização. “De setenta bispos em fins do século II, já haviam passado para oitenta e sete no ano de 256. E eles seriam mais de seiscentos no início do século V”. (HAMMAN, 1989, p. 17). Assim, o crescimento despertou sentimentos contrários aos que praticavam a fé, como força para a vivência cristã, mas também excessos na busca por riquezas, honrarias e privilégios terrenos. A tendência, acrescida com os costumes próprios das comunidades, levou à prática de uma fé muito ao estilo local e, pouco desligada do catolicismo romano, o que nos leva a crer que a fé ali não foi mero fruto da expansão romana. Ali as páginas do Evangelho encontraram forte aceitação, porque sua mensagem oferecia uma solução fraterna para os problemas concretos da vida e da convivência cotidiana.

O latim passou a ser a língua oficial do cristianismo africano, usado na liturgia e na pregação. A religião na região era um misto herdado dos egípcios, dos gregos, dos romanos, sem, contudo, deixar de lado as tradições e costumes locais. Segundo Hamman (1989), a fé cristã penetrou nas terras africanas por meio de judeus convertidos, vindos da Líbia. A influência cristã veio do Oriente e não de Roma, o que levou ao cristianismo africano costumes vindos da Igreja do Oriente. Não temos muitas fontes desse período, mas essa inspiração é notada na liturgia, na arquitetura sagrada e ainda na disciplina dos sacramentos.

A região sofreu influência grega até por volta do século III, a língua culta era o grego, e nas zonas portuárias o púnico permaneceu favorecido pela necessidade de comunicação comercial. Já no século IV, o latim torna-se a língua culta oficial, sendo

usada nos meios administrativos e eclesiais. No interior e nas aldeias mais afastadas, prevalecia o uso de outras línguas e dialetos. Tanto que para os sacerdotes entenderem era necessário dominar o púnico ou o berbere. O latim penetrou na África na medida das conquistas romanas e no compasso que a Igreja penetrava a burguesia. A língua latina assim tornou-se expressão de ascensão social e, modificada ao jeito africano, foi amplamente aceita.

A língua era um componente essencial da vida cristã e da expressão de fé na África: ela tocava a alma africana, pois a admiração pela cultura latina não fazia com que nem os mais romanizados perdessem a qualidade de sua identidade e o orgulho de pertencer a raça jugurta (HAMMAN, 1989, p. 44).

A organização da Igreja africana seguia, em tese, a organização administrativa do Império Romano. Roma dividiu a região em seis províncias, a Igreja seguia com poucas diferenças tal divisão, sendo cada sede administrativa sede de bispado. Cartago, com o tempo e o destaque de São Cipriano como pastor e teólogo, se tornou sede primaz, assumindo a função de liderar e moderar a Igreja local. Em momentos de paz, a igreja conquistou a aristocracia com as pregações, por exemplo, de Santo Agostinho. Encontrou grande desenvolvimento da vivência da fé, um estilo mais recluso e afastado: o monarquismo. O próprio Agostinho chegou em Hipona com o desejo de fundar um mosteiro para se dedicar ao estudo, à oração e ao trabalho.

Entretanto, as grandes disputas internas ocasionadas pelo donatismo, acabaram por diminuir as atividades cristãs, colocando fim a um movimento missionário de expansão. O donatismo está no centro das discussões da Igreja durante todo o século IV, seu pensamento despertou calorosas discussões e disputas levando a uma cisma interna, que dividiu a Igreja. Agostinho é fruto desse intenso e múltiplo solo africano, um povo forte, cheio de virtudes contraditórias, marcados por fortes influências culturais e religiosas e, mesmo na vivência da fé cristã, um povo dividido.

Como Bispo em Hipona (395-430), cidade imperial, próspera e com uma comunidade de fé bastante fervorosa e afetiva, Agostinho conheceu de perto a vida e a organização da Igreja na África. Hipona foi construída pelos reis nômades para ser a capital. Assim formou-se como uma cidade rica, com toda a estrutura administrativa do império, mas também com locais de convivência social como termas e teatros. Tinha toda a estrutura de uma sede episcopal: cúria, catedral, casa episcopal, biblioteca. Sua localização privilegiada junto ao Mar Mediterrâneo lhe possibilitou um porto movimentado, que abastecia o mercado e abria-lhe para o mundo.

2.3 AGOSTINHO E O SEU PROJETO EDUCACIONAL

Agostinho e seu pensamento representam dois marcos. É um marco o fato de que sua obra “exprime o esforço de uma fé cristã que procura levar o mais longe possível a inteligência de seu próprio conteúdo” (GILSON, 2001, p. 145). Fará isso com os recursos tomados do neoplatonismo, que encontrou em Agostinho sua principal síntese. Sua noção de fé está perpassada pela filosofia platônica e por elementos da cultura greco-helênica, o que gerou uma visão de mundo que mesclava a fé cristã e a filosofia neoplatônica.

Já citamos acima as obras de Agostinho nas quais ele expõe as principais partes do seu pensamento. Agora citaremos de forma abreviada suas obras, nas quais se deteve no tema da formação cristã ou nos métodos de instrução educacional. *De Magistro* (389), é um diálogo com seu filho Adeodato em que lhe mostra Cristo como o Verdadeiro Mestre. Em *Confissões* (399), reconhece suas fraquezas e de forma autobiográfica revela sua jornada de conversão e formação cristã. *A Doutrina Cristã* (397-427) com objetivos didáticos e pastorais, trata da importância da exegese bíblica e traça um caminho formativo baseado na noção de história delineada em *A Cidade de Deus*. A noção está presente na obra *A Instrução dos Catecúmenos*, detendo-se dos métodos de se propor a doutrina cristã aos que se aproximam para abraçar a fé.

O projeto educacional pedagógico, de Santo Agostinho, é fruto de um tempo de conflitos, de disputas, das consequências da crise política, social e econômica que levaram à dissolução do Império Romano²⁷. A doutrina cristã havia atingido na Patrística sua expressão máxima. Assim, sem o Império a Igreja se tornará a grande responsável por indicar os caminhos de formação do homem e da sua cultura. Agostinho, com sua obra, contribuirá para a fundamentação filosófica e teológica desse projeto de formação humana, o cristianismo.

Não há como desvencilhar o pensamento agostiniano de sua jornada pessoal de conversão. O que ele irá propor é fruto de suas experiências ou do que rejeitou durante sua vida. Sua visão filosófica e teológica está marcada por uma convicção de

²⁷ O Império Romano significou a maior potência da antiguidade clássica e se estendeu da Europa, ao mar Mediterrâneo até a África e Ásia. Tem uma longa história e grandes desenvolvimentos culturais, econômicos, políticos e religiosos, alcançando notável desenvolvimento. As causas de sua queda não são fáceis de serem resumidas, sendo reflexo de uma série crise em suas estruturas que deixou o Império vulnerável para outros povos. Em 395 o Império se divide entre Oriente e Ocidente, e em 476 seu fim é decretado pelos povos bárbaros. (Cf. GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999).

fé que o levarão a destacar o dualismo entre o corpo e a alma, a desconfiança na sensibilidade humana, a confiança sobre-humana na graça, a valorização da ascese e da moral. Agostinho “investigou os aspectos fundamentais de uma pedagogia de estatuto religioso e deu-lhe soluções realmente exemplares” (CAMBI, 1999, p. 135). Essa busca considerou o homem um ser concreto a seu tempo e, pelo rigor metodológico e profundidade de suas reflexões, tornou Agostinho o mestre da pedagogia cristã.

Frente à insegurança e às incertezas geradas pelo Império, a fé cristã oferecia um projeto novo, vivido à base do desapego das coisas materiais e da esperança além das coisas terrenas. Com inspiração neoplatônica, pregava a felicidade humana a partir do desprezo do corpo, pois na alma, parte nobre do homem, é que se encontrava o verdadeiro conhecimento. O caminho do homem era, assim, uma busca moral e intelectual, na qual ia se identificando com a Sabedoria suprema, identificada como o próprio Deus, por Agostinho, a Verdade Suprema, a fonte de todo bem e de toda a felicidade.

Estruturou uma teoria do conhecimento, baseada na iluminação divina, inseparável da prova da existência de Deus. O conhecimento humano é uma luz espiritual, sinal da presença de Deus, verdadeiro conhecimento na mente humana. Segundo Gilson (2010), para Agostinho Deus é um conhecimento universal e naturalmente inseparável do espírito humano, mas para encontrá-lo é preciso empenho em uma jornada de busca interior. Reafirmava a necessidade dessa jornada, o fato de que nem todas as almas estavam à contemplação de Deus. Temos assim, uma noção da educação como uma peregrinação humana. Por meio dela ele vai tomando consciência da verdade, vai se afastando do que é material, mutável e mortal, e empenhando-se em sua auto formação para a compreensão da verdade das coisas espirituais, imutáveis e eternas.

Em seu projeto educacional, Agostinho tem uma noção negativa da condição do homem, que existe em uma condição miserável. O que era agravado pela situação histórica de crise e inseguranças vividas pela Europa Ocidental, os quais reclamavam para o homem um novo projeto de vida. Com isso, o homem é entendido a partir da unidade de alma e corpo. Nessa relação, o corpo é para o homem um sinal sinônimo de fraqueza, de pecado e de coisas que o atrapalham em sua jornada para o conhecimento. Já a alma é a parte nobre e racional do homem o que lhe vivifica e anima. A alma está ligada às verdades divinas e assim possui o conhecimento e a

verdade. Segundo Souza e Pereira (2009), como a alma encontra-se ligada ao corpo humano, é ela que liga o homem a Deus, e é por meio dela que o homem pode chegar a seu objetivo, ou seja, à contemplação de Deus.

A contemplação de Deus só é possível quando o homem se propõe, através de uma caminhada educativa, vencer as vontades materiais do corpo. Sendo assim, dominadas pelas virtudes interiores. Com isso, o homem se insere numa caminhada de regeneração e adquire as condições para a contemplação das verdades eternas e imutáveis. O fim dessa jornada é a felicidade eterna, que no diálogo *A Vida Feliz*, Agostinho identifica com a Sabedoria. “Toda pessoa para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria”. (AGOSTINHO, 1998, p. 155). A sabedoria é o que evita que a alma se rebaixe, mantendo o equilíbrio e evitando os excessos da ambição do orgulho e das demais paixões. Em síntese a Sabedoria é o próprio Deus que é também a Verdade almejada pelo homem.

Com o domínio da alma sobre o corpo, criam-se as condições ideais para o homem ir rumo ao processo formativo santificador, pois ele se afasta das coisas próprias do mundo e se volta para seu interior, o que lhe dá condições de encontrar a Verdade em sua alma, gozando da felicidade completa na contemplação de Deus (SOUZA; PEREIRA, 2009, p. 2461)

Do domínio das coisas materiais como condições para a busca do conhecimento verdadeiro, vai se estruturar a visão agostiniana de educação como jornada ou como processo de interiorização. Ou seja, o homem tem que voltar a si mesmo para iniciar a busca pelas verdades eternas, que não podem ser encontradas nos seres mutáveis. A interiorização tem o sentido de buscar o conhecimento de si, como aponta Agostinho: “não te dirijas para fora, regressa a ti mesmo; no homem interior habita a verdade; e, se deparares com a tua natureza mutável, ultrapassa-te a ti próprio” (AGOSTINHO, 2012, p. 72). É de fato a dinâmica que pode levar o homem ao conhecimento, uma fuga da exterioridade em direção à reflexão e a interiorização.

O apego ao que é corruptível leva o homem ao erro, e o amor às coisas terrenas a tira do caminho pela busca da verdade, mas permanece sempre em seu interior o amor pela Verdade Suprema. Agostinho faz surgir o ato de filosofar na fé, pois através da busca filosófica a fé procura conhecer a Verdade. Ele coloca a filosofia e a fé num relacionamento equilibrado, “a fé não substitui nem elimina a inteligência, pelo contrário, estimula e promove a inteligência. E analogamente, a inteligência não elimina a fé, mas a fortalece e, de certo modo, a clarifica”. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 434). A filosofia ajuda na jornada humana, na passagem do mundo do erro e da

dessemelhança para o mundo da Verdade. Com o pensamento racional filosófico, Agostinho irá demonstrar que essa jornada é revestida de racionalidade. Através da mente o homem tem acesso aos diversos degraus da alma, e, nesse processo de interiorização, ele acaba por descobrir em si a presença da Verdade transcendente e inteligível, a qual sempre buscou. Portanto, se completa o processo de interiorização, pois o homem ao descobrir em si a presença divina que busca, acaba por se harmonizar com ela. Essa jornada de interiorização e da busca de Deus, se realiza com as faculdades da racionalidade humana que corrigem as faltas e os pecados da vontade humana.

Há, segundo o filósofo hiponense, duas formas de conhecimento, a sensível, baseado nos sentidos, e o conhecimento das coisas inteligíveis. Nestas formas Agostinho se detém mais demoradamente, e é esse conhecimento que o homem deve buscar em sua jornada formativa. Com a teoria da iluminação divina, explicou como, através da ação direta de Deus, o homem pode chegar ao conhecimento, é a luz de Deus que torna possível perceber as verdades. A iluminação é o meio pelo qual o homem pode encontrar a Deus. A verdade transcende a homem, mas por meio da inteligência é possível alcançá-la. Para tal, além da vontade humana em buscar, é preciso ainda a graça de Deus, sendo um auxílio para o homem na luta contra a cobiça dos bens materiais.

As coisas materiais produzem falso conhecimento, pois são mutáveis e sem perfeição. Nas Confissões Agostinho mostra seu itinerário de conversão como processo de busca da verdade que é Deus. “Com a mente perturbada, não conseguindo ver claro sequer a mim mesmo (...) meu pensamento não ia além das coisas que se veem com os olhos do corpo” (AGOSTINHO, 1984, p. 170). No livro VII encontramos a jornada de Agostinho em busca do conhecimento de Deus, que é a Verdade. O conhecimento de Deus é uma tarefa gradual: “admirava-me de agora amar a ti, e não a um fantasma em teu lugar. Mas, ao mesmo tempo, eu não era estável no gozo do meu Deus” (AGOSTINHO, 1984, p. 191). O homem eleva-se a Deus na medida em que vence seus hábitos carnis. “Atraído por tua beleza, era logo afastado de ti por meu próprio peso, que me fazia precipitar gemendo por terra. Esse peso eram os hábitos carnis” (AGOSTINHO, 1984, p. 191). A educação faz parte de um processo de busca, de iluminação, em que o homem encontra condições necessárias para vencer o estado de decadência em que se encontra.

Desse modo, elevei-me gradualmente do corpo até a alma, a qual os sentidos comunicam a realidade exterior, e que é o limite atingido pelas faculdades dos animais. Daí subi até o poder de raciocínio, que julga conforme a percepção fornecida pelos sentidos corporais. Mas como também essa potência se reconhece mutável, elevou-se até a inteligência e, afastando o pensamento de suas cogitações habituais; desembaraçou-se do turbilhão de fantasias contraditórias, descobrindo então qual a luz que lhe iluminava a inteligência ao afirmar com segurança que o imutável é preferível ao mutável (AGOSTINHO, 1984, p. 192).

Para a compreensão do projeto educacional de Agostinho é preciso ter claras algumas noções que ele traz na consideração sobre o homem. Deus e a alma humana são os dois grandes problemas de sua filosofia, as questões que realmente importam para a filosofia na busca pelo conhecimento. Mesmo tendo em seu pensamento forte influência neoplatônica, Agostinho não toma o homem de forma abstrata pela ideia da essência, ele toma o homem de forma concreta, “o que ele propõe é o problema mais concreto do eu, do homem como indivíduo irrepetível, como pessoa, como indivíduo, poder-se-ia dizer com terminologia posterior” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 437). Partindo de sua própria experiência pessoal, fala do homem a partir de sua relação com sua terra, família, amigos, das tensões das vontades. Considera ainda a luta das vontades humanas com a vontade divina, dando espaço para o surgimento do eu frente às questões religiosas. Na jornada de interiorização o querer humano é harmonizado pela força do sentimento religioso. Segundo Reale e Antiseri (1990), esse embate entre a vontade humana com a vontade divina leva à descoberta do eu como pessoa.

No centro do processo de interiorização do homem está a noção de que ele é imagem da Trindade, a mais alta noção divina dentro do Cristianismo, a noção de um só Deus e um só senhor, e o mistério de três pessoas num só Deus, que inclui o conceito de pessoa, de comunhão e de amor. Em sua jornada, “à medida que reflete as três pessoas da Trindade e sua unidade, torna-se ele próprio pessoa” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 438). Dessa forma, é investigando o interior do homem que se poderá ter acesso a algo muito mais profundo do que as questões próprias do homem, poderá encontrar o que lhe dá ânimo e sentido, pois é a Verdade e a Felicidade, o próprio Deus. A Verdade almejada pelo homem tem múltiplos sentidos, mas em seu sentido mais amplo, a Verdade Suprema, Agostinho a identifica com Deus.

Outro dado importante para a formação humana empreendida pela fé, vamos encontrar de forma sistemática na obra *De Magistro* (389), é o reconhecimento de Cristo como verdadeiro mestre. *De Magistro* é um diálogo em que Agostinho trata com seu filho Adeodato sobre a função da linguagem e da comunicação. Este é o tema

principal do diálogo: como é possível o ensino? E como é possível reproduzir as ideias em outra mente? Com estas questões Agostinho, mostrando seu gênio retórico de professor, vai teorizar com Adeodato sobre comunicação, linguagem e a finalidade da fala. Nas soluções apontadas para estas questões, Agostinho parte das conclusões da filosofia platônica. *De Magistro* figura entre as primeiras obras de Agostinho e por isso tem o peso do platonismo. Na obra há então uma tentativa de cristianizar os processos descritos por Platão, para se chegar ao conhecimento. O platonismo fala em teoria da reminiscência, Agostinho fala em teoria da iluminação divina. O conhecimento está presente na alma humana, o homem que busca sua interiorização por meio da razão chega ao conhecimento auxiliado pelo Mestre interior. O conhecimento é uma busca interior, a partir da qual o homem recorda aquilo que foi iluminado pelo próprio Deus. Nessa tarefa de busca, Cristo é o mestre interior que auxilia na contemplação das verdades presentes no homem.

O projeto de formação de Agostinho, responde a um período concreto e significa a consolidação do catolicismo através de um projeto de formação humana, que se confundiu com o projeto de formação cristã. O projeto traçado por Agostinho era o caminho para se alcançar o conhecimento seguro, a verdade e a felicidade. A compreensão do que indica em suas reflexões nos aponta caminho para compreensão do homem cristão, cuja formação ele teorizou e ainda hoje acompanha o ensinamento do magistério oficial da Igreja Católica. Em suas contribuições através de um projeto educacional, viu o tempo através de uma relação dual: o temporal e o eterno e, através da doutrina da iluminação, abriu o homem à contemplação para além daquilo que lhe cerca de maneira concreta. Desse modo, colocou-se o homem num caminho de conhecimento de si mesmo, um caminho solitário, mas somente assim o homem, na sacralidade do seu interior, pode chegar a conhecer a verdade e a felicidade eternas.

2.4 A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM *DE CATECHIZANDIS RUDIBUS*

De Catechizandis Rudibus, foi traduzida para o Brasil como *A instrução dos Catecúmenos: teoria e prática da catequese*. “Os Rudes, do título da obra agostiniana, é o termo para designar os que principiavam o Catecumenato” (NUNES, 1978, p. 55). Dentro da vasta obra de Agostinho, *A Instrução dos Catecúmenos* não figura como obra expositiva de seu pensamento ou de temas relevantes, sobre os quais escreveu

o filósofo. Foi escrita por preocupação pastoral de Agostinho, com o intuito de colaborar com a instrução dos que buscavam conhecer a fé cristã. A obra, no Brasil, foi publicada com o mesmo interesse, contribuir com aqueles que têm a tarefa de propor os fundamentos da fé. Aqui, da mesma forma como no seu tempo, a obra toma forma de um brilhante tratado com características práticas, em que são expostas as teorias e métodos para uma exposição cativante e frutuosa do catecumenato. Agostinho, já se tornará mestre na pedagogia interior, insere, então, todo o seu gênio teológico no oferecimento de uma pedagogia prática e realista.

Deogratias é diácono da Igreja de Cartago, pela sua fé ortodoxa e capacidades humanas, foi atribuída a ele a tarefa de oferecer a catequese aos que buscavam a fé cristã. Escreveu então a Agostinho, com quem mantinha bom relacionamento, para obter instruções sobre a maneira correta de se propor os rudimentos, a partir dos quais se poderia abraçar a fé. “Pedes-me, irmão Deogratias, que te escreva algo que te ajude na instrução dos catecúmenos” (AGOSTINHO, 2005, p. 37). Deogratias vive angustiado e preocupado com os meios empregados pelo catecumenato, para que possa alcançar bons frutos. “E tu, quase sempre te angustias procurando a maneira exata pela qual deva ser ensinada essa doutrina que, pela fé, nos torna cristãos” (AGOSTINHO, 2005, p. 38). Suas dúvidas e angústias, a partir das quais virá a resposta, giravam em torno das seguintes questões: “Por onde começar? Até onde levar a narração? Ao terminá-la, devemos dirigir uma exortação ao nosso ouvinte ou tão somente ensinar-lhes os preceitos em cuja observância aprenderá a acreditar na vida e na revelação cristãs?” (AGOSTINHO, 2005, p. 38). Como resposta a Deogratias, Agostinho acaba por elaborar um pequeno manual simples, mas prático, sobre a maneira de como propor as lições mais rudimentares sobre a fé cristã, podendo assim abraçar o catecumenato que na época já funcionava de forma bem estruturada.

A Igreja de Cartago já está completamente estruturada no século II, com comunidades vivas e efervescentes, hierarquia constituída e liturgia organizada. Espalhou-se rapidamente pelas tribos e aldeias africanas, e contagiou os cristãos ao ponto de levá-los ao martírio, como é o caso de Felicidade e Perpétua em 203 e de Cipriano em 258. Cartago se beneficiou com a prosperidade da África e foi reconstruída pelo Império Romano, tornou-se sede episcopal e logo conquistou a primazia dentro das Igrejas da África, gozando de prestígio e autoridade. Por conseguinte, diversos tipos de pessoas procuravam a fé cristã como os viajantes, transeuntes, soldados, pessoas que representavam o Império em Cartago. “Muitos

habitantes do império são pessoas desprovidas de raízes” (COMBY, 2012, p. 27). Ainda segundo Comby (2012), nesse ambiente mesclado e diverso, enquanto alguns espíritos caem no ceticismo, outros procuram uma divindade capaz de oferecer consolo ao crente. A obra de Agostinho considera os pagãos que, advindos de diversas realidades, procuram conhecer a doutrina e as verdades da fé. São adultos que depois de instruídos ingressarão no catecumenato. Por essas considerações, o catecumenato tem grande importância na Igreja dos primeiros séculos, a ponto de se tornar um movimento fortemente organizado e estruturado. Agostinho dirige suas orientações para aqueles que se ocupam das lições rudimentares da fé. Mas, facilmente e com grande êxito, se aplicam também ao catecumenato em suas etapas posteriores.

O sentido da história, delineado na Cidade de Deus, acompanha as reflexões de *A Instrução dos Catecúmenos*. A vida cristã deve ensinar os homens a viver na cidade terrena sem perder de vista suas opções e escolhas, as quais devem levá-los à cidade celeste. A jornada de busca pela cidade celeste está na base da concepção agostiniana de educação, como processo de busca e de interiorização, pois “há desde o início do gênero humano e haverá até o fim dos séculos duas cidades, uma dos iníquos, outra dos santos. Misturados agora pelos corpos, mas separados pela vontade, serão no dia do Juízo separados também pelo corpo” (AGOSTINHO, 2005, p. 88-89).

As indicações de Agostinho, na obra *A Instrução dos Catecúmenos*, englobam as dificuldades da comunidade cristã de Cartago e das demais da época. Tem-se implicações concretas para as comunidades cristãs de nosso tempo, que buscam uma forma de compreender o modo de levar os catecúmenos a se iniciarem no mistério cristão. A obra é dividida em duas partes, em que são tratados temas diversos, como as causas do enfado para os ouvintes e indicações concretas sobre como propor a beleza da fé, a adaptação da mensagem aos ouvintes, os temas para as catequeses e a iniciação dos catecúmenos através dos símbolos.

A primeira grande questão levantada não se refere ao conteúdo nem aos métodos, é uma consideração quanto ao risco de se buscar uma exposição, que, por vezes, agrada aos ouvintes, mas desagrade ao expositor. “Entristeço-me de que minha língua não baste ao meu coração” (AGOSTINHO, 2005, p. 39). O desejo de ser agradável aos ouvintes leva a considerações fracas e irrefletidas. O expositor comunica o que lhe parece claro, sem levar o ouvinte a reflexões mais profundas, pois sendo incapaz delas, julga que quem lhe ouve também será incapaz. Desta

consideração inicial tira algumas conclusões: “o fio da nossa elocução é o tocado pela nossa alegria” (AGOSTINHO, 2005, p. 41). A acolhida aos que serão instruídos na fé deve ser alegre e festiva. A instrução deve ser um diálogo alegre, às vezes breve, outras mais longo, porém sempre completa.

Traça ele mesmo o plano da obra, com a estrutura seguinte: “Diremos o que nos foi inspirado por Deus, primeiro sobre o modo de narrar – pois sei o que desejas – depois sobre como ensinar e exortar, e em seguida sobre o modo de conseguir alegria” (AGOSTINHO, 2005, p. 42). Santo Agostinho entende a catequese como uma grande narração da história da salvação contada nas páginas da Sagrada Escritura até os tempos atuais da Igreja. A catequese se abre como uma narrativa global dos grandes fatos, que apresentados ao exame do espírito humano, despertam admiração e prazer. A narração não pode levar ao cansaço e tampouco levar logo de início a confusão da memória.

A narrativa percorre as etapas pré figurativas do Antigo Testamento até chegar aos eventos que revelam o Cristo, centro da mensagem cristã. Faz-se necessário para quem busca conhecer a fé cristã deter-se na meditação do amor. “Que causa pode haver da vinda do Senhor senão mostrar-nos Deus o seu amor?” (AGOSTINHO, 2005, p. 46). Esse amor, que é fruto da bondade excessiva de Deus, desperta e motiva o ser humano em sua jornada. A instrução religiosa, partindo das Sagradas Escrituras, têm grandes lições a considerar, mas estas jamais podem prescindir da lição sobre o amor. Ele é como o alvo para qual tende toda narração da fé: “O que quer que narres faz-o de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo, creia, e crendo, espere, e esperando, ame” (AGOSTINHO, 2005, p. 49).

Já aludimos acima com *A Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*, que abraçar a vida cristã exigia certas disposições de mudança de vida, essas disposições eram atestadas por escrutínios que indicavam a retidão de vida dos que iriam abraçar a fé. Agostinho destaca a necessidade de atestar se quem se aproxima o faz por temor a Deus ou por busca de privilégios. “É útil que nos informemos com antecedência, se possível, junto aos que o conhecem, sobre o seu estado de espírito e sobre as causas que o induziram a vir receber a religião” (AGOSTINHO, 2005, p. 51).

Ao elencar as causas de enfado para os catequistas, Agostinho começa a entrar na exata questão proposta por Deogratias. São situações adversas que acabam por levar o catequista a um aborrecimento espiritual. A obra expõe seis causas de enfado e propõe algumas maneiras para remediar as situações. A primeira causa do enfado

está no fato do ouvinte não acompanhar a narração, assim o catequista muitas vezes precisa se colocar à altura do ouvinte. Com isso, Agostinho ensina que o catecumenato tem que ser adaptado às condições de quem o escuta como ele diz: “e mais suave é para a mãe colocar na boca do filho pequenino bocados mastigados do que mastigar ela própria, ou engolir maiores” (AGOSTINHO, 2005, p. 63). A exposição dos acontecimentos da história sagrada, ou as verdades da fé, devem ser feitas com pedagogia, tal que alcance o homem no concreto do seu ser. Compreendendo as verdades mais simples o homem pode em seguida abrir mais firmemente as mais profundas verdades.

A segunda causa do enfado, consiste no fato de que o catequista tende a preferir preleções já prontas, se fechando a qualquer tipo de improviso. A Instrução dos catecúmenos é um caminho já delineado, sujeito a erros pelos próprios erros humanos. Uma correta narração deve levar à correção de erros conscientemente interiorizados, mas também pode levar à correta compreensão de questões difíceis através de exemplos e argumentos. A terceira causa do enfado vem da repetição de histórias, com o tempo elas cansam o catequista. O remédio, segundo Agostinho, é simples: “adaptemo-las aos nossos ouvintes com amor fraterno, paterno e materno e, unidos a eles pelo coração, também a nós parecerão novas” (AGOSTINHO, 2005, p. 67).

O catequista, cansa ainda quando este fala sem que o ouvinte se comova, ou não entenda ou não aprove o que ouve, esta é a quarta causa do enfado. É necessário tentar despertá-lo pela palavra, como não se conhece o que se passa em seu pensamento. Fazem-se necessárias exortações que o façam compreender o ambiente fraterno no qual convive, e por meio de perguntas será possível descobrir se estão compreendendo, ao mesmo tempo, incutir-lhe confiança para falar sem medos. Trata da questão das longas narrativas catequéticas com os ouvintes às recebendo em pé, como era de costume na época. Por causa dessa dificuldade algumas Igrejas criaram o costume de ouvir a narração da Palavra sentados.

A quinta causa do enfado está relacionada com os afazeres cotidianos e com as escolhas do catequista. “Se, abatido pelo abandono de outra atividade mais necessária na tua opinião, falas aos catecúmenos com amargo pesar” (AGOSTINHO, 2005, p. 72). Reconhece a importância da instrução dos demais irmãos e como o trabalho mais importante deve preceder aos outros trabalhos. A sexta e última causa do enfado para os catequistas é a perturbação do espírito. Entre as causas que podem perturbar o espírito do catequista enumera-as como: um escândalo, uma falta, uma

dor, a iminência da perda de um irmão. Nenhum desses fatos pode dominar, ao contrário, deve animar e estimular o catequista. Se a perturbação for fruto de uma falta pessoal, é preciso lembrar “que um coração esmagado pela dor é um sacrifício digno de Deus” (AGOSTINHO, 2005, p. 74).

Afastando-se a nuvem do desgosto por cogitações e considerações deste tipo, a vontade está pronta para a catequese e poderá ser assimilado com agrado aquilo que, diligente e alegremente, prorrompeu da abundância da caridade (AGOSTINHO, 2005, p. 75).

A tarefa prestada na iniciação cristã é útil e indispensável, livrando-se destas considerações anteriores poderá ser empreendida com louvor. Faz parte do empenho catequético vencer as fadigas e tentações pessoais do catequista. A análise de Agostinho é simples, mas de grande alcance, e demonstra sua capacidade de leitura psicológica.

A análise das possíveis causas de aborrecimento dos ouvintes, da parte de Agostinho, revela notável perspicácia psicológica. Os seus ensinamentos a respeito dessas causas e do modo de combatê-las assumem alcance universal quanto ao domínio da aprendizagem, transcendendo os limites da pura pedagogia religiosa. É só mudar de clave, que os preceitos valem para qualquer disciplina (NUNES, 1978, p. 56).

Na segunda parte do livro, Agostinho passa a dedicar-se à mensagem que deve ser anunciada. Como abraçavam a fé cristã, povos de diversas culturas e regiões entendem que a mensagem deve variar de acordo com os ouvintes, pois são reflexos de opiniões discordantes. Deve ser considerado o número dos que ouvem a preleção, se são cultos ou incultos da cidade ou do campo, “essas circunstâncias influenciarão inevitavelmente aquele que vai narrar e explicar” (AGOSTINHO, 2005, p. 77). E a preleção trará a força e o ânimo de espírito de quem a profere.

Apresenta um exemplo de preleção para um cidadão da cidade, que não tem muita instrução, mas que deseja abraçar a vida cristã em vista dos bens futuros. Apresenta uma preleção longa em que discorre sobre todos os fatos que acredita que devem ser narrados; mas se as circunstâncias exigirem a preleção pode ser adaptada e resumida. Agostinho utiliza o método alegórico e, através de imagens do dia a dia, leva o ouvinte a entender a necessidade de se abandonar a vida cotidiana e esperar algo maior e mais exigente. Com uma única oportunidade, fala sabiamente sobre o abandono das coisas alheias à fé, a recusa às coisas do tempo, da esperança cristã e anuncia os fatos fundantes da fé cristã e que devem ser aceitos como verdade. A iniciação cristã tem seu ponto forte no catecumenato, ele é o que prepara o neófito para a vivência da fé. Assim, Agostinho destaca a narração desses eventos,

compreendendo o mistério que se assume. “Após dizer estas verdades, deve-se interrogar o catecúmeno sobre se acredita nelas e deseja observá-las. Quando houver respondido, deverá ser marcado segundo o rito e tratado segundo o costume da Igreja” (AGOSTINHO, 2005, p. 114). Aqui, como já exposto antes, a iniciação completa-se pela narração e, também, pelos ritos e símbolos próprios que tendem a comunicar ao catecúmeno uma vida nova.

Segundo Nunes (1978), Agostinho reconhece o catecumenato como tempo de instrução catequética, que se completa com exorcismos e escrutínios, com a recepção do símbolo, da fé e das demais orações, como o Pai Nosso. Na Vigília Pascal, a mãe de todas as celebrações, o neófito nasce para a fé cristã através de uma série de ritos e símbolos que marcam sua passagem para a vida nova. Tais ritos e símbolos marcam o que o novo cristão aprendeu e ficou gravado em seu coração, para assim lhe inspirar nova conduta em sua vida, sem perder a esperança da vida eterna.

2.5 CONCLUSÕES SOBRE O PROCESSO DE INICIAÇÃO CRISTÃ EM SEUS PRIMÓDIOS

Após tratarmos do longo processo que nos ajudou a compreender o sentido da iniciação cristã, e das contribuições de Santo Agostinho, tido como mestre da pedagogia cristã, apontamos algumas conclusões gerais sobre o fenômeno da iniciação e suas características globais. Na prática pastoral cristã, a iniciação é feita através dos sacramentos. Os sacramentos são considerados meios pelos quais a Igreja oferece o Cristo, sua graça e sua mensagem para os seus fiéis. Eles acompanham e marcam a vida do fiel do início ao fim, e é a maneira como o fiel é alimentado em sua jornada cristã, daquele que lhe é a fonte e a origem: Cristo. Os sacramentos que iniciam na vida cristã são três: Batismo, Crisma e Eucaristia. Assim os sacramentos são expressão de vida eclesial, porque eles edificam a Igreja em sua marcha histórica para a comunhão de vida plena com o Deus Pai.

A iniciação é um processo de origem antropológico religioso. Dentro do entendimento cristão e mais especificamente litúrgico, a iniciação significa “o processo completo dos sacramentos pelos quais o homem passa da situação de não-cristão àquela de membro de pleno direito da Igreja, com participação na Eucaristia” (TENA; BOROBIO, 1993, p. 24). É muito forte o sentido de passagem, de mudança, de estatuto, de alcance, de maturidade para assumir os compromissos próprios da nova

vida, a cristã. Esse processo de passagem e de mudança de estatuto, se dá por meio de rituais simbólicos através, dos quais, os iniciados experimentam o mistério do sagrado e do divino. Ainda segundo Tena e Borobio (1993), a iniciação se dá a partir de quatro elementos: o mistério, a simbologia, a comunidade de iniciados e o sujeito da iniciação, que deve ser capaz de entrar no mistério.

Esse esquema foi claramente percebido desde os primórdios do cristianismo nos sacramentos do batismo, da crisma e da eucaristia, por isso constituem os sacramentos da iniciação cristã. Eles levam o iniciado a participar do mistério cristão recorrendo aos símbolos que comunicam essa presença, assim os insere na comunidade dos iniciados. Nos primeiros séculos, os três sacramentos completavam a iniciação e eram recebidos como uma unidade. Com o passar dos tempos foram dissociados, cada um ganhou uma prática celebrativa e pastoral separada. O catecumenato, tal como vimos, foi entrando em desuso, até se extinguir por completo no século VIII. Um papel importante para a vitalidade do catecumenato foi a Patrística. Os Santos Padres, cada um à sua maneira, contribuiu com algum aspecto do catecumenato, Hipólito de Roma, com A Tradição Apostólica; Cirilo de Jerusalém, com suas Catequeses Batismais e Mistagógicas; Ambrósio de Milão, com Os Sacramentos e os Mistérios mostram o processo de iniciação cristã na Igreja primitiva.

A pedagogia proposta pelo Catecumenato começa a se extinguir no século V. “Essa crise ocorreu pelo fato de a Igreja tornar-se uma instituição preponderante; com isso, o número de conversões se deu em massa. A virada constantiniana repercutiu em cheio no campo da iniciação cristã” (QUEZINI, 2013, p. 24). As crianças nasciam em ambiente cristão, o que não justificava a espera de chegar à idade adulta para abraçar a fé. Assim, dos séculos VI ao X, a prática do batismo de crianças tornou-se comum, e também, a prática pastoral de separar em etapas diferentes o batismo e a crisma. Os tempos exigem uma nova pastoral catequética e uma formação cristã diferente da empreendida durante o catecumenato primitivo.

O catecumenato primitivo unia catequese e liturgia, levava o iniciado a experimentar e descobrir o mistério da fé cristã. A busca dos privilégios, que a fé cristã poderia oferecer, muda completamente o cenário e a compreensão teológica. O centro do catecumenato são os pais, os quais devem transmitir a fé aos filhos. Os temas da catequese agora passam a ser ligados à moral e à doutrina. Entretanto, apesar de ter durado séculos, essa prática, incorporada, começa a ceder espaço novamente ao Catecumenato a partir do Concílio Vaticano II. Uma de suas propostas era a

restauração do Catecumenato, como fruto da longa tradição da Igreja. Com isso, o movimento de reforma litúrgica, pós conciliar, organizou vários rituais para a iniciação cristã, em que foi revisto o ritual de batismo de crianças, e estruturou o ritual de iniciação dos adultos. Ao repensar os erros e acertos do seu processo de iniciação, a Igreja propõe uma catequese com inspiração catecumenal por sua importância no processo formativo, para assim inserir na fé cristã e no discipulado.

3. RESQUÍCIOS DA PRÁTICA CATEQUÉTICA AGOSTINIANA NOS DIAS ATUAIS

O concílio Vaticano II foi o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica. Teve um longo período de gestação em movimentos pastorais e com intelectuais eclesiais, que inspirados em movimentos de renovação litúrgica e na Patrística, propunham a atualização da Igreja frente aos temas e problemas da modernidade. Foi convocado em 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII; seu início em 11 de outubro de 1962 foi realizado em quatro seções até 8 de dezembro de 1965. Os mais de dois mil padres conciliares, convocados de todas as partes do mundo, discutiram os mais variados temas²⁸ como: apostolado dos leigos, atividade missionária, múnus pastoral dos bispos, liberdade religiosa, educação cristã, comunicação social, relação da Igreja com as religiões não cristãs, formação sacerdotal, ecumenismo, revelação, constituição dogmática sobre a Igreja, renovação litúrgica. Com suas constituições e decretos o Vaticano II refez o pensamento da Igreja em vários temas, trouxe à reflexão problemas eclesiais que não encontravam espaço. A Catequese encontrou forças pós Vaticano II, motivada pelo incentivo do Concílio à leitura e ao estudo da Sagrada Escritura pelos movimentos de renovação litúrgica.

Momento de forte inspiração para a vida cristã contemporânea, o Concílio Vaticano II, foi, em parte, fomentado e ajudado pelas reflexões produzidas pelo episcopado latino americano. As conclusões do Concílio estimularam momentos de reflexão eficazes sobre a catequese²⁹, que estimularam a vida das comunidades em prol de uma catequese engajada nas realidades do continente. As comunidades cristãs católicas são fruto do amadurecimento desses movimentos, sua vida pastoral e litúrgica está organizada a partir das diretrizes emanadas dos documentos pós-conciliares. Nossa tarefa, nesse momento, é um estudo de casos, partindo da catequese de uma comunidade da Cidade de Paracatu em Minas Gerais.

²⁸ O concílio Vaticano II teve como fruto vários documentos organizados da seguinte forma. 4 Constituição (*Dei Verbum, Gaudium et spes, Lumen Gentium e Sacrosanctum Concilium*), 9 Decretos (*Apostolicam Actuositatem, Ad Gentes, Christus Dominus, Inter Mirifica, Orientalium Ecclesiarum, Optatam Totius, Perfectae Caritatis, Presbyterorum Ordinis e Unitatis Redintegratio*), e 3 Declaração (*Dignitatis Humanae, Gravissimum Educationis, e Nostra Aetate*).

²⁹ Entre esses movimentos citamos alguns em ordem cronológica: O Plano de Emergência (1962) e o Plano de Pastoral de Conjunto no Brasil, Fundação do Instituto de Pastoral Catequética, Conferência do CELAM em Medellín (1968), A III Conferência Do CELAM em Puebla (1978) o Documento Catequese Renovada: orientações e conteúdo (1983), a IV Conferência Do CELAM em Santo Domingo em (1992), o Diretório Nacional de Catequese (2005), e a V Conferência Do CELAM em Aparecida (2007), são alguns dos documentos norteadores da catequese.



Fonte Google

A cidade de Paracatu é parada obrigatória para se conhecer a história e a formação do Noroeste de Minas Gerais. Seu território foi sendo conquistado desde o século XVI, o que motivou seu povoamento e desenvolvimento posterior foi a descoberta do ouro. Antes ficou conhecida apenas como ponto de passagem do gado do São Francisco e do o ouro de Vila Boa de Goiás. Assim, por volta de 1744 o ciclo do ouro se inicia logo quando o governador, mineiro, é informado da sua existência, colocando assim a cidade em destaque. Segundo Melo (2005), José Rodrigues Fróis, comunicou o governador em 24 de junho de 1744 sobre a descoberta das minas, por isso consta como a primeira autoridade constituída da região. O progresso do povoado foi rápido, e o tornou famoso em toda a região, atraindo aventureiros de toda a redondeza. “ As igrejas foram edificadas no estilo barroco jesuítico. Altares de talhas, trabalhados. Tanto no seu interior como no exterior dotados de muita simplicidade” (MELO, 2005, p. 66).



Interior da Igreja Catedral de Paracatu MG. Fonte Google.



Fachada externa da Igreja Catedral de Paracatu MG. Fonte Google.

Motivados pelo ciclo do ouro, a cidade teve um momento de significativo progresso cultural e educacional, mas que estagnou juntamente com o progresso comercial e com a decadência da mineração no século XVIII. A situação só mudaria na década de 1960, com a transferência da capital para o interior do país. No que toca a religiosidade, Paracatu teve antes do catolicismo romano institucional, a presença de cultos de origem africana. Segundo Melo (2005), a população de Paracatu em 1745 constituía-se de 85 por cento de escravos. Somente em 1755 tem-se a presença oficial da Igreja Católica na região, com a criação da Paróquia de Santo Antônio da Manga. Toda a margem esquerda do Rio São Francisco, com partes dos territórios que hoje compõem os estados de Minas Gerais e de Goiás, faziam parte da Diocese de Pernambuco, que tinha como sede a cidade de Olinda.

A enorme distância de sede do bispado, motivava o comportamento arbitrário e amoral dos padres que passavam pela região, sempre desligados das autoridades religiosas, os quais não tinham controle do que se passava na comunidade Paroquial de Santo Antônio da Manga. Em 1854 criou-se a diocese de Diamantina, a qual Paracatu foi anexada, o que possibilitou uma maior assistência, e o clero, uma das maiores dificuldades, foi acompanhado mais próximo pelo bispo. Na sequência, a cidade foi anexada às dioceses de Uberaba (1907) e Montes Claros (1914).

Diante dos problemas que a comunidade católica enfrentava com o clero e os desafios para se empreender a evangelização, Dom João Antônio Pimenta estava convencido de que a solução seria a criação de uma prelazia eclesiástica em Paracatu, apenas um congresso religioso seria capaz de enfrentar os graves problemas morais e levar adiante as missões e a catequese. A Prelazia de Paracatu foi criada em 1 de março de 1929 através da Bula *Pro munere sibi divinitus* do Papa Pio XI, que foi confiada à Missão Carmelita no Brasil. Em 1962, foi instalada a Diocese de Paracatu, fazendo-se alteração territorial. E os desafios da enorme extensão territorial, sem a existência de estradas, impuseram grandes sofrimentos e limitações aos missionários.

Merece destaque o episcopado de Dom Leonardo de Miranda Pereira (1985-2012), marcado pelas ideias do Concílio Vaticano II. Dom Leonardo tinha como grande projeto a composição de um presbitério diocesano e deu grande destaque a catequese, o que fomentou o surgimento de catequistas na diocese. Junta-se ao projeto de Dom Leonardo, no início da década de 1990, o Padre Alfonso Pastore, que dedicou o seu pastoreio à formação das pequenas comunidades fundadas na vivência comunitária, na escuta e partilha da palavra e da oração. Esse é plano de fundo da vida eclesial de

Paracatu, hoje suas paróquias vivem e se organizam a partir das pequenas comunidades³⁰ e da participação dos leigos.

Paracatu é ainda uma terra rica em lendas e folclores. O que gerou diversas manifestações religiosas e culturais, como é o caso das Festas de Nossa Senhora do Rosário, de Reis e do Divino, também a Caretagem e o Congado. Melo (2008), fala dos responsáveis por estes movimentos como grandes didatas e pedagogos que trouxeram as primeiras luzes do cristianismo a estes povos. No livro, *Em Minha Terra: suas lendas e seu folclore*, Oliveira Melo fala sobre a beleza desses momentos da religiosidade popular em Paracatu; a força e a disposição das irmandades na organização destas festas e como elas manifestavam a espiritualidade do povo paracatuense. Tudo isso foi responsável por uma religiosidade livre, espontânea, sempre influenciada pelo concreto da vida do povo que aqui vivia, e, na sua maioria, negros. Paracatu tem uma longa história de movimentos pastorais e catecúmenos, no decorrer do tempo foram sendo influenciados pelos clérigos que ali pastorearam. Hoje tem seus traços eclesiológicos e rumos pastorais profundamente marcados pelas conclusões do Concílio Vaticano II.

Após a devida consideração sobre o local, o qual iremos considerar, argumentaremos sobre a prática catequética apontada por Santo Agostinho com a praticada na atualidade. Sentimos a necessidade de colocar o pensamento e definições sobre a Catequese atualmente. Nos últimos tempos a formação catequética dos cristãos foi um tema que recebeu grandes considerações do episcopado brasileiro, que procurou traduzir os documentos emitidos para a realidade das comunidades brasileiras.

3.1 DEFINIÇÃO E MÉTODOS CATEQUÉTICOS NO PÓS VATICANO II

O intuito do Vaticano II era repensar a Igreja e sua ação frente a modernidade, e encontrar uma forma de propor o Evangelho de acordo com as realidades atuais. Vamos tentar cumprir nosso objetivo neste Capítulo, observando documentos concretos que surgiram do empenho pós conciliar, como as definições teóricas e

³⁰ Essas comunidades foram criadas a exemplo das Comunidades Eclesiais de Base, são espaços menores de vivência e prática da fé. Hoje Paracatu tem 98.862 habitantes (Segundo estimativa do IBGE/2020) e conta com 7 Paróquias e mais de 100 comunidades em seu território urbano, além das presentes no território rural.

metodológicas para a catequese. No segundo momento, vamos observar uma prática catequética concreta, para perceber o que há de resquícios, ou não, do nosso objeto de pesquisa. As observações e elementos indicados por Agostinho, na obra pesquisada, consideravam o Catecumenato Antigo. Dessa forma, refletiremos acerca da prática catequética atual e dos resquícios do catecumenato antigo, mas colocaremos em foco, o que temos hoje, indicado por Agostinho em sua obra. Observamos duas conclusões práticas de Santo Agostinho: a definição da catequese como processo sistemático de narração da história da salvação com vistas a conversão, e a necessidade de uma catequese adaptada aos tempos e aos ouvintes, pois a fé se exprime na vida. Nesse sentido, analisaremos ainda o ressurgimento da prática catecúmena antiga em nossos tempos.

O Catecumenato, como prática pedagógica formativa do cristianismo, tem amplo espaço desde o século II. São amplas e variadas as informações sobre o espaço que ele ocupou nas comunidades cristãs, e a dedicação de grandes padres da Patrística com ensinamentos e pregações que contribuíram para o catecumenato e seu intuito formativo. Sua prática relacionou catequese e liturgia de tal forma que a segunda levava o neófito a experimentar o mistério anunciado na narrativa catequética. Com isso, esta prática sofreu grandes expansão entre os séculos III e IV, passando por algumas mudanças na segunda metade do século IV. A partir do século V entra em declínio, até desaparecer por completo no século VIII. Várias circunstâncias levaram ao seu declínio, mas o certo é que a cristandade criou condições que desfavorecem o catecumenato como processo orgânico de educação cristã para adultos.

Houve várias iniciativas isoladas para se repensar a iniciação cristã e até tentativas de se restaurar o Catecumenato, mas, Concílio Vaticano II (1962-1965), foi o grande responsável pela renovação na compreensão da prática catequética cristã. “O Vaticano II determina o fim de um período histórico e o início de outro” (LIMA, 2016, p. 71). O Concílio não tratou da catequese em um livro específico, o seu ensino e pretensões sobre os temas estão espalhados nos diversos documentos que produziu. O Concílio emitiu dois grandes mandatos sobre a catequese: a elaboração de um diretório especial para a catequese e a restauração do catecumenato.

O decreto *Christus Dominus*³¹ pediu aos Bispos o cuidado especial junto a sua missão o empenho para a criação de um Diretório para a Catequese.

Redijam-se ainda, não só um Diretório especial sobre a cura pastoral dos grupos particulares de fiéis, conforme eles estiverem constituídos em cada nação ou região, mas também um Diretório da formação catequética do povo, que exponha os princípios fundamentais, a orientação e também o modo de redigir os livros desta matéria (VATICANO II, 1997, p. 275)

A intenção do Vaticano II era também restaurar o Catecumenato, como lemos na Constituição *Sacrosanctum Concilium*³²: “Restaure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenato e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão-de celebrar em ocasiões sucessivas” (VATICANO II, 1997, p. 59). Os Números seguintes pediam a revisão para o Batismo adultos: “Reveja-se tanto o rito simples do Batismo de adultos, tendo em conta a restauração do catecumenato” ((VATICANO II, 1997, p. 59). E o Batismo de crianças: “Reveja-se o rito do Batismo de crianças e adapte-se à sua real condição” ((VATICANO II, 1997, p. 60).

Mas, foi por meio do decreto *Ad Gentes*³³ que o Concílio mostrou o real entendimento do Catecumenato e sua relação com a catequese atual. O Decreto propõe a iniciação cristã, a partir da experiência catecumenal, que significa um processo global de formação para toda a vida cristã:

Aqueles que receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimónias litúrgicas; o catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã; prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos, e com ritos sagrados, a celebrar em tempo sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus. ((VATICANO II, 1997, p. 452).

Um passo concreto para a retomada da pedagogia catecumenal foi a publicação do Ritual de Iniciação Cristã de adultos em 1972. O último passo deste trabalho, se propõe a encontrar resquícios das indicações apontadas por Santo Agostinho da prática catecumenal que é evidenciada em *A Instrução dos Catecúmenos*.

³¹ *Christus Dominus* é um decreto do Concílio Vaticano II, aprovado em 28 de outubro de 1965, que dispõe sobre a atividade pastoral dos Bispos na Igreja Católica. No decreto a Instrução Catequética é uma das tarefas primordiais dos Bispos.

³² *Sacrosanctum Concilium* é uma das quatro constituições do Vaticano II, ou seja, tem força de lei dentro da Igreja Católica. Foi aprovada em 4 de dezembro de 1963, e tem como tema principal a liturgia e as mudanças que foram recomendadas pela assembleia conciliar.

³³ *Ad Gentes* é um decreto do Concílio Vaticano II, aprovado em 7 de dezembro de 1965, que tem como tema a atividade missionária da Igreja.

Portanto, a partir dos documentos conciliares, da publicação do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, houve a inspiração para uma série de documentos e exortações, as quais pautaram a iniciação à vida cristã pós Concílio Vaticano II. Esses documentos deram orientações mais claras e precisas sobre o entendimento da Catequese e sobre metodologia catequética. Mencionamos aqui apenas à guisa de informação dos documentos conciliares se referindo a catequese: a constituição *Sacrosanctum Concilium* (1963) o decreto *Christus Dominus* (1965), *Ad Gentes* (1965) e a Declaração *Gravissimum Educationes* (1965). Tais documentos estimularam o surgimento de outros, os quais irão cumprir o que se pediu no Vaticano II. O Diretório Geral para a Catequese (1971), orientou a renovação catequética pós conciliar. *Catechesi Tradendae* (1979), relembra que a Catequese é tarefa primordial da Igreja, por isso deve ser repensada a cada tempo.

No Brasil tivemos o documento *Catequese Renovada* (1983), o qual apresentou a Catequese como processo de iniciação à vida de fé. O Diretório Nacional de Catequese de 2005 propôs Fundamentos Teológico-Pastorais da Catequese. E o último documento de relevância, o 107 (2017), sobre a Iniciação à vida cristã mostra como um itinerário pode formar discípulos missionários. Aliados a estes documentos tivemos seminários, congressos e semanas de catequese, contribuindo muito para compreendermos o processo catequético e de iniciação cristã, com forte inspiração no antigo catecúmeno.

Outrora, o Catecumenato foi uma forma eficaz de iniciação, pois considerava adultos que precisavam conhecer os códigos para a compreensão da fé. Mas, atualmente ele se torna eficaz, porque no correr dos tempos os catequistas, pastores e teólogos perceberam “uma crise do processo de socialização educativa, onde os mecanismos de transmissão das crenças e dos valores tradicionais da fé não funcionam, fazendo com o patrimônio de convicções e atitudes religiosas não passe mais de uma geração à outra” (CNBB, 2014, p. 23). Com isso, é notável que a partir da percepção, de que os ritos e símbolos na liturgia cristã, deveriam levar o fiel a participar dos mistérios sagrados, agora expressam tradições recebidas e não experiência de uma fé amadurecida.

3.1.1 A prática Pós Conciliar reproduz a pedagogia formativa do Catecumenato Antigo

Os Padres Conciliares que participaram do Vaticano II, levaram, de diversas partes do mundo, para Roma o desejo de uma renovação litúrgica. Então, Roma deveria manifestar mais claramente os costumes das variadas culturas. Conforme o documento que trata da liturgia, a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, o Vaticano II tem como intuito “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo aquelas instituições que são susceptíveis de mudança, favorecer tudo o que pode contribuir à união dos que creem em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja” ((VATICANO II, 1997, p. 31).

Com isso, elaborou-se vários rituais para a iniciação à vida cristã, todos de acordo com os destinatários. Manteve separado os três ritos, o Batismo de crianças, a Crisma e a Eucaristia, mesmo defendendo a unidade que há entre os três sacramentos. A grande novidade que surgiu por esforço do Concílio foi o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. A importância deste ritual reside no fato de propor um itinerário de iniciação em muitos aspectos semelhantes ao do Catecumenato Antigo. Esta iniciação tem o mesmo propósito de uma pastoral eclesial, acolher os adultos para oferecer os ensinamentos sobre a fé, visando inseri-los na comunidade cristã. É esse o papel que exerce o catequista Deogratias na comunidade de Cartago. O pedido de ajuda, deixado à Santo Agostinho, para executar bem essa missão, é o que fomenta a obra *A Instrução dos Catecúmenos*.

Na apresentação da obra, Agostinho define a Catequese como uma grande narração dos eventos da história da Salvação. “A narração é completa quando o catecúmeno é instruído desde o início da Escritura até os tempos atuais da Igreja” (AGOSTINHO, 2005, p. 43). Faz parte desta instrução uma exposição doutrinal e moral, a partir da qual o novo cristão poderá conhecer a fé e aceitar a religião. “Após dizer essas verdades, deve-se interrogar o catecúmeno sobre se acredita nelas e se deseja observá-las. Quando houver respondido, deverá ser marcado segundo o rito e tratado segundo o costume da Igreja” (AGOSTINHO, 2005, p. 114). A instrução contempla, assim, uma parte da narrativa em que se expõe as verdades da fé, sendo findada pela recepção litúrgica dos sacramentos e vista pelos sinais visíveis da comunidade divina. “Se os sinais das coisas divinas são visíveis, as próprias coisas invisíveis são reverenciadas neles” (AGOSTINHO, 2005, p. 115). Hoje o que se

pretende com a iniciação, enunciada no novo Ritual de Iniciação de Adultos, é de fato algo muito parecido:

Essa ação eclesial se faz segundo um itinerário de graus ou etapas, mediante os quais o catecúmeno progredirá atravessando portas, por assim dizer, ou subindo degraus. Os graus introduzem nas etapas ou tempos de instrução ou amadurecimento, ou por eles são preparados. Tudo isto, todavia, adaptado ao caminho espiritual dos adultos, que é muito variado, segundo a graça multiforme de Deus, a livre cooperação dos catecúmenos, a unção da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar (TENA; BOROBIO, 1993, p. 25).

O itinerário formativo traz um caminho pedagógico inspirado no Catecumenato Antigo. Ele é formado por três etapas, que são intercaladas por ritos litúrgicos: rito da instituição dos catecúmenos, da eleição e da celebração dos sacramentos. As etapas conduzem a tempos de formação e amadurecimento, eles são quatro: pré-catecumenato, catecumenato, tempo de purificação e iluminação, para a recepção dos sacramentos e o último tempo, o da mistagogia. Esse ritual recupera numerosos elementos presentes na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma e de outros Padres da Igreja, que transmitiram às gerações futuras um testemunho concreto dessa prática da Igreja Antiga. Com os devidos acentos do tempo, do público e da visão eclesial, a pedagogia catequética, hoje, inspirada na longa tradição da Igreja Católica, tem como objetivo:

A pedagogia catequética tem uma originalidade específica, pois seu objetivo é ajudar as pessoas no caminho rumo à maturidade na fé, no amor e na esperança. A fé é um dom de Deus, é uma adesão pessoal a Ele. É a resposta livre da pessoa à iniciativa de Deus que se revela. Para isso, Deus se serve de pessoas, grupos, situações, acontecimentos. A Igreja é mediadora nesse encontro misterioso entre Deus e a pessoa humana. E, em seu nome, os catequistas sentem a responsabilidade de serem mediadores especiais para que catecúmenos e catequizandos cheguem ao conhecimento da verdade e da Salvação (cf. 1Tm 2,4; Tt 1,1). O amor por Jesus e pelas pessoas impulsiona o catequista a falar a outros da fé: cada catequista é como um elo na grande corrente dos que têm fé (cf. Catecismo 166); mas precisa estar entusiasmado por aquilo que crê, alegre por estar em processo de permanente conversão, disposto a fazer diferença num mundo marcado por tanta coisa contrária ao projeto de Deus (CNBB, 2005, p. 135).

São traços da pedagogia catequética contemporânea, em vista de alcançar seus objetivos: síntese harmoniosa entre a adesão ao plano de Deus e o conteúdo da mensagem cristã; introdução no conhecimento da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja e a descoberta da vocação pessoal do ser humano para sua vivência pessoal em sociedade. Os objetivos devem se cumprir mediante um clima de acolhimento e docilidade, em um ambiente espiritual de oração e recolhimento. Ainda segundo o Diretório Nacional de Catequese, ela tem como missão um processo de enculturação, visando encontrar a linguagem correta para comunicar-se com os homens conforme

sua realidade. A Palavra de Deus, deve, assim como a catequese, assumir as realidades humanas para depois as iluminar com o Evangelho. Para levar adiante esse processo de interação entre fé e vida, é preciso o auxílio das ciências humanas e das demais para tomar conhecimento do que dizem a respeito do homem, pois “não há comunicação religiosa sem experiência vital” (CNBB, 2005, p. 146).

3.1.2 A Catequese hoje se define como um processo orgânico e sistemático da fé.

Uma das grandes contribuições das reflexões do Concílio Vaticano II foi a definição sobre o que seja a catequese. Essa definição veio a partir do Diretório Catequético Geral³⁴, publicado em 1971, “que descreveu a realidade complexa e dinâmica que é a catequese” (LIMA, 2016, p. 139). Insiste na necessidade do catecumenato para os adultos, e estabelece a maturidade da fé como foco principal da Catequese. É um resgate do sentido pastoral, o qual alcançou o Catecumenato para as Comunidades antigas. “E insere a catequese no horizonte mais amplo da evangelização e da iniciação à vida cristã, isto é, do catecumenato, como no início da Igreja” (CARVALHO; GIL, 2019, p. 20).

A prática das primeiras comunidades, no Ocidente ou no Oriente, tornou a História da Salvação o conteúdo principal da Catequese. Agostinho entende que a narração sistemática dos principais eventos dessa história salvífica. A instrução deve ser feita a partir da Escritura, mas de forma sintetizada, pois não há tempo e nem necessidade de se repassar todos os eventos. “Tomemos tudo sumária e globalmente, escolhendo nesses artigos os fatos mais admiráveis, que se ouvem com maior prazer, para apresentá-los, e oferecê-los ao exame e admiração do espírito dos ouvintes” (AGOSTINHO, 2005, p. 43). Essa narração conta por meio dos eventos a forma com a qual Deus vai se revelando e se dando a conhecer. O catequista deve então discernir o que seja essencial e narrando faz o catecúmeno descobrir seu valor teológico. A

³⁴ O Diretório Catequético Geral foi prescrito pelo Concílio Vaticano II e foi aprovado em abril de 1971. Em 1997 teve uma segunda edição com o nome Diretório Geral para a Catequese. O intuito fundamental era e é de oferecer reflexões e princípios, mais do que aplicações imediatas ou diretrizes práticas. Tal caminho e método é adotado sobretudo pelas seguintes razões: somente se desde o início se compreendem corretamente a natureza e os fins da catequese, assim como as verdades e os valores que devem ser transmitidos, poderão ser evitados defeitos e erros em matéria catequética (Diretório Geral para a Catequese, 09).

narração tem por objetivo despertar no fiel a admiração, ao contemplar as *mirabilia Dei*, daí surge a fé, não curiosa, mas fundamentada no essencial da vida cristã.

Segundo Paiva (2005), os ouvintes de Deogratias, que pediram a Agostinho os conselhos sobre a Catequese, tinham reservas a respeito do Cristianismo. Agostinho sabia disso e julgava necessário expor os eventos da salvação que fundamentam a fé, era necessário, da mesma forma, justificá-la. Então, apresenta-se uma segunda dimensão da Catequese narrativa exposta pelo autor. A primeira, é a exposição ordenada das *Mirabilia Dei*, a segunda, é a expectativa ou esperança da vida nova, da ressurreição. Os eventos narrados fundamentam e garantem a realização de uma esperança futura. O catecumenato deverá criar uma expectativa na fé, de um tempo novo, de amor e de esperança na história humana, como aponta Agostinho (2005): “Portanto, como por um alvo proposto, pelo qual digas tudo o que dizes, o que quer que narres faze-o de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo, creia, e crendo, espere e, esperando, ame” (p. 49).

O Diretório Geral para a Catequese³⁵ traz, de maneira muito clara e objetiva, o lugar central da Sagrada Escritura para os processos de iniciação à vida cristã³⁶. Quando passa a tratar sobre o caráter próprio da catequese a relaciona com a Revelação e a sua transmissão com a evangelização.

A catequese, por sua vez, transmite os fatos e as palavras da Revelação: deve proclamá-los e narrá-los e, ao mesmo tempo, explicar os profundos mistérios que estes encerram. Além disso, sendo a Revelação fonte de luz para a pessoa humana, a catequese não apenas recorda as maravilhas de Deus operadas no passado, mas, à luz da mesma Revelação, interpreta os sinais dos tempos e a vida presente dos homens e das mulheres, uma vez que, neles, realizam-se o desígnio de Deus para a salvação do mundo (DGC, 1998, n. 39).

O Diretório relembra a catequese como uma exposição dos fatos da economia salvífica. Com isso, é perceptível que ela tem hoje uma função parecida com a exposta por Agostinho: lembrar aos homens e mulheres de nosso tempo que neles se realiza o desígnio de Deus para a salvação do mundo. É a expectativa da vida futura com os bens logrados, a partir de uma vida no amor e na caridade. A necessidade de se despertar essa expectativa da vida futura surge também pelas diversas situações

³⁵ A partir deste momento na dissertação iremos utilizar a sigla DGC, quando formos citar o Diretório Geral para a Catequese.

³⁶ A reflexão catequética no Pós Vaticano II reafirma a Sagrada Escritura como fonte da Catequese, essa reflexão está no Diretório Geral e vai dos números 1 ao 35. Mas propõem também outras fontes de grande valor: a Patrística, o Magistério da Igreja, o próprio Concílio Vaticano II, a Liturgia e a Prática Pastoral.

sociorreligiosas com as quais a evangelização se depara. “Estas situações sócio-religiosas (*sic*) são, obviamente, diferentes e não é justo equipará-las. Tal diversidade, que sempre existiu na missão da Igreja adquire hoje, neste mundo em constante transformação, uma novidade” (DGC, 1998, n. 59).

Ressurge aos poucos a consciência da catequese como processo orgânico de evangelização, que se dá primeiro pelo anúncio do evangelho, e que se completa com a iniciação, “na fé e na vida cristã, mediante a *catequese* e os *sacramentos de iniciação*, aqueles que se convertem a Jesus Cristo, incorporando os primeiros na comunidade cristã e a ela reconduzindo os demais” (DGC, 1998, n. 47). Nesse processo, a conversão e fé se dão mediante um caminho de educação permanente. E, conclui o Diretório: o ministério da catequese mostra-se, assim, como um serviço eclesial fundamental.

Segundo o Diretório Geral para a Catequese (1998), sendo a catequese essencial no processo evangelizador à serviço da iniciação cristã, confere à catequese algumas características, sendo ela uma formação orgânica e sistemática da fé. O ensino, o qual oferece, é um aprendizado de toda a vida cristã, uma iniciação cristã integral. É ainda uma formação de base, essencial, centrada naquilo que constitui o núcleo da experiência cristã, nas certezas mais fundamentais da fé e nos mais basilares valores evangélicos.

A catequese de iniciação, sendo orgânica e sistemática, não se reduz ao meramente circunstancial ou ocasional; sendo formação para a vida cristã, supera — incluindo-o — o mero ensino; e sendo essencial, visa àquilo que é « comum » para o cristão, sem entrar em questões disputadas, nem transformar-se em pesquisa teológica. Enfim, sendo iniciação, incorpora na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé. Realiza, portanto, ao mesmo tempo, tarefas de iniciação, de educação e de instrução. Esta riqueza, inerente ao Catecumenato dos adultos não batizados, deve inspirar as demais formas de catequese (DGC, 1998, n. 68)

Em síntese, definida, dessa forma, como um processo de educação da fé a partir do que é essencial na vida cristã, tendo em vista a expectativa da vida futura, a catequese traz consigo a herança do pensamento de Agostinho expresso em *A Instrução dos Catecúmenos*.

3.1.3 A Catequese adaptada à vida cotidiana concreta

De acordo com Paiva (2005), na Instrução dos Catecúmenos encontramos um ensino a parte sobre a moral, ela é apenas um aspecto do todo que é a catequese

doutrinal para o Batismo. Desse modo, a fé deve se exprimir na vida ou ela não existe. “Por isso crer é uma atitude de vida concreta conforme ao que se crê e sobretudo àquele em que se crê” (PAIVA, 2005, p. 19). Assim, na segunda e terceira parte da obra agostiniana emergem dicas para Deogratias, para que considere o seu ouvinte pelas situações concretas que manifesta. O que deverá tornar-se a catequese profundamente ancorada no tempo e na vida concreta dos ouvintes.

Já no início da segunda parte, orienta como a forma da mensagem deve variar de acordo com a diversidade dos destinatários. O pedido de Deogratias é sobre o método para se levar a mensagem, não quanto ao conteúdo. Desta forma, logo que Agostinho entra no mérito de como propor a mensagem aos rudes propõe:

Mesmo aqui é uma quando aconselhamos em segredo sem a presença de quem quer que possa julgar-nos, e outra quando ensinamos em público, rodeados por indivíduos de opiniões diversas. E, neste caso, é uma quando um só é instruído e outros estão a ouvir como avaliando ou confirmando fatos conhecidos por eles; outra, quando todos juntos esperam o que lhes diremos. Ainda aqui é uma quando todos estão sentados como reunidos em casa para um diálogo, e outra quando o povo, calando-se em expectativa, olha atentamente para alguém que falará de uma tribuna (AGOSTINHO, 2005, p. 76).

Continua ainda considerando a diversidade de públicos que podem ser encontrados como ouvintes. Isso porque, para o catequista, o conhecimento do público pode criar um laço afetivo entre quem fala e quem ouve. “E a exposição trará como que o reflexo da afecção do ânimo daquele por quem é proferida” (AGOSTINHO, 2005, p. 78). O que gera um clima de alegria, o qual servirá para evitar ou vencer os enfados, falado na primeira parte da obra. O exemplo de preleção catequética, que Agostinho apresenta, considera públicos diversos: uma os eruditos, outra os iletrados. A prática indicada por ele para a catequese indica que ela deverá sempre partir do concreto da vida humana e ser adaptada aos que ouve.

O documento mais recente sobre a Catequese na Igreja do Brasil é o Documentos da CNBB 107³⁷, *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. O documento considera um tempo de mudança de épocas, fazendo

³⁷ Documento da CNBB, aprovado em 2017. O Documento tem como tema central a Iniciação à Vida Cristã, e como deve ser proposta em tempos de mudanças que abalam fortemente as estruturas do catolicismo tradicional. Para se formar a identidade cristã é preciso considerar os tempos atuais, oferecer uma catequese sólida e adaptada. Para tal intuito foi firmada a inspiração catecumenal da Catequese de Iniciação. Outros documentos antes já trataram da adaptação aos tempos: *Evangelii Nuntiandi* (1975), *Catechesi Tradendae* (1979), Diretório Geral para a Catequese (1997). E também outros documentos da América Latina, que surgiram com inspiração do Vaticano II: O Documento de Medellín (1968), e Aparecida (2007). Tomamos o Documento 107, como norte para a reflexão neste momento por sua atualidade e pelo peso que dá ao Catecumenato Antigo como inspiração para a catequese atual.

brotar o individualismo, o hedonismo e o indiferentismo, tudo isso dentro de uma cultura midiática. Essas situações desafiam a prática catequética, que muitas vezes não considerava o contexto de todas essas mudanças. “Mudaram os interlocutores, mudaram os valores, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje” (CNBB, 2017, p. 34). Essas mudanças reclamam uma catequese atenta aos novos sujeitos que elas produzem. Como indicou Agostinho, a Catequese tem que partir do homem concreto, e a fé deve se exprimir na vida. De forma breve, temos uma consideração realista das situações de mudança: fragilidade dos vínculos familiares, perda do sentido do sagrado e o senso de pertença comunitária, crise ética, violência fruto das desigualdades sociais, intolerância em relação ao diferente, pluralismo religioso, internet, e, ligado a tudo isso, uma prática pastoral de manutenção³⁸. De um profundo exercício de constatação da realidade, nasce a consciência de que estamos diante de novos interlocutores. E a maneira para chegar até ele é a consideração de sua realidade cotidiana e real.

O documento expressa o desejo da catequese de comunicar a mensagem cristã de forma engajada, considerando as diversas realidades, nas quais o ser humano está inserido. Sua mensagem é, de a Catequese, assumindo a inspiração catecumenal poderá reiniciar uma prática pastoral, considerando as diversas realidades presentes, e a maneira pessoal como cada uma manifesta sua religiosidade, poderá formar cristãos maduros e engajados nas comunidades cristãs. Concretiza-se a proposta da inspiração catecumenal como uma dinâmica, uma pedagogia, uma mística, um itinerário mistagógico, um desejo que nunca acaba. As ideias e os pensamentos acima, consignam a visão de catequese oferecida no Brasil às comunidades eclesiais da atualidade. Vamos analisar agora alguns aspectos do Projeto de Iniciação à vida Cristã da Igreja particular de Paracatu a partir de sua aplicação concreta em uma comunidade paroquial. Analisaremos alguns dados da prática catequética, da metodologia, do material usado, do papel dos catequistas e da função do mistagogo na cidade de Paracatu. Faremos isso a partir das conclusões de Agostinho e da restauração do Catecumenato Antigo, dentro do qual está inserido a iniciação nos tempos de bispo de Hipona.

³⁸ Essa constatação de realidade, está presente no Documento no número 53, e choca-se com a pastoral de manutenção mantida na vida eclesial. Foi acolhida como a necessidade de uma reflexão profunda para as comunidades, antes de anunciarem sua mensagem é necessário ouvir o que o homem atual tem a dizer.

3.2 A CATEQUESE PÓS CONCILIAR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CATEQUESE NA CIDADE DE PARACATU MG

A Diocese de Paracatu abrange todo o Noroeste de Minas Gerais, e carrega consigo as características históricas de sua religiosidade e cultura, e delas brota à sua maneira de catequizar. “O próprio modo de ser Igreja, com as relações humanas que se estabelecem, a qualidade do testemunho, as prioridades estabelecidas, determina o estilo da catequese, que reflete o rosto da Igreja particular de onde brota” (CNBB, 2005, p. 187). A Diocese tem um projeto de Iniciação à Vida Cristã³⁹, que acompanha as orientações emanadas pelas diretrizes da Igreja, como visto nos documentos acima citados. Apresentamos até aqui as indicações de Agostinho ao Diácono Deogratias em *A Instrução dos Catecúmenos*, e as conclusões do Concílio Vaticano II, que renovou a prática catequética com a restauração do Catecumenato Antigo.

Como já indicado, criada a Diocese de Paracatu, a catequese foi uma das indicações para se reverter os problemas que aqui haviam, frutos de diversos motivos, inclusive da grande distância da sede do bispado e também pelos problemas causados por autoridades religiosas que aqui moravam. Com a criação das pequenas comunidades nos bairros e periferias, na década de 1990, aumentou o número de Paróquias na Cidade. Com isso, foi necessário preparar leigos para assumir os diversos ministérios e trabalhos comunitários. Hoje a grande maioria dessas comunidades ainda existem, e a catequese tornou-se o meio para formar os católicos para a vivência em sociedade. Tomamos para nosso estudo de caso a catequese da Matriz da Paróquia Nossa Senhora de Fátima⁴⁰. A paróquia, utilizada para nosso estudo de caso, foi criada em 29 de janeiro de 2012, e abrange três bairros da zona urbana, dois povoados e ainda um grande número de povoados rurais. Carrega consigo as características do povo paracatuense: o grande número de afrodescendentes, os costumes folclóricos, o forte traço de religiosidade popular, a atuação marcante dos leigos e os grandes desafios socioeconômicos. Na Paróquia a Catequese tem uma grande força, conta com mais de 50 catequistas, e está presente na maioria das comunidades. A paróquia empenha-se na formação cristã de crianças,

³⁹ O atual projeto tem como base as indicações do Documento 107 da CNBB. Foi preparado pela Equipe Diocesana de Catequese e apresentado ao clero da Diocese de Paracatu em novembro de 2020.

⁴⁰ A divisão de Paróquias em Paracatu é recente. A Cidade teve uma única Paróquia, a Paróquia Santo Antônio criada em 1744, até o início de 2003. Somente em 25 de janeiro de 2003 foi criada a segunda paróquia.

jovens e adolescentes, colaborando ainda na instrução e acompanhamento das famílias. Segundo os registros a Paróquia realizou em 2019, a iniciação à vida eucarística de 46 adolescentes, preparou 114 jovens e adultos para a conclusão da iniciação cristã com o sacramento da crisma.

Os aspectos evidenciados estão contemplados no Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã, de forma breve faz um diagnóstico da realidade catequética. O levantamento foi feito a partir de um questionário respondido por catequistas da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e mais 19 das 29 Paróquias da Diocese. O Projeto constata, igualmente, as crises e dificuldades no processo de Iniciação Cristã, que decorre da metodologia da cristandade que prevaleceu por séculos e impôs o distanciamento entre a fé e a vida. Nosso tempo traz implicações antropológicas e éticas, dentro das quais o homem constrói sua identidade sem levar em consideração valores e ideias herdadas ou transmitidas pela autoridade eclesiástica.

O homem se vê hoje autônomo e plural, dotado de racionalidade para pensar e escolher, mas fragmentado e marcado pela secularização. Um projeto de Iniciação Cristã atual deve reconhecer a crise de um modelo, como o da cristandade e da autoridade, e dedicar-se à construção de um processo que contemple o homem em suas mais variadas facetas. O Projeto de Iniciação Cristã de Paracatu⁴¹ apresenta as orientações que deverão nortear a catequese nas paróquias e comunidades da Diocese, e com elas manifesta a intenção de se chegar a uma catequese com inspiração catecumenal. Está contemplado no projeto uma reflexão sobre o ministério do catequista, e as práticas pedagógicas para que a catequese alcance o seu fim. Nossa pesquisa encontrou a catequese, nas comunidades do Brasil, em fase de revisão, conforme as orientações do Documento 107, com a indicação da inspiração catecumenal como metodologia para a formação cristã.

A pesquisa, partindo da profunda constatação sobre a mudança de época no Brasil reconhecida pelo Documento 107, produz uma reflexão sobre a realidade presente nas paróquias. Nota-se que a catequese e seu tempo necessário de instrução para a iniciação dos jovens, não são compreendidos e aceitos pelos catequizando, por suas famílias e, da mesma forma, pelos catequistas. Sempre se preocupou com uma catequese que cumprisse um rito social, desligada de uma prática religiosa, eficaz e frutuosa. Outra constatação é a de que a catequese não é uma opção pastoral

⁴¹ Trazemos no Anexo A o Projeto Diocesano de Catequese da Igreja Particular de Paracatu e suas considerações sobre a prática atual da catequese nas comunidades da Diocese.

fundamental, sendo às vezes considerada apenas como mais uma pastoral dentre as muitas⁴². Desta forma, a iniciação não é uma preocupação fundamental. A terceira conclusão do Projeto de Iniciação é a de que falta entrosamento entre catequese e a liturgia, e ao fim de todo o processo os catequizandos não estão preparados para a vida comunitária e nem sabem direito seu lugar na vida cristã.

Como primeira indicação à nossa pesquisa temos categoricamente um abismo entre o Catecumenato Antigo e a prática Catequese paroquial atual. Entretanto, desde a constituição *Sacrosanctum Concilium* pediu que fosse restaurado o Catecumenato dos Adultos, assim, houve práticas isoladas até chegarmos a um consenso geral com o Diretório Nacional de Catequese e o Documento 107, sobre a necessidade de uma catequese de inspiração catecumenal, para que assim, pudesse alcançar o objetivo de se iniciar na fé.

3.2.1 A prática catequética e a organização metodológica na Paróquia Nossa Senhora de Fátima em Paracatu MG

O primeiro aspecto que vamos pensar é a atual organização metodológica da catequese em Paracatu. Na primeira parte de *A Instrução dos Catecúmenos*, o autor nos fornece elementos que nos ajuda a pensar o método pelo qual deve se realizar a instrução aos que procuram a fé: fala da preparação dos catequistas, da alegria que deve conduzir a elocução, da pedagogia a ser utilizada que deve reproduzir a pedagogia divina expressa na Sagrada Escritura, e demonstra o amor divino ao criar e salvar os homens. Ao indicar os remédios para as seis causas do enfado⁴³, termina por oferecer um quadro metodológico, no qual deve ser considerada a instrução. A catequese necessita ser adaptada à realidade concreta dos ouvintes, “e porque a enunciação é muito diferente do pensamento, aborrece falar, e agradaria calar!” (AGOSTINHO, 2005, p. 62). A instrução oferecida aos catecúmenos está sujeita aos erros e dificuldades do tempo, e por isso deve ser aberta a improvisos que a torne mais suave e alegre, “basta que o espírito não se afaste da verdade” (AGOSTINHO, 2005, p. 64) e o catequista esteja movido pelo ideal da caridade.

⁴² Projeto Diocesano de Iniciação Cristã, p. 03.

⁴³ As seis causas do enfado elencadas por Agostinho, estão contidas neste trabalho no ponto 2.4. A Educação Cristã em *De Catechizandis Rudibus*, páginas 59-60.

O ideal de amor e de caridade leva o catequista a tornar novo aquilo que narra. A catequese de instrução, quando adaptada, consegue comover o ouvinte. De fato, esta é uma das mais árduas tarefas do catequista: comover aquele que ouve. “É preciso descobrir por meio de perguntas se está entendendo, e incutir-lhe confiança para que fale sem temor se quiser opor alguma objeção” (AGOSTINHO, 2005, p. 69). O ensino doutrinal, oferecido pelo catecumenato, às vezes era longo e difícil de se compreender. Agostinho tem em sua obra a sensibilidade de perceber que “às vezes acontece que o catequizando, que a princípio ouvia com prazer, cansado de ouvir ou de ficar de pé, não separe os lábios para elogiar, mas para bocejar... demonstrando, contra a vontade, que deseja ir embora” (AGOSTINHO, 2005, p. 70). Ao perceber esse desânimo, o catequista deve dizer algo temperado de alegria, dentro do contexto do que se fala, para lhe restabelecer o interesse.



Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima. Arquivo Pessoal



Celebração do Sacramento da Crisma. Arquivo Pessoal

É necessário considerar, para uma frutuosa instrução, a situação pessoal do catequista, que por vezes, é tomado pela carga dos trabalhos cotidianos. Abatido pelo fardo cotidiano, o catequista leva sua missão como um peso. Agostinho exorta sobre uma única certeza, “a de que devemos entregar-nos com o coração cheio de piedade, e com a mais sincera caridade, ao que quer que façamos pelo próximo” (AGOSTINHO, 2005, p. 72). A última indicação dentro dos remédios contra as causas do enfado, refere-se justamente sobre a situação pessoal do catequista: o espírito perturbado por um escândalo, que não consegue manter um diálogo sereno e agradável. A experiência do catequista é a mesma de todo cristão.

Assim também, quando a chama de pecado se eleva do nosso feno, e nos inquietamos, a presença de uma oportunidade de agir misericordiosamente deve alegar-nos como nos alegraria o oferecimento de uma fonte para a apagar o que se houvesse inflamado” (AGOSTINHO, 2005, p. 75).

Tudo isso leva a um ambiente de alegria e de esperança, no qual dará a instrução e a narração das maravilhas da fé aos catecúmenos. Desde o ano 2000, com os missionários Padre Orione Silva e Solange Maria do Carmo⁴⁴, o processo catequético deixou de ser algo aleatório e desconexo. Tornou-se um processo pedagógico orgânico com fins a iniciação nos mistérios da fé. Essa consciência, vista na atualidade, se reflete no material⁴⁵ adotado para a catequese de crianças, jovens e adolescentes. “A Coleção Crescer em Comunhão pretende contribuir para um itinerário de educação da fé marcado pela experiência, conversão e adesão a Jesus Cristo” (ROZA, 2018, p. 7). O material leva em consideração a pedagogia das idades, sendo ainda uma dificuldade, que, às vezes, não é observada na prática diária da catequese, a partir dela propõe o amadurecimento na fé e nas doutrinas da Igreja. Trazemos no anexo 1, a caminhada formativa proposta às crianças e jovens em Paracatu, a partir da Coleção Crescer em Comunhão. A Paróquia Nossa Senhora de Fátima tem uma caminhada pedagógica estabelecida, num itinerário que considera a catequese e seu papel formativo. Entretanto, enfrenta as dificuldades de compreensão, sobre o que seja a catequese, por meio das famílias e dos próprios catequizandos⁴⁶.

O material formativo está distribuído em quatro volumes, os quais percorrem duas etapas, a catequese eucarística, e a catequese crismal. Com o tempo sentiu-se a necessidade de um volume que atendesse as demandas próprias de conclusão da Iniciação à Vida Eucarística, mas não estavam ainda em idade para começarem a catequese crismal. Então, surgiu para atender a esta demanda, dentro da Coleção, o volume de catequese para os adolescentes. Os cinco volumes pretendem levar as crianças e os jovens à maturidade da fé com a recepção final do sacramento da crisma⁴⁷.

⁴⁴ Missionários a serviço da Iniciação Catequética na Diocese de Paracatu no fim da década de 1990, são autores da coleção Catequese Permanente, publicada pela editora Paulus. Animaram e orientaram a catequese diocesana no sentido de ser uma caminhada orgânica, com pedagogia determinada e material formativo próprio.

⁴⁵ O material utilizado pela Diocese de Paracatu para a Catequese é a Coleção Crescer em Comunhão, publicado pela Editora Vozes em 5 volumes.

⁴⁶ Projeto Diocesano de Iniciação Cristã, p. 03.

⁴⁷ No Anexo B deste trabalho trazemos o caminho de formação previsto pelo material adotado pela Diocese para a instrução catequética de seus jovens e adolescentes.

A catequese conforme as idades é uma exigência essencial para a comunidade cristã. Leva em conta os aspectos tanto antropológicos e psicológicos como teológicos, para cada uma das idades. É necessário integrar as diversas etapas do caminho de fé. Essa integração possibilita uma catequese que ajude cada um a crescer na fé, à medida que vai crescendo em outras dimensões da sua maturidade humana e tendo novos questionamentos existenciais. O adulto que precisa de catequese não é só aquele que não a recebeu em outras faixas etárias. Todos precisam continuar progredindo na fé e no conhecimento do Senhor: “Sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o ser humano por toda a vida e se integre em seu crescimento global” (CR 129). (CNBB, 2005, p. 157).

O itinerário formativo considera a pedagogia das idades, e suas etapas, um modo de empenho para progredir na formação cristã, entretanto, com objetivos diversos. Os três primeiros volumes acolhem as crianças para lhes fazer o primeiro anúncio de Cristo e os insere na caminhada da Iniciação Eucarística. A infância é o tempo das primeiras descobertas, mas ainda dentro de um universo de inocência. Por isso essa etapa “tem ainda como objetivo proporcionar o encontro das crianças com a pessoa de Jesus Cristo, e assim “desenvolver o processo de educação da fé, visando aproximar os catequizandos de um encontro íntimo e pessoal com Jesus Cristo” (ROZA, 2018, p. 8). Desse modo, à medida que forem conhecendo e aprofundando no mistério do Senhor, o amor por Ele também vai aumentando. Com isso, pretende-se alcançar este objetivo levando as crianças a interiorizar a escuta da Palavra Sagrada, através da participação na vida comunitária.

Tem ainda como objetivo fomentar a vida espiritual das crianças por meio das devoções populares e das celebrações litúrgicas. O progresso do catecumenato é acompanhado pelas celebrações de recepção dos tesouros e símbolos cristãos. No primeiro volume, as crianças recebem a Bíblia e o Pai Nosso em sua própria comunidade. No segundo volume, as celebrações são próprias do catequista com sua turma. O terceiro volume encerra a preparação e deixa a criança apta a receber o Sacramento da Eucaristia. Assim se finaliza a primeira etapa da iniciação cristã das crianças. O quarto volume é o da Catequese Crismal acolhe os jovens para a catequese crismal.

A juventude é a fase das grandes decisões. Os jovens passam a assumir seu próprio destino e suas responsabilidades pessoais e sociais. Buscam o verdadeiro significado da vida, a solidariedade, o compromisso social e a experiência de fé, pois é uma característica sua ser altruísta e idealista. A juventude costuma enfrentar vários desafios como: o desencanto e a falta de perspectiva no campo profissional; experiências negativas na família; exposição a uma sociedade erotizada que lhes dificulta o desenvolvimento sexual; insatisfação, angústia; em muitos casos, experimentam marginalização e dependência química. Pelo marcante significado e pelos riscos a que estão expostos nessa fase da vida, os jovens são interlocutores que merecem uma atenção especial da catequese. (CNBB, 2005, p. 163).

Prevê o engajamento dos jovens na vida comunitária como exigência para o processo que conclui a iniciação cristã. “A Catequese Crismal, oferece três possibilidades pedagógicas de encaminhamentos, a fim de colaborar no processo de educação de fé dos crismandos e ajudá-los a fazerem a experiência pessoal com Jesus Cristo” (MANTOVANI, 2017, p.8). Pretende-se, através dessas três possibilidades: dos encontros, da vivência pastoral e das celebrações catequéticas, levar a configuração e adesão do jovem a Cristo e ao seu projeto, e os desafiar a assumirem a missão de semear a mensagem evangélica.

Como é o fim do processo de iniciação, espera-se o engajamento na vida comunitária, a compreensão das doutrinas cristãs e a vivência da espiritualidade cristã. Essa etapa é marcada pela entrega das bem-aventuranças na Missa Dominical, pela Celebração do perdão, Celebração da Luz, Celebração da fé, e pela Leitura Orante da Bíblia. Ao fim de tudo, temos a Celebração de recepção do Sacramento da Crisma. A catequese oferecida aos jovens deverá levar em consideração a situação religiosa, moral e emocional que vivem e que incidem sobre suas decisões. “A catequese aos jovens será mais proveitosa se procurar colocar em prática uma educação da fé orientada ao conjunto de problemas que afetam suas vidas.” (CNBB, 2005, p. 164). A etapa é marcada por celebrações que tendem a ajudá-los a manterem sua perseverança na caminhada da fé já iniciada. As etapas têm a preocupação de um encontro, o qual deve ser um percurso pela Sagrada Escritura e pelo diálogo entre os catequizandos, o que irá favorecer o crescimento na vivência da Palavra Sagrada, além da leitura orante.

Foi pensado pela Coleção, um momento no qual antecede a preparação para o Sacramento da Crisma, sendo este a Catequese de Perseverança para a adolescência, com o intuito de amadurecer a personalidade e a fé. É uma etapa que antecede a catequese crismal e “tem em vista questionamentos e desafios mais frequentemente encontrados no dia a dia dos adolescentes” (ORTIZ; ROLLEMBERG, 2019, p. 7). Esta é uma fase da vida humana de muitos sonhos, de autonomia, de desejo de liberdade e de autoafirmação. “Urge para os adolescentes um projeto de crescimento na fé, do qual eles mesmos sejam protagonistas na descoberta da própria personalidade, no conhecimento e encantamento por Jesus Cristo, no compromisso com a comunidade e na coerência de vida cristã na sociedade” (CNBB, 2005, p. 168).

Com sua pedagogia a Igreja quer ser um porto seguro, para que tais adolescentes possam amadurecer suas escolhas e sua fé.

Na história do pensamento ocidental Agostinho é visto como um buscador inquieto da verdadeira felicidade, ele exalta a busca pela verdade e pelo conhecimento, pois por meio delas é que se pode chegar à felicidade. Em seu pensamento, a filosofia e a teologia são meios para se conhecer a Sagrada Escritura em busca da verdade que ilumina a fé. “A vida bem-aventurada é conhecê-lo e amá-lo. Todos proclamam que a buscam, e que poucos, porém, se alegram de tê-la realmente encontrado” (AGOSTINHO, 2009, p. 158). Ao oferecer um exemplo de preleção catequética, respondendo de fato ao pedido de Deogratias, Agostinho mostra sua genialidade, oferecendo uma catequese adaptada com as marcas de sua formação filosófica e teológica para aqueles que a escutam. Mostra que metodologicamente a catequese deve ser adaptada, mas para além disso ela deve considerar o sujeito concreto, caso contrário corre o risco de não alcançar seu objetivo. Oferece ao Deogratias dois exemplos: uma preleção mais longa e uma mais breve. Para tal preleção o sujeito, que Agostinho considera, é concreto e datado historicamente: “admitamos que venha a nós desejando ser cristão um ignorante, não do campo, mas da cidade, desses muitos que se é obrigado a conhecer em Cartago” (AGOSTINHO, 2005, p. 78). Fala aos cidadãos de Cartago, grande metrópole do norte da África, por volta do ano 405. Eis como deveremos instruí-lo, diz Agostinho:

Graças a Deus irmão. Felicito-te efusivamente e me alegro por ti visto que, nas tão numerosas e perigosas tempestades do mundo, cogitastes a respeito de uma verdadeira e segura tranquilidade. Mesmo nesta vida os homens, a poder de grandes fadigas, procuram o repouso e a tranquilidade; por causa de suas viciosas ambições, porém, não os encontram. Querem descansas nos bens instáveis – e não nos permanentes: são-lhes arrancados pelo tempo e passam ... e os atormentam com temores e dores e os não deixam tranquilos (AGOSTINHO, 2005, p. 79).

A primeira preleção é longa e envolve diversos temas, os quais levam o catecúmeno a conhecer primeiro que o caminho para a felicidade e para a vida não está nas coisas temporais; “os que buscam o verdadeiro repouso e a verdadeira felicidade deve elevar a sua esperança acima dos bens mortais e transitórios e colocá-la na Palavra do Senhor; para que, aderindo ao que permanece eternamente também ele mesmo permaneça eternamente” (AGOSTINHO, 2005, p. 79). Como é próprio da antropologia agostiniana, o verdadeiro cristão é aquele que abraça a fé almejando os bens futuros. Esse cristão é prudente e vive sempre vigilante nas tentações, e temperante na abundância, mas forte e paciente na esperança. “Mas o que, por causa,

da felicidade eterna e do perpétuo repouso que após esta via se promete aos justos, deseja tornar-se cristão; o que não quer ir para o fogo eterno com o diabo, mas quer entrar no reino eterno com Cristo, esse é verdadeiramente cristão” (AGOSTINHO, 2005, p. 82). No caminho de se tornar um verdadeiro cristão, Agostinho o coloca numa jornada, já refletida em outros momentos de sua obra, de progressão espiritual que leva a amar a Deus e a temer o inferno. Baseada nas Sagradas Escrituras o catequista deve narrar os fatos que devem ser aceitos como verdadeiros: a criação do homem, o paraíso, a primazia de Cristo, a vinda do Espírito Santo, os apóstolos e a vida da Igreja, a ressurreição e a vida eterna dos santos.

A catequese não deve ser mais longa do que já havia apresentado, e deve ter duração tanto quanto for desejada por quem ouve. “Entretanto, interessa muito o que o próprio assunto sugere, à medida que se desenvolve, e o que os ouvintes não só suportam mas desejam” (AGOSTINHO, 2005, p. 116). Oferece ainda um segundo exemplo de preleção, mais breve do que a primeira, em que se diz concisamente o exposto na preleção completa. O intuito é o mesmo, apresentar a quem deseja ser cristão o mistério central da fé. Após esse anúncio o ouvinte é interrogado se deseja aceitar ou não o que lhe foi comunicado.

Realmente, irmão, grande é a felicidade prometida aos santos no mundo futuro. Na verdade, tudo o que é visível passa; perecerão toda a pompa deste mundo, as delícias e a fome de saber, arrastando consigo para a perda os seus admiradores. Deus misericordioso quis libertas dessa destruição, isto é, das penas eternas, os homens não inimigos de si mesmos e não resistentes à misericórdia do Criador. Enviou o seu filho unigênito, isto é, o seu Verbo, igual a Ele mesmo, por quem foram criados todos os seres. Este, permanecendo na sua divindade, sem se desviar do Pai, sem mudar em nada, assumiu a natureza humana. Veio aos homens, mostrando-se aos homens em carne mortal: para que, assim como a morte entrou no gênero humano por um só homem (o que primeiro foi criado, Adão que concordou com a mulher seduzida pelo diabo em que transgrediram o mandamento de Deus), assim por um só homem, que também é Deus, Jesus Cristo, fossem apagados todos os pecados passados e todos os que acreditassem nele entrassem na vida eterna. (AGOSTINHO, 2005, p. 116-117).

Mesmo de forma breve Agostinho demonstra firmeza e conhecimento em suas palavras, sua preleção manifesta a centralidade de Cristo e seu papel redentor para a humanidade. O exemplo de uma preleção curta, manifesta o *querigma* já pregado pela comunidade cristã desde a época apostólica e ensina o cumprimento das profecias do Antigo Testamento na vida da Igreja⁴⁸. Ainda assim, reafirma a ressurreição como

⁴⁸ Para o entendimento de nosso trabalho, *querigma* é a primeira etapa do processo de evangelização e catequese. E consiste justamente no primeiro e fundamental anúncio feito ao catecúmeno sobre quem

prêmio para todos os que souberam esperar e confiar em Cristo, e coloca o papel da moral na vida dos cristãos, esta lhes ajuda a praticar a lei e a evitar as tentações em vista da ressurreição futura.

No pensamento agostiniano, fica claro como a instrução deve considerar os sujeitos concretos. Mesmo com a indicação do Diretório Nacional de Catequese para que esta considere os diversos públicos em todos os âmbitos como pessoas idosas, indígenas, afro-brasileiros, pessoas com deficiências, marginalizados e excluídos. Na prática a acolhida a estas realidades ainda é quase nula. Há uma insistência na catequese de crianças e jovens, aos quais são dedicadas praticamente todas as forças paroquiais, e os demais grupos quase sempre são negligenciados nos processos formativos, ou quando são acolhidos, são inseridos em turmas regulares, sem levar em consideração sua situação particular.

A diferença do Catecumenato Antigo, que admitia apenas adultos, hoje por razões históricas, o processo de formação catequética começa com a acolhida desde a infância. Houve uma separação entre os sacramentos do Batismo e da Crisma. A Catequese contemporânea prepara as crianças, a partir dos onze anos, a fazerem a iniciação à vida eucarística, e os jovens para, a partir dos quatorze anos, receberem o sacramento da Crisma, momento de declaração da maturidade cristã. Este é o momento no qual o cristão deveria estar pronto para ler e interpretar os códigos da fé e da espiritualidade cristã. Segundo constatação do projeto Diocesano de Iniciação Cristã, a catequese para adultos tem tido pouca importância, sendo uma iniciativa sem muito cuidado pedagógico⁴⁹. Nesse sentido, observamos uma notável diferença com o antigo catecumenato, visto que o atual se apresenta fragmentado e com lacunas. Ele oferecia ao adulto uma sólida formação sobre os mistérios da fé, sobre a história salvífica, com vistas a sua vivência cristã. Era uma pastoral orgânica e bem definida, com tempos próprios para o catecumenato e para celebrações e ritos que o marcavam. Seguindo a inspiração do Catecumenato Antigo, há uma indicação de que a Catequese para os adultos siga também a inspiração catecumenal, ancorada no RICA. O processo catecumenal para os adultos deve receber as melhores forças da evangelização, “pois os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na

é Cristo. No livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,14-36), Pedro faz no dia de Pentecostes um discurso querigmático, ali o centro do anúncio é a paixão, morte e ressurreição de Cristo.

⁴⁹ Projeto Diocesano de Iniciação Cristã, p. 04

família, na escola, nos meios de comunicação social e na própria comunidade eclesial” (CNBB, 1983, p. 90). O projeto⁵⁰ visa adequar o processo para os jovens através de uma pedagogia que considere a progressão pessoal do adulto tal qual era feita pelo Catecumenato Antigo.

3.2.2 A Catequese como narrativa bíblica dos eventos salvíficos

No dia a dia da vida catequética, atualmente em Paracatu, temos predominantemente a presença de mulheres com grande experiência de fé e sem formação universitária. Os catequistas estão ligados, principalmente, às comunidades, os pastorais ou a movimentos eclesiais; os que têm a comunicar parte de sua caminhada pessoal. De acordo com o Projeto Diocesano de Iniciação há uma boa compreensão do que seja a catequese e de quem está envolvido nela, por parte dos catequistas. Mas por ser um processo que ainda não tem grande importância no conjunto pastoral paroquial, falta empenho formativo, e persiste nos catequistas uma visão escolar⁵¹, tendo como fim, unicamente, a recepção dos sacramentos. A catequização ocorre com ajuda da Bíblia, sendo ela uma fonte da catequese cristã, ademais, utiliza-se da contação das histórias vocacionais, das músicas, dos testemunhos e das missões. Para Santo Agostinho o centro da Instrução dos Catecúmenos é a narração bíblica dos eventos da história da salvação. A meta é, a caridade e a escritura preparam o advento de Cristo, cabeça da Igreja. “Por essa razão, tudo quanto outrora foi escrito para nossa instrução, como as nossas prefigurações e tudo o que aconteceu para nosso exemplo e foi escrito para nós, que tocamos o fim dos tempos” (AGOSTINHO, 2005, p. 45). Segundo o autor, a catequese como narração expõe os acontecimentos da história da salvação e cria uma expectativa ou esperança da salvação, o que gera, na vida cristã, o amor.

Na narração bíblica, entretanto, é necessária uma exposição dos acontecimentos que revelam o desígnio de Deus. A narração, mantendo a unidade dos eventos salvíficos, manifesta a pedagogia bíblica da salvação. Em tudo isso Agostinho manifesta que a catequese tem início da Sagrada Escritura. Na consideração dos

⁵⁰ Tal indicação está presente no Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã, na página 14, junto com outras ações a serem implementadas no processo catequético. Na pedagogia utilizada pela Diocese, considera-se adultos a partir dos 18 anos.

⁵¹ Projeto Diocesano de Iniciação à vida Cristã, pg. 03.

catequistas, hoje falta-lhes a consciência de serem narradores das maravilhas de Deus na economia da salvação e cultivem a proximidade afetiva com a Sagrada Escritura. Em sua realidade particular a Diocese de Paracatu observa que os catequizandos têm grandes dificuldades de manuseio e compreensão da Bíblia, como os catequistas que não têm formação bíblica⁵².

O próprio Agostinho teve dificuldades para a leitura e compreensão das páginas da Sagrada Escritura. Quando estudava retórica teve contato com o *Hortênsio de Cícero*, obra que despertou em Agostinho o amor à sabedoria, “o livro é uma exortação à filosofia e chama-se *Hortênsio*. Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos” (AGOSTINHO, 1984, p. 66). Nas Confissões, Agostinho narra a experiência da leitura deste livro, e o fato negativo de ali não ter encontrado o nome de Cristo. Quando resolveu se dedicar ao estudo das Sagradas Escrituras, para conhecê-las ele diz: “encontrei um livro que não se abre aos soberbos e, que também não se revela às crianças; humildes no começo, mas que nos leva aos píncaros e está envolto em mistério, à medida que se vai à frente. Eu era incapaz de nele penetrar ou de baixar a cabeça à sua entrada” (AGOSTINHO, 1984, p. 62). Sua primeira aproximação, com a Escrita Sagrada, não foi positiva, pois ele foi incapaz de compreender o sentido.

O que senti nessa época, diante das Escrituras, foi bem diferente do que agora afirmo. Tive a impressão de uma obra indigna de ser comparada à majestade de Cícero. Meu orgulho não podia suportar aquela simplicidade de estilo. Por outro lado, a agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para acompanhar o crescimento dos pequenos, mas eu desdenhava de fazer-me pequeno, e no meu orgulho, sentia-me grande (AGOSTINHO, 1984, p. 68).

O fato de não compreender os Escritos empurrou Agostinho para o maniqueísmo. Somente após o encontro com Ambrósio de Milão, começou a afastar-se do maniqueísmo e a compreender as Escrituras. Gostava de ouvir os sermões de Ambrósio e “junto com as palavras que me agradavam, chegavam-me também ao espírito os ensinamentos que eu desprezava” (AGOSTINHO, 1984, p. 134). A escuta de Ambrósio, que como um catequista, ajudou-lhe a compreender o sentido espiritual das passagens bíblicas, sendo tomadas ao pé da letra, pareciam ensinar o mal. Conseguiu ler e compreender tais escritos por meio do método alegórico, o qual foi empregado pelos filósofos e gramáticos na Antiguidade Cristã para explicar textos difíceis da sagrada escritura, por meio de alegorias e símbolos. “Alegrava-me, também,

⁵² Projeto Diocesano de Iniciação à vida Cristã, pg. 04.

por ter aprendido a ler as antigas Escrituras da Lei e dos Profetas, com interpretação diferente daquelas que antes me pareciam absurdas, quando eu acusava teus santos de terem fé em coisas nas quais realmente não acreditavam” (AGOSTINHO, 1984, p. 144).

Em *A Instrução dos Catecúmenos*, Agostinho propõe a narrativa de temas bíblicos por meio da alegoria: o dilúvio e a arca, o Mar Vermelho e o símbolo do Batismo, o Cativo da Babilônia. “Anunciava-se também pela alegoria do dilúvio, na qual os justos foram salvos por meio do lenho – a futura Igreja, que seu Rei e Deus, Cristo, pelo mistério da Cruz suspendeu acima da voragem deste mundo” (AGOSTINHO, 2005, p. 90). Esses eventos narrados, através da alegoria, anunciam e comunicam fatos significativos para a compreensão da fé cristã. A aproximação da Sagrada Escritura por meio da busca da compreensão dos símbolos é um dos objetivos da catequese mistagógica, que hoje a formação cristã busca como meta.

Há, portanto, uma diferença abissal entre a forma como a Escritura é tomada no Catecumenato Antigo e na Catequese atual. No Catecumenato Antigo ela é a alma da catequese, por meio dela se catequiza e com ela se ensina os grandes momentos da história da salvação, o que leva o ouvinte a crer e a esperar os bens futuros reservados pela fé. Muitos, hoje, que buscam a fé cristã têm dificuldades para ler e compreender a mensagem contida nas páginas das Sagradas Escrituras, assim como Agostinho. A paróquia que analisamos, sendo uma Paróquia mariana e marcada pela influência de várias culturas, mostra que os momentos catequéticos estão marcados por espiritualidades e dinâmicas diversas como os cantos, as orações, as procissões Marianas, as devoções populares e as festas de santos. Com tudo isso, e com certa omissão quanto aos Escritos Sagrados, os catequistas procuram comunicar e levar seus ouvintes ao conhecimento da fé.

Se a característica principal do Catecumenato Antigo é ser uma narrativa, o catequista então é quem cumpre a função de narrar aos ouvintes a novidade da fé. “No Povo de Deus havia uma forma eficiente de catequese narrativa e celebrativa, que transmitia a fé e os ensinamentos do Senhor, de geração em geração, para que o povo pudesse se deixar guiar pelo seu projeto de amor” (CNBB, 2005, p. 129). A narrativa, a ser apresentada ao catequizando, deve ser completa, e tem como meta a caridade. A função do catequista é de suma importância, pois a exemplo de Cristo, mestre por excelência, conduz o homem em sua jornada de interiorização e de busca da luz. Agostinho menciona em *A Instrução dos Catecúmenos* apenas a necessidade de o

catequista cumprir sua tarefa com alegria. “A grande preocupação reside na maneira de narrar, para que aquele que catequiza, quem quer que seja, o faça com alegria: tanto mais agradável será a narração, quanto mais puder alegrar-se o catequista” (AGOSTINHO, 2005, p. 42). O autor frisa, que muitas vezes, aqueles que buscam tornar-se cristãos sem serem tocados pelo temor de Deus ou esperam alguma recompensa, ou recorrem a Ele para tentar escapar de algum prejuízo do inimigo. Com isso, quem busca a fé por essas razões “não deseja realmente tornar-se cristã, mas simular o que deseja: a fé não está no corpo que se inclina, mas na alma que crê” (AGOSTINHO, 2005, p. 50). Nessas ocasiões Deus manifesta sua misericórdia pelos homens através do ministério dos catequistas, eles podem levar os que buscam a fé a quererem de fato o que pode lhes dar a salvação. Na contemporaneidade também se faz necessário pensar o ministério do catequista⁵³, sendo eles os grandes responsáveis pela proposição do *querigma* cristão. Segundo o Diretório Geral, para a Catequese cada Igreja particular deverá analisar sua situação cultural e religiosa, e a partir de aí traçar o perfil, de acordo com a realidade da sua comunidade e dos tipos de catequistas que necessita.

3.2.3 O Catequista como mistagogo

A figura do catequista foi inspirada desde a Patrística naquele que, por excelência, tem a função de catequisar⁵⁴. A tarefa solicitada por Deogratias a Agostinho, se refere a catequese oferecida aos *rudes*, ou seja, é uma catequese querigmática de acolhida e anúncio aos que, sem noção nenhuma, se aproximam da fé. O catequista guia os catecúmenos em sua caminhada de descoberta dos mistérios. O fim do *querigma* é a experiência viva, a partir dos sacramentos, do mistério que o catecúmeno entrou em contato. O catequista torna-se o grande mistagogo, um pedagogo com a função de iniciador nos mistérios. A correta compreensão e anúncio do *querigma* leva a assegurar a mistagogia⁵⁵ na vivência dos sacramentos. A prática

⁵³ Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã, p. 17.

⁵⁴ Já indicamos nesta pesquisa como Cristo, é o grande pedagogo na condução do homem no caminho da verdade, no pensamento dos Padres da Patrística. E como é visto por Clemente de Alexandria, na obra o Pedagogo, na obra Cristo é o Divino pedagogo que cura as inclinações viciosas da alma. E na visão de Agostinho, na obra *De Magistro*, Cristo é o mestre que conduz o homem em sua jornada de interiorização.

⁵⁵ Mistagogia é um termo grego, *Mist* indica mistério e *Gogia*, significa guiar, conduzir. Desta forma O mistagogo é aquele que conduz o ouvinte para o mistério. Cirilo de Jerusalém é um catequista e teólogo

catequética tem observado as falhas e dificuldades para anunciar a mensagem cristã, e como isso tem afetado a capacidade dos novos cristãos experimentarem os mistérios centrais da fé cristã, e da celebração dos sacramentos que são, segundo a fé católica, ponto central de comunicação com o divino. A grande preocupação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, foi expressa pela Comissão Episcopal para Animação Bíblico-Catequética no Documento 107. Ali se identificou algumas das falhas fundamentais no anúncio do *querigma* cristã e como isso tem impactado na compreensão e vivência dos sacramentos. Consciente das grandes mudanças que abalam as estruturas do nosso tempo, o Documento inspira mudanças de paradigmas para se propor a fé.

Dessa forma, há um problema de como propor a fé de maneira a assegurar que os ouvintes descubram e queiram acolher os mistérios que lhes são ofertados por meio dos sacramentos. A busca da Inspiração catecumenal é justamente a consciência da necessidade de um caminho novo para a formação da fé. Com a pedagogia catecumenal, a mistagogia é vista como essencial no processo de iniciação cristã. “Nesse sentido, iniciar é um processo muito mais profundo e existencial do que ensinar” (CNBB, 2017, p. 59). Quanto ao tema da mistagogia temos na Patrística exemplos com Ambrósio, mas o grande autor foi Cirilo de Jerusalém, em suas catequeses mistagógicas mostra que esse tempo no catecumenato é de fato importante, e não é lugar mais de tratados, mas sim da explicação do símbolo pelos quais se deu a iniciação nos mistérios. É um tempo breve após a recepção dos sacramentos, vivido no tempo pascal.

O catecumenato social deixou um distanciamento dos passos da iniciação e a sua desvinculação com a Páscoa, momento de renovação da fé cristã. Dentro da realidade paroquial que serve a nossa pesquisa, há desconhecimento sobre o RICA, assim como dos processos e pedagogia que o envolvem⁵⁶, como também grandes dificuldades para vivência litúrgica. A dificuldade para assegurar os catequizandos a experiência mistagógica está na dificuldade para a contemplação do símbolo. O catequista deve ser um pedagogo que durante toda a exposição catecumenal leva os seus ouvintes a compreenderem as verdades da fé. Entretanto, o faz com sensibilidade, tal que seja capaz de relacionar fé e vida e, a partir desta, possam

do século IV. Por volta do ano 350 escreveu vinte e três catequeses que marcaram o tema da mistagogia dentro da Patrística.

⁵⁶ Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã, p. 04.

iluminar as realidades humanas que tanto impactam e deterioram a relação com o Divino.

Cesare Giraudo ao comparar e examinar a teologia eucarística do segundo milênio, mostra a pedagogia mistagógica, a qual conduzia a catequese e a vida celebrativa dos cristãos do primeiro milênio. Ele a definiu como uma “metodologia global e dinâmica que era típica dos Padres” (GIRAUDO, 2003, p. 8). Para indicar que, para os Padres da Patrística, era necessário primeiro rezar para depois crer, para poder crer e para saber como é o que deviam crer, Giraudo traz um exemplo de Santo Ambrósio ao expor o tratado sobre a eucaristia, o exemplo mostra bem a mistagogia no catecumenato e na liturgia:

O mestre não se põe no centro da cena, mas do lado. No centro está o altar, já que estamos na Igreja. Mistagogo e neófitos comportam-se como se tivessem à maneira de camaleões, o controle independente dos olhos. Com um olho, ou seja, como o olhar material, mestre e discípulos se olham: o mistagogo olha com amor para os neófitos e os neófitos com confiança para o mestre. Mas com o outro olho, o olho teológico, mestre e discípulos olham para o altar, que não perdem de vista um só instante. O altar é o verdadeiro mestre! É a *lex orandi* que se senta na cátedra, para dizer a todos o que é a eucaristia. Os olhares dos presentes se movem por isso, não num percurso simples em linha reta, mas num percurso em triângulo: materialmente vão do mistagogo aos neófitos e vice-versa; teologicamente estão de ambas as partes, fixos no altar (GIRAUDO, 2014, p. 9).

O que o catequista tem para anunciar está consignado nas Sagradas Escrituras e na caminhada da fé da comunidade cristã. Como mistagogo o catequista tem diante de si a riqueza cristã e a manifesta, remetendo a grandeza que o catequizando vivenciou em seu encontro com o Cristo por intermédio dos sacramentos. Ajuda na percepção de que nos símbolos, nas realidades humanas, no divino, permite ser contemplado, tocado, e alcançado por meio da fé. Os mistérios são contemplados através de formas que os tornam acessíveis aos homens como a água, o óleo, a luz, o pão, o vinho, o sacerdote, os fiéis e a fonte batismal. Esses símbolos, como os ritos nos quais eles são oferecidos, são compreendidos a partir do seu sentido bíblico e litúrgico, para daí levar ao compromisso cristão cotidiano. No Catecumenato Antigo as catequeses dos Padres constituem um verdadeiro itinerário mistagógico.

Já introduzimos, no capítulo primeiro, o tema da mistagogia e a importância deste tempo no processo catecumenal. E o lugar que Cirilo de Jerusalém ocupa na reflexão sobre a catequese mistagógica e os sacramentos da iniciação. As *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém revelam seu esforço pessoal nesse tema, e consignam a grande experiência dos Patrística neste tema. “Nas cinco catequeses

mistagógicas, Cirilo de Jerusalém adota o método da exposição popular, em linguagem simples e clara, viva e fervorosa, bem adaptada às necessidades intelectuais ou morais de seus ouvintes e, por isso mesmo muito prático e objetivo” (COSTA, 2015, p. 55). Assim, Cirilo fala na segunda catequese mistagógica, sobre o banho batismal:

Logo que entrastes, despistes a túnica. E isto era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despídos, estáveis nus, imitando também a Cristo nu sobre a cruz. Por sua nudez despojou os principados e as potestades e no lenho triunfou corajosamente sobre eles. As forças inimigas habitavam em vossos membros. Agora já não vos é permitido trazer aquela velha túnica, digo, não esta túnica visível, mas o homem velho corrompido pelas concupiscências falazes. Oxalá a alma, uma vez despojada dele, jamais torne a vesti-la, mas possa dizer com a esposa de Cristo, no Cântico dos Cânticos: «Tirei minha túnica, como irei revesti-la?». Ó maravilha, estáveis nus à vista de todos e não vos envergonhastes. Em verdade éreis imagem do primeiro homem Adão, que no paraíso andava nu e não se envergonha (CIRILO DE JERUSALÉM, 1977, p. 32-33).

Ainda sobre a eucaristia e a presença real de Cristo, Cirilo diz de maneira mistagógica:

Portanto, com toda certeza recebemo-los como corpo e sangue de Cristo. Em forma de pão te é dado o corpo, e em forma de vinho o sangue, para que te tornes, tomando o corpo e o sangue de Cristo, con-corpóreo e consangüíneo com Cristo. Assim nos tornamos portadores de Cristo (crístóforos), sendo nossos membros penetrados por seu corpo e sangue. Desse modo, como diz o bem-aventurado Pedro, «tornamo-nos partícipes da natureza divina». 54 Falando, outrora, aos judeus Cristo dizia: «Se não comerdes minha carne e não beberdes meu sangue, não tereis a vida em vós».6 Como não entendessem espiritualmente o que era dito, escandalizados, se retiraram, imaginando que o Salvador os incitava a comer carne humana. Também no Antigo Testamento havia pães de proposição. Mas esses pães, por pertencerem à antiga aliança, tiveram fim. Na nova aliança o pão celeste e o cálice de salvação santificam a alma e o corpo. Pois, como o pão se adequa ao corpo, assim o Verbo se harmoniza com a alma. Não consideres, portanto, o pão e o vinho como simples elementos. São, conforme a afirmação do Mestre, corpo e sangue. Se os sentidos isto te sugerem, a fé te confirma. Não julgues o que se propõe segundo o gosto, mas pela fé tem firme certeza de que foste julgado digno do corpo e sangue de Cristo (CIRILO DE JERUSALÉM, 1977, p. 43)

Na tarefa de propor a mistagogia, segundo Mendonça (2010), Cirilo faz uso da palavra, dos símbolos o que cria um imaginário religioso, o qual comunica o sagrado de diversas formas. Todos os símbolos presentes na celebração litúrgica estão impregnados de significado, o que ajuda o neófito a compreender o mistério de que participou. É realçado, igualmente, a figura do mistagogo que comunica sempre com sabedoria, ternura e alegria, e preparando os corações para a cada momento revelar um mistério maior. O clima em que tudo é realizado é o familiar, os neófitos agora fazem parte de uma nova família: a comunidade cristã. Nesse sentido, o catequista se age como um pai espiritual dos recém-batizados.

O rito às vezes pode se tornar inacessível, principalmente em nossa época tecnológica e imediatista. É função do catequista introduzir quem foi iniciado no sentido dos ritos que vivenciou e dos símbolos nos quais entrou em contato. A Iniciação Cristã é completa quando a compreensão de como esses ritos e símbolos irão amparar o cristão em todas as dimensões de sua vida cotidiana. Diante da constatação do desconhecimento sobre os processos que envolvem a catequese, frente às questões que dificultam, tanto o anúncio do querigma quanto da vivência mistagógica que levam ao amadurecimento da formação cristã, continuamos indicando alguns traços que visam assegurar essa experiência. O intuito é uma ação catequética que leve seus ouvintes a experimentarem o divino e serem capazes de o manifestar. Por isso, faz-se necessário educar para os símbolos e para a ação litúrgica, capacitar para a interiorização de gestos. A catequese deve ainda educar para a linguagem do silêncio, dos ritos, do canto, da dança e outros movimentos, através dos quais o sagrado pode ser vislumbrado. Catequese mistagógica pressupõe o processo catecumenal, assim ao assumir a inspiração catecumenal, as comunidades assumem a tarefa de propor a mistagogia.

O Projeto de Iniciação Cristã, seguido pela Paróquia Nossa Senhora de Fátima, indica, em vários momentos, elementos da pedagogia catecumenal em vista de uma catequese mistagógica: encontros celebrativos, interação entre liturgia e catequese, celebração dos ritos que marcam passagem entre etapas do catecumenato⁵⁷, valorização dos tempos litúrgicos e inserção dos catequizandos na vida comunitária⁵⁸. Além destas indicações, para assegurar uma catequese mistagógica, Costa (2015) recolhe os fundamentos teológicos e o eixo mistagógico presente nas *Catequese Mistagógicas* e, a partir daí, organizou categorias que traduzem as intenções de Cirilo de Jerusalém em suas catequese e as indica como critérios abalizadores para experiências mistagógicas contemporâneas. Dentre estes critérios destacamos: a adequação da linguagem; a concepção de liturgia, a ênfase na participação e a compreensão de revelação. Tais critérios poderão criar uma linguagem simbólica e mediadora com potencial para despertar, nos que procuram se iniciar na fé cristã, de que estão perpassados pelo Mistério de Deus.

⁵⁷ Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã, p. 16.

⁵⁸ Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã, p. 15 e 19.

James White afirma em seu livro *Introdução ao Culto Cristão* que ninguém nasce cristão, a pessoa se torna cristã. A Iniciação Cristã é segundo White (1997), todo o processo ritual de feitura de um cristão, o qual “torna-se cristã ao passar a fazer parte da comunidade com um modo de vida distinto que implica compromissos definidos em termos de ética e credo” (WHITE, 1997, p. 129). Essa mudança se dá por meio dos ritos e sacramentos que marcam o que o divino faz na pessoa para levá-la ao seu novo status de vida. O intuito da Iniciação é sempre o mesmo, mas os ritos e os métodos mudam e se adaptam aos tempos. A Catequese oferecida em nossos tempos, considera os fascinantes ritos do Catecumenato Antigo e sua inspiração para repensar a maneira de formar cristãos e lhes conferir uma nova identidade. Já consideramos a identidade em sua visão essencialista, que torna o homem destinado a Deus.

Como processo formativo, a iniciação tende a construir uma identidade entre os que dele participaram. A instrução catecumenal procura integrar fé e vida, para se alcançar o objetivo de levar o cristão a viver autenticamente a fé. Mas é um processo que não se instaura repentinamente, a identidade cristã se dá a partir de um processo que poderia levar anos até a integração da vida à fé. Entendemos, inicialmente, que a fixação de uma identidade não é algo simples. Cada vez mais a identidade é vista e analisada em contextos mais amplos, os quais evitam tratar o tema com reducionismos. Hall (1998), ao falar sobre a crise de identidade na pós-modernidade, entende-a como estruturas e processos centrais da sociedade, são quadros de referência que dão ao indivíduo uma ancoragem estável no mundo social. Nosso tempo assiste a um aumento do interesse sobre o conceito de identidade, e ao surgimento de uma visão plural e complexa do homem, nos levando ao entendimento de identidade como um conceito aberto que indica construção, processo e nunca um dado acabado. A Pós Modernidade conclui uma série de mudanças estruturais que transformaram as sociedades no fim do século XX. “Essas mudanças acabaram incidindo sobre as identidades pessoais, causando uma perda do sentido de si” (HALL, 2000, p. 9). Antes de uma unidade estável, o sujeito pós-moderno é fragmentado, composto de identidades diversas e até contraditórias. Assim, falar de identidade em nosso tempo, supõe falar de um processo de descontinuidades que rompe com modelos instituídos tradicionalmente.

Desde a Patrística se tinha a compreensão de que formar cristãos não era uma tarefa fácil, por isso esse processo abrangia uma duração necessária para incutir no catecúmeno os dados da fé, os quais iriam lhe incorporar na igreja, e perdendo suas

faltas lhe possibilitaria um renascimento espiritual. Esses ritos eram públicos, envolvendo toda a comunidade, e consiste, primeiro, no desenvolvimento de um longo catecumenato, sendo de fato um processo de conversão. Os dados da educação cristã hoje, repensados por mandato do Concílio Vaticano II, atestam a preocupação de ir ao encontro do homem contemporâneo com tudo aquilo que ele abarca, como suas condições sociais e históricas e também suas estruturas subjetivas e econômicas. O mundo secularizado e informatizado, impôs uma cultura imediatista e midiática, condições como essas dificultam o processo de iniciação em qualquer que seja sua acepção. Entretanto, as características que definem o mundo e o homem atual são propícias para o desenvolvimento do pensamento agostiniano de uma catequese, que leve em consideração os problemas concretos do homem.

Cada comunidade observa seus interlocutores, tendo em vista que o imediatismo e a dificuldade para a compreensão do simbólico e as diretrizes atuais caminham para uma catequese acentuadamente particular. A observação da prática catequética em Paracatu MG, encontrou diretrizes gerais e preocupações próprias com a situação econômica, familiar e social das crianças, dos jovens e dos adolescentes. A catequese, quanto mais considerar essas situações, deverá fazer delas seu ponto de partida, para alcançar seu intuito de formar novos cristãos.

CONCLUSÃO

A catequese é o hoje de sempre da Igreja Católica, tudo o que empreende hoje estará sempre ligado a rica tradição. Desde seus primeiros passos a preocupação de anunciar e de propor a fé, foi uma preocupação ordinária. Ela é resultado de um longo e frutuoso caminho, que começou tímido, circunscrito e fechado, com uma dimensão fortemente apologética. Mas que atualmente é aberto, dinâmico e se beneficia com a contribuição das ciências sociais, da antropologia e das teorias educacionais. Um grande contributo para o amadurecimento da catequese foram as reflexões da Patrística. De fato, esse foi o período germinal de crescimento e sistematização. Depois da Patrística não assistimos mais tanta fertilidade nos processos catequéticos, como não encontramos uma pedagogia tão simples que cumprisse tão eficazmente seu propósito.

Como primeira evangelização e proposição de querigma, a catequese sempre encontrou situações concretas, as quais teve que considerar. O objetivo geral desta pesquisa foi buscar compreender e analisar a Educação Cristã e o Catecumenato a partir da obra *A Instrução dos Catecúmenos*, de Santo Agostinho escrita por volta do ano 405. A partir dela buscamos ainda investigar a função formativa do catecumenato e descrever as contribuições de Santo Agostinho para a Educação Cristã Católica. Por fim, perceber os vestígios do Catecumenato presente na formação da identidade cristã, a partir da comunidade de Paracatu, Minas Gerais. O intuito de Agostinho com a obra, que é objeto de nossa pesquisa, partiu do desafio de se propor a fé aos que principiavam a caminhada cristã. Em Paracatu-MG, a catequese foi um empreendimento para ajudar a formar a comunidade cristã sobre sua identidade e sua missão social. Nos dois tempos históricos encontramos uma provocação, para a qual fez necessário uma prática metodológica, visando conseguir compreender e responder aos desafios que lhe foram impostos. Para tal fez-se urgente compreender o sentido da educação no mundo antigo, pois a educação cristã partiu destes pressupostos educacionais. A revolução educacional cristã só foi possível quando, depois de um tempo de dificuldades iniciais, o cristianismo foi aceito como religião oficial em Roma. Dessa forma, os Catecumenatos dos adultos faziam sua adesão ao cristianismo. O intuito era narrar aos novos cristãos as maravilhas da salvação e lhes despertar o desejo de viverem a revolução da pedagogia cristã, que tinha como centro a caridade.

A compreensão da metodologia catecumenal foi buscada com a *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*, e *Os Sacramentos e os Mistérios* de Ambrósio de Milão. Eles nos deram um retrato fiel e histórico da Iniciação cristã na Igreja Primitiva. Condensado em quatro tempos (Pré-catecumenato, Catecumenato, Iluminação e Mistagogia), o Catecumenato unia instrução doutrinal com celebração, e assim comunicava e levava os neófitos a experimentarem um mistério novo, os quais motivava a uma nova experiência de vida. A Patrística produziu grandes reflexões e deixou um testemunho vivo da força do catecumenato. O grande sistematizador da Patrística Latina foi Santo Agostinho, que na pesquisa tomamos como o mestre da pedagogia cristã. Como resposta ao pedido do Diácono Deogratias, Santo Agostinho criou uma obra simples e harmoniosa: *A Instrução dos Catecúmenos*, na qual elabora conselhos para os instrutores sobre a prática do ensino cristão. Para a formação da identidade cristã, o autor propõe um processo que considere o homem concreto, e o ajude a viver bem diante dos desafios cotidianos, buscando a Deus e a felicidade. Propõe ainda a educação cristã em três dimensões, a instrução da fé, a introdução na oração e na liturgia e a conversão dos costumes. A formação cristã, é ainda um processo de crescimento interior que ascende o indivíduo através de um itinerário de purificação moral, permitindo-lhe sair da decadência em que se encontra. Esse itinerário permite que o indivíduo se identifique com a Bondade suprema e cria nele um novo estatuto: o ser cristão. Um ser humano com visões novas de igualdade, fraternidade, justiça e que saiba dialogar num mundo em conflito.

O Concílio Vaticano II é hoje o grande inspirador da teologia e da pastoral católica. Ele reconheceu a importância do catecumenato antigo e propôs sua restauração a catequese, assim, deve ter como caminho metodológico a inspiração catecumenal. A busca por resquícios do Catecumenato Antigo e das indicações de Santo Agostinho feitas em *A Instrução dos Catecúmenos*, passa necessariamente pela observação do que diz o Concílio Vaticano II, como ainda dos documentos seguintes, os quais aplicaram as diretrizes do Concílio. Os últimos anos da vida eclesial brasileira foram de revisão de processos à luz e revisão dos documentos do Episcopado Brasileiro. Entre estes documentos fundamentais para a renovação catequética, com inspiração catecumenal, reconhecemos os decretos *Christus Dominus* e *Ad Gentes*, a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, dos documentos do Concílio Vaticano II, os documentos pós conciliar do Diretório Geral para a Catequese *Catechesi Tradendae*, e, no Brasil, os documentos da Catequese Renovada, do Diretório Nacional de

Catequese e o Documento 107. Todos estes documentos são um empenho para a renovação do entendimento e da metodologia catequética. Eles insistem que a inspiração catecumenal pode ser ainda eficaz para a proposição da fé e a formação cristã. Ressurge nesse momento, com relativa importância, o papel da mistagogia para a assimilação do mistério da fé cristã.

Da interpretação da obra agostiniana aprendemos algumas dimensões essenciais da instrução catequética: é uma narrativa, é um processo orgânico, e deve ser adaptada a vida cotidiana e concreta. Há enormes dificuldades na compreensão da catequese nas diversas instâncias do processo: clérigos, catequistas leigos e famílias. Há ainda uma mentalidade apressada que não oferece ao catecumenato o tempo necessário para instrução mínima. Desse modo, temos uma encruzilhada, o desejo de um retorno ao que já se viveu, como inspiração para os tempos presentes. Por outro lado, impera uma incompreensão do que foi o catecumenato, e resistências para se mudar a dinâmica atual. Como teoria, as orientações do Catecumenato e de Santo Agostinho em *A Instrução dos Catecúmenos*, perpassam todos os documentos e motivações que orientam a prática catequética para a iniciação à vida cristã. Mas a prática cada vez mais questionada pelo processo de secularização, que destaca o subjetivismo e o individualismo aliados com as situações socioeconômicas, minam a força formativa da catequese contemporânea. Grandes lacunas são ainda observadas como o desconhecimento da Sagrada Escritura, o que compromete a catequese como a narração dos feitos salvíficos, a catequese para os sacramentos e não para a vida cristã. Surgem diante das incompreensões do processo as dificuldades do catequista de compreender-se como um mistagogo, aquele que ajuda os catequizando a compreender na diversidade dos símbolos cristão, o mistério que experimentou com a iniciação.

Há sem sombra de dúvidas numerosos e variados resquícios do Catecumenato Antigo, como também das indicações do pequeno manual elaborado por Santo Agostinho. Mas a má vontade das comunidades eclesiais de se debruçar e assumir a catequese como algo essencial para a continuidade da identidade cristã, impõe barreiras que a impede de se desenvolver como um processo orgânico, vital e eficaz na formação dos novos cristãos em tempos de grandes transformações. Grande é o legado que a Patrística deixou aos nossos tempos, e que estão sendo redescobertos à medida que a inspiração catecumenal é compreendida e se faz necessária. A presente pesquisa, ao observar o projeto de iniciação de uma Diocese e sua aplicação,

percebe o esforço para se assumir um material que leve em consideração a inspiração catecumenal, tornando o processo um anúncio alegre e acolhedor, mas que seja capaz de comunicar a valiosa tradição cristã. Reconhecemos iminentes e urgentes tarefas nos âmbitos de responsabilidades do processo como pastores, catequistas, catequizandos e famílias. Enquanto não for assumida como um processo vital, com metodologia eficaz, e preparação para todos os envolvidos, não poderá cumprir seu papel de iniciação.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus: contra os pagãos, parte II*. 7 ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Pensamento Humano).

_____. *A Doutrina Cristã: manual de exegese e formação cristã*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *A instrução dos Catecúmenos: teoria e prática da catequese*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. *A verdadeira religião*. Tradução de Paula Oliveira e Silva e Manuel Francisco Ramos. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *A Vida feliz*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Patrística, 11)

_____. *A Trindade*. Tradução de Agostinho Belmonte. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística).

_____. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984. (Coleção Espiritualidade)

_____. *De Magistro*. Tradução de Bento Silva Santos. Petrópolis: Vozes, 2009. (Coleção Textos Fundantes da Educação).

ALEXANDRIA, Clemente de. *O Pedagogo*. Tradução de Iara Faria e José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. Campinas: Ecclesiae, 2014.

AMBRÓSIO. *Os Sacramentos e os Mistérios: iniciação cristã na Igreja Primitiva*. Tradução de Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã).

ARS, Paulo Evaristo. *Introdução*. In: AMBRÓSIO. *Os Sacramentos e os Mistérios: iniciação cristã na Igreja Primitiva*. Tradução de Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã).

BERNARDI, Bernardo. *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Tradução de A. C. Mota da Silva. Lisboa: Edições 70, 1974.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Editoras Vozes, 2003.

BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. Tradução de Francisco Gomes Figueiredo de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 33ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).

CAMBI, F. *História da Pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1999.

CNBB. *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2005.

_____. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

_____. *Itinerário Catequético: Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CARVALHO, Humberto Robson de; GIL, Paulo César. *Iniciação à vida Cristã e Pedagogia Catecumenal*. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção Biblioteca do Catequista).

CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Tradução de Frei Frederico Vier. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977. (Coleção Fontes da Catequese 12)

COMBY, Jean. *Para ler a História da Igreja I: das origens ao século XV*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

COSTA, Rosemary Fernandes da. *A Mistagogia em Cirilo de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Catequese)

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. (Coleção Textos Fundamentais de Educação).

DIAS, Júlio César Tavares. “A sabedoria edifica sua casa” – Sabedoria no livro de Provérbios. *Interações*, Belo Horizonte, v. 9, n. 15, p. 168-180, Jan./Jun. 2014. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6182>

ECCO, Clóvis. *Identidade de Gênero: Idéias Religiosas sobre o Masculino como Ângulo de Análise*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás. Orientador: José Carlos Avelino da Silva. Goiânia, 2007.

ELIADE, Mircea. *Origens: histórias e sentido na religião*. Lisboa: Ed. 70 LTDA, 1989.

GIBIN, Maucyr. Introdução: In: HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e Catequese em Roma no século III*. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã).

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Tradução Francisco Taborda. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GONZÁLEZ, Leopoldo Jesús Fernández; DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. *Cadernos de Antropologia e Educação*. Petrópolis: Vozes, 2005. (Volume 1: Antropologia e educação)

GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

HAMMAN, A. G. *Santo Agostinho e seu tempo*. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. (Coleção Patrologia)

HARRINGTON, Wilfrid John. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa e a realização*. 3. Ed. Tradução de Josué Xavier, Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1985. (Biblioteca de Estudos Bíblicos).

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e Catequese em Roma no século III*. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã).

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1979.

LIMA, Luiz Alves. *A Catequese do Vaticano II aos nossos dias: a catequese a caminho da Iniciação à vida cristã*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção Marco Conciliar)

MARROU, Henri-Irénéé. *História da Educação na Antiguidade*. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo: EPU, 1990.

MANTOVANI, Regina Helena R. F. *Crescer em Comunhão: Catequese Crismal*. 25 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. (Coleção Crescer em Comunhão)

MELLO, Oliveira. *A Igreja de Paracatu nos caminhos da história*. 2ed. Paracatu: Edição da Mitra Diocesana, 2005.

_____. *Minha terra: suas lendas e seu folclore*. 3 ed. Paracatu: Edição da Câmara Municipal de Paracatu, 2008.

MENDONÇA, João. *A Mistagogia como palavra e gesto na obra de São Cirilo de Jerusalém: o ato de construir o ato religioso*. Revista de cultura teológica. v. 18 - n. 72 - OUT/DEZ 2010.

MOREIRA, Vicente de Paulo. *Catecumenato e iniciação cristã na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, v. 19 - n. 74, p. 135-148, abr./jun. 2011.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Antiguidade Cristã: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo*. São Paulo: EPU: EDUSP, 1978.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. *Filosofia da educação: reflexões e debates*. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORTIZ, Francine Porfírio; ROLLEMBERG, Maria do Carmo Ezequiel. *Crescer em Comunhão: Catequese de Perseverança com Adolescentes*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019. (Coleção Crescer em Comunhão)

PACHECO, Carlos de Lima. *Iniciação cristã na Igreja Antiga*. Paralelus. Ano 1 N. 2 jul./dez. 2010 – 161.

PAIVA, H. V. Introdução. In: AGOSTINHO. *A instrução dos Catecúmenos: teoria e prática da catequese*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

PARO, Thiago Faccini. *Catequese e Liturgia na Iniciação Cristã: o que é e como fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

P. TENA; BOROBIO, Dionisio. *Sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo e Confirmação*. In: BOROBIO, Dionisio (org). *A celebração na Igreja 2: sacramentos*. Tradução. Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

QUEZINI, Renato. *A Pedagogia da Iniciação Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Catequética)

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*, v. 2. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

ROZA, Araceli G. X. et al. *Crescer em Comunhão: Catequese Eucarística*. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2018. (Coleção Crescer em Comunhão)

SCARDELAI, Donizete. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: as origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVA, Tomaz da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-103.

SILVA, Valmor da. *O caminho da justiça na sabedoria dos Provérbios*. São Paulo: Paulus, 2018.

SOUZA, Mariana Rossetto; PEREIRA MELO, José Joaquim. *A Educação em Santo Agostinho: processo de Interiorização na busca pelo conhecimento*. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. PUC PR, 2009.

STORNILO, Ivo; BALANCIN, Euclides Martins. In: *Didaqué: O Catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 13ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2004.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Tradução de Adail Ubirajara e Dinah de Abreu Azevedo. 4. ed.. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. *Imago Trinitatis: Deus, sabedoria e felicidade: estudo teológico sobre o De Trinitate de Santo Agostinho*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (Coleção Teologia, 25).

VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Tradução Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja)

VAZ, Henrique C. L. *Antropologia Filosófica I*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991. (Coleção Filosofia)

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. Tradução de Walter Schlupp. 3 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

ANEXO A: PROJETO DIOCESANO DE INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ

Apresentação

Apresento aos queridos diocesanos – em especial às catequistas e aos catequistas – a pessoa de Jesus, evangelizador itinerante e missionário do Reino. A “Iniciação à vida cristã com inspiração Catecumenal” é uma tentativa de formar novos cristãos e cristãos novos no espírito do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A doutrina da Igreja é um meio, um instrumento pedagógico para revelar a Boa Nova às pessoas, de modo que elas se disponham a cooperar com Deus na obra da Salvação: “Eis-me aqui, envia-me”(Is 6,8).

Gratidão aos Padres Wander e Genilson, bem como às amadas catequistas e aos catequistas da Diocese de Paracatu – MG.

Minha bênção,

Dom Jorge Alves Bezerra, SSS
Bispo Diocesano de Paracatu – MG

Uma palavra dos Assessores

“Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras? ” Lc 24,32

Com estas palavras abrimos em 2009 uma cartilha muito bem aceita em nossa Diocese que marcava com propriedade o Ano Nacional da Catequese. Naquela ocasião trabalhamos o tema: “Catequese caminho para o discipulado” e o lema: “Nosso coração arde quando Ele fala, explica as Escrituras e parte o pão” (Lc 24,32). Toda a caminhada da Catequese de lá para cá teve o pensamento voltado para estas palavras e se desenvolveu em consonância com a Igreja do Brasil engajada no processo de “Iniciação à Vida Cristã” com vigor e prudência.

Hoje sentimos a necessidade de retomarmos um material que seja acessível a todos os Catequistas e que retrate a direção do trabalho da Catequese na Diocese, elaborado pela Coordenação Diocesana de Catequese. Nos últimos anos além de acompanharmos as Foranias e Paróquias com orientações e formações, coletamos dados que nos “são preciosos” na elaboração de uma “Cartilha”, se assim podemos nos expressar, para levarmos a uma unificação das ações em toda a Diocese.

Quando ouvimos nossos Catequistas trazemos para dentro da Coordenação Diocesana os anseios, as dificuldades e muitas sugestões que só enriquecem o Trabalho Evangelizador.

Vale ressaltar que todo este trabalho já foi apresentado ao nosso Bispo Diocesano – Dom Jorge Alves Bezerra, SSS e a todo o clero. Também já foi apresentado nas Foranias da Diocese, bem como nas Paróquias que solicitaram a presença da Coordenação Diocesana de Catequese. Em todos os seguimentos houve aprovação do mesmo e colocamos à disposição de todos os Catequistas para consultas e ordenamento de ações.

Fraternalmente,

Padre Wander Gomes dos Santos e Padre Genilson Pereira Barbosa
Assessores da Catequese nas Regiões Pastorais de Paracatu e Unai

Introdução

Para corresponder à Missão Evangelizadora da Igreja por meio de uma Catequese atenta ao momento atual, voltada para as diversas realidades nos inspiremos no que era praticado pelas comunidades cristãs dos primeiros séculos. A Iniciação Cristã, restaurada e revista pelo Concílio Vaticano II seja introduzida e adaptada pelas comunidades nos dias atuais.

Necessário ressaltar que “nossa realidade pede uma nova evangelização. A catequese coloca-se dentro desta perspectiva evangelizadora mostrando uma grande paixão pelo anúncio do Evangelho” (DNC 27). Formar discípulos, renovar a comunidade eclesial e suscitar missionários que testemunhem sua fé na sociedade (Doc 107, 141). Precisamos desenvolver o processo da Catequese de forma contínua e organizada.

“Neste processo é de vital importância o trabalho conjunto de toda a Igreja, Párocos, vigários paroquiais, diáconos permanentes (onde houver) como CATEQUISTAS – PASTORES, encarregados de fazer “ressoar” o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo no coração e na vida dos envolvidos nesta caminhada de Evangelização. Devemos recordar que a prática do amor às ovelhas é uma aprendizagem cara; custa sair de si, ser próximo e dedicado... mas, para ser portas é preciso querer pagar o preço do dom de si às ovelhas”. Dom Jorge Alves Bezerra, SSS – 04.11.2020.

Percebemos que dentro dos diversos seguimentos de Catequese, nossa Diocese avançou no trabalho com crianças, jovens e adolescentes. Porém precisamos tomar com mais urgência e empenho a Catequese com os Jovens (entre 14 e 18 anos) e a catequese com adultos. Outro ponto que nos preocupa são as Catequese nas Comunidades Rurais.

Superação de uma Catequese Sacramentalista. Surge muito bonito na Igreja do Brasil a preocupação em superar um processo catequético desligado da vida concreta dos homens e mulheres de nosso tempo. Superar uma catequese sem o compromisso comunitário. Uma Igreja “Casa de Iniciação à Vida Cristã” catequiza visando preparar novos cristãos para que possam renovar a vida comunitária com forte desejo de transformação social.

Um olhar atento para a Catequese - Diocese de Paracatu - Iniciação à Vida Cristã

1. Perfil da Catequese Diocesana – Onde estamos?

Baseamos esta apresentação do perfil da Catequese na Diocese em um questionário enviado às Paróquias. Das 29 paróquias, 20 devolveram os Questionários respondidos. Observamos que a orientação da Coordenação Diocesana, no que diz respeito à resposta do pároco em comunhão com a Coordenação Paroquial, não foi seguida pela maioria das paróquias. Dificultou a análise, o fato de alguns responderem apenas sim ou não em diversas questões, e também a não identificação dos questionários.

A Psicologia das Idades ainda é um desafio. A maioria das paróquias responderam que observam a idade ao distribuir as turmas. Mesmo assim encontram problemas com alguns catequizandos que, mesmo estando na idade cronológica correta, são imaturos e não alfabetizados. Por esse motivo, há quem pense que o Processo Catequético deveria ser iniciado entre 9 e 10 anos e terminar por volta dos 16 anos. Há também um grande problema que é a capacitação dos catequistas, no sentido de aprender a trabalhar com cada faixa Etária.

Quanto às etapas, todos concordam que foi um avanço para a catequese. Apenas uma paróquia substitui a 1ª etapa pelo Curso de Coroinhas. As paróquias compreendem a importância da catequese e não substitui a mesma por nenhum movimento ou pastoral. A orientação é que o catequizando participe de uma pastoral ou movimento sem abandonar a catequese.

Uma grande dificuldade é que muitos pais não compreendem o tempo proposto pela Catequese e acham muito longo. Acreditam que receber o sacramento é o fim da caminhada. Precisamos encontrar um meio de inserir os catequizandos na vida pastoral da paróquia e, conseqüentemente, seus familiares.

A sugestão de idade para Iniciação à Vida Eucarística da maioria das paróquias, é que seja aos 12 anos. Para a recepção do Sacramento da Crisma é 14 anos, quando acreditam que os catequizandos já têm maturidade suficiente.

A compreensão do que seja a catequese e de quem está envolvido nela, por parte dos catequistas é boa. Mas nos deparamos com a falta de preparação de muitos que insistem em não participar das formações e tratam a catequese como escola. Uma grande maioria dos paroquianos acreditam não ter nenhuma responsabilidade. Ainda acham que catequese é coisa de catequista e existe apenas para a recepção dos sacramentos. Não entendem que o processo de catequese envolve também os padres, os pais, equipe de liturgia, enfim toda a comunidade com seus movimentos e pastorais.

A Bíblia é lida e refletida em todos os encontros. O próprio material exige sua utilização. Observa-se dificuldade dos catequizandos levarem para os encontros e manuseá-la, embora toda a catequese seja fundamentada nela. Os catequistas também não têm muita preparação. Por outro lado, já temos experiências de círculos bíblicos envolvendo a catequese e a família.

Quanto à Catequese e Liturgia, cresce o desejo dessa interação, mas ainda muito pouco se fez. Em alguns lugares tem coral formado por catequizandos. Uma vez por mês a catequese fica responsável pela liturgia nas celebrações dominicais, em festas ou momentos fortes da Igreja. Mas interação mesmo ainda não existe.

Embora tenhamos muitos movimentos e pastorais, nossos catequizandos terminam a catequese e vão embora da comunidade, não entram em nenhum movimento. A adesão é em média de 20%. Há um esforço nesse sentido, mas ainda continuamos a perdê-los. Encontramos dificuldades nas estruturas fechadas que impedem a acolhida e permanência. A catequese, por outro lado, ainda não conseguiu incentivá-los a continuar a caminhada.

As paróquias têm pouco conhecimento do RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, os estudos estão sendo iniciados agora, com o despertar do Documento 107. A maioria dos catequistas não tinham sido apresentados a ele. Alguns párocos já o utilizaram em batismo de adultos.

Embora tenha-se o entendimento do que seja uma catequese litúrgica, ainda falta vivência e participação direta, incitando a todos quanto ao que está sendo celebrado.

A catequese de adultos não é prioridade. Observa-se que algumas paróquias têm tentado mudar essa realidade, procurando fazer, na medida do possível, uma catequese mais dinâmica e focada orientada pelo RICA. Porém, a mentalidade de cursinho de final de semana

dificulta o trabalho. A maioria respeita o tempo mínimo de preparação. Falta maior preparação dos catequistas.

No que diz respeito à formação de catequistas, todas as paróquias incentivam a participação em cursos, encontros, congressos, assim como a formação individual. Outras criaram a formação paroquial. A dificuldade é fazer com que todos participem. Existe resistência à formação por um número considerável de catequistas. A Catequese precisa de mais suporte da Diocese e um comprometimento maior dos padres, porque para muitos ela não é prioridade.

15 paróquias disseram não ter problemas com a rotatividade de catequistas, no decorrer do ano. Às vezes acontece de um ano para o outro. Os mesmos têm no mínimo 2 anos de catequese. O Ministério do Catequista não é de conhecimento da maioria. Não há experiência nesse sentido.

Quanto ao material adotado pela diocese, o “Crescer em comunhão”, a maioria acha que é muito bom, que atende à nossa realidade e proposta da diocese, mas exige um estudo detalhado dos encontros antes de trabalhar com os catequizandos, talvez seja essa a dificuldade de vários catequistas, que também ficam presos apenas no livro.

O Projeto Diocesano proposto pelo Documento 107, é de conhecimento de todos, uma vez que já aconteceram vários encontros de formação a nível de Região Pastoral, Forania e paroquial, e também divulgado em celebrações comunitárias.

Necessita-se de uma conversão pastoral, repensar e reorganizar a catequese. É preciso mais estudo e maior sensibilização por parte de toda a paróquia. Observamos, no entanto, que os demais movimentos e pastorais ainda não aderiram a este trabalho de evangelização.

2. Trabalhando o Documento 107 da CNBB – Onde queremos chegar?

“Ter um projeto de Iniciação à Vida Cristã, através do qual seja possível promover a Iniciação à Vida Cristã, através do qual seja possível promover a renovação das comunidades paroquiais, garantindo que a iniciação de adultos, jovens e crianças se processe gradativamente, no seio da comunidade (Doc 107, 138/139). Formar discípulos, renovar a comunidade eclesial e suscitar missionários que testemunhem sua fé na sociedade (Doc 107/141).

- a) **Processo contínuo e organizado.** O material que orienta a Catequese nas faixas etárias é o “Crescer em Comunhão” da Editora Vozes. Linguagem acessível, atende a grande maioria dos Catequistas e oferece uma linha de ação progressiva. Não podemos caminhar num processo “quebrado”. A dificuldade do material para a maioria dos catequistas está na leitura de cada encontro -Livro do Catequista e Livro do Catequizando-. Qualquer material que possa ser adotado trará o mesmo grau de dificuldade. Ressaltamos que a editora vem atualizando o material e o mesmo está dentro das linhas do processo Catecumenal e se encaixa nas etapas que o mesmo sugere. Insistimos que as dificuldades que ainda surgem quanto ao material vêm do desconhecimento do mesmo.
- b) **Catequese com Jovens e Adultos.** Temos na Catequese com Crianças e Adolescentes uma caminhada que propõe o crescimento progressivo, sistemático e gradativo do processo de educação da fé e atende as necessidades desta faixa etária. Nesta etapa fizemos vários progressos e tivemos muitos avanços. Entretanto precisamos tomar com mais urgência e empenho a Catequese com Adultos (acima dos 18 anos) e a de Jovens (entre 14 e 18).

Temos nos deparado com lacunas na Catequese com adultos e jovens, um trabalho fragmentado que requer maior atenção neste momento do processo. Em todos os segmentos

ainda deixa a desejar a inserção dos Catequizandos na comunidade eclesial e isto sim, representa o maior desafio da nossa Diocese. Catequizamos adultos para se casarem, ou para receberem os sacramentos da Eucaristia e Crisma, mas não nos preocupamos em oferecer uma catequese sólida sobre a pessoa de Jesus Cristo e sobre a fé e vida em comunidade.

Para a Catequese com adultos temos um material elaborado pela província Eclesiástica de Pouso Alegre – MG. Destina-se a Catequese com adultos. Elaborado dentro do processo catecumenal. Material recomendado pelo Regional Leste II. Foram construtores do material Pe. Vanildo de Paiva, Marlene Silva, Padre Jean Poul, entre outros, sendo estes mais conhecidos. Seria um caminho para uma experiência na Diocese.

- c) **Catequese nas Comunidades Rurais.** Outro ponto que devemos atacar são as Catequese nas Comunidades Rurais. Atualmente recomendamos os Volumes III e IV do Crescer em Comunhão. Volumes que auxiliam na preparação para a Iniciação a Vida Eucarística e Crisma. Se nas comunidades urbanas o engajamento em pastorais, deixa a desejar, nas comunidades rurais a preparação está centrada na preparação para os Sacramentos.

Com a experiência de algumas Paróquias, temos um trabalho feito pelo Grupo de Encontro de Casais que está dando certo. Casais adotam uma comunidade rural. São escolhidos especialmente quando possuem propriedades rurais e atuam como “elo – ponto de ligadura”, entre a comunidade rural e as Paróquias. Alguns casais assumem inclusive a Catequese. Outros auxiliam os catequistas destas comunidades e trazem as notícias auxiliando as Coordenações Paroquiais de Catequese, que nestes casais buscam informações e assim conseguem ficar mais próximos destas comunidades.

Superação de uma Catequese Sacramentalista. Surge muito bonito na Igreja do Brasil a preocupação em superar um processo catequético desligado da vida concreta dos homens e mulheres de nosso tempo. E também o desejo de superar uma catequese sem o compromisso comunitário. Uma Igreja “Casa de Iniciação à Vida Cristã” catequiza visando preparar novos cristãos para que possam renovar a vida comunitária com forte desejo de transformação social. “O objetivo principal do projeto será desenvolver um processo que leve a uma maior conversão a Jesus Cristo, forme discípulos, renove a comunidade eclesial e suscite missionários que testemunhem a sua fé na sociedade”. Doc. 107, 141.

- d) **Características do Projeto.** Se buscarmos no Documento 107 as características da elaboração do Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã, nos deparamos com ações pontuais:
1. O fundamento seja a Palavra de Deus;
 2. A unidade entre os sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia, seja garantida;
 3. A integração entre Liturgia e Catequese seja promovida;
 4. A Catequese Catecumenal contemple todas as dimensões de uma Pastoral de Conjunto;
 5. O Conselho Presbiteral e o Conselho Diocesano de Pastoral sejam ouvidos;
 6. Haja colaboração entre as comunidades da mesma paróquia e entre paróquias, sobretudo nos meios urbanos, seja uma possibilidade;
 7. A comunidade garanta recursos para a formação das pessoas e a aquisição de materiais didáticos, bem como a organização de espaços adequados para os encontros;
 8. A iniciação na fé cristã vá além da mera instrução na fé;
 9. A Catequese não vise somente à preparação aos sacramentos.

e) **Partindo destas premissas propomos:**

- I) **A criação de uma comissão Diocesana para a Iniciação à Vida Cristã**, composta por membros das Coordenações Diocesanas do Batismo, Liturgia e Catequese, para num primeiro momento analisar, discutir e pontuar ações já existentes na Diocese que colaboram ou não, com a nova proposta da Igreja; discutir aspectos de como atuar; verificar o que já existe e funciona e precisa ser ajustado; verificar o que não funciona; onde aplicar o remédio certo para atacar o problema existente; onde criar condições de mudanças, o que fazer para que haja compreensão do processo.
- II) **Comissão Paroquial de Iniciação à Vida Cristã.** Nas Paróquias seria criada uma comissão Paroquial com membros das mesmas Pastorais acima e fariam o mesmo trabalho, neste primeiro momento. Se estamos sem um rumo a seguir, vamos procurar o caminho apoiados em quem lida com as questões que devem ser trabalhadas. Estas comissões levariam propostas, dificuldades, ideias, para a comissão Diocesana. Grupos nas Paróquias, auxiliando o grupo maior “Diocesano”.

Documento 107, n. 140. “O Projeto reunirá forças, aprofundará estudos e traçará linhas de ação para a Diocese. Ele precisa ser proposto às Comunidades, avaliado e aprovado com a participação dos catequistas, dos agentes de pastoral, dos líderes paroquiais, dos consagrados e dos ministros ordenados para poder ser assumido por todos”.

- III) **Formações.** Membros de Pastorais desinformados dificultam o desenrolar de qualquer processo. Vamos considerar que formar um Catequista requer “tempo”, é um processo. Depois de anos de estudos ordena-se um sacerdote. Somente uma caminhada “sólida, firme e desafiadora” trará amadurecimento de ideias e conhecimento. Assim acontece também com os Catequistas. O processo é gradativo.
- IV) **Unidade nas ações.** Clero e Catequistas, Clero e Pastoral do Batismo, Pastoral do Batismo, Catequese e Liturgia, Pastoral Familiar e Pastoral Juvenil. Enfim a linguagem deve ser uma só. As ações devem convergir para um ponto comum para o bem de toda a comunidade. Para isto cremos que esta equipe Paroquial deverá ser bem orientada pelo Pároco ou por outro sacerdote por ele recomendado. Especialmente em cidades onde temos várias Paróquias esta unidade deve sobrepor interesses pessoais, particulares. Por isso a interação, a comunhão de ações, deve ser ponto de partida evitando ações isoladas distorcidas do processo. Isso evitaria grandes dificuldades quando acontecem as transferências de párocos, as mudanças dos coordenadores, especialmente das Pastorais da Catequese, Batismo e Liturgia, que estão mais envolvidas no processo.
- V) **Não ter pressa.** Já temos elementos suficientes para uma mudança? Paróquias que já iniciaram o processo com adultos consideraram um tempo razoável de amadurecimento. Começar com a maior certeza possível do que será realizado e com um número de envolvidos realmente “entendendo o que precisam fazer”. Não podemos errar, ou melhor, podemos até não acertar todos os aspectos, mas não podemos desconsiderar o que já funciona e já está dando certo e arriscar sem termos a certeza de onde queremos chegar.
- VI) **Sugestões para o Projeto de Iniciação à Vida Cristã – IVC**
 - Começar o mais rápido possível;
 - Procurar ser “uma Igreja em saída” onde todos abracem a causa com o mesmo objetivo;

- Conhecer bem a realidade pastoral da comunidade;
- Fazer da catequese um processo de evangelização e seguimento;
- A Coordenação Diocesana levar a cada Paróquia o projeto;
- Que o projeto alcance movimentos e pastorais;
- Realizar o processo de Páscoa a Páscoa;
- Englobar todas as forças vivas de nossas comunidades;
- Envolver os catequizandos nas atividades pastorais;
- Envolver os pais na catequese;
- Realizar um trabalho de formação onde todos falem a mesma língua, usando a *caridade pastoral*;
- Parar a catequese por um ano;
- 6 meses de formação para catequistas e padres;
- 4 meses de formação para os pais;
- 2 meses para novas inscrições;

3. A Inspiração Catecumenal - Considerações

A inspiração catecumenal “supõe” fazer da catequese um processo integral de educação da fé, uma inserção nas dimensões fundamentais da vida cristã, no conhecimento do mistério de Cristo, na vivência do Evangelho, na oração e celebração da fé e no compromisso missionário.

O estilo catecumenal requer uma mentalidade pastoral que opte pelo planejamento e pela formação permanente de catequistas, que compreenda a unidade do processo e enxergue nele o funcionamento da vida e da ação dos cristãos na comunidade. Desconstruindo assim mentalidades e esquemas pastorais baseados em visões sacramentais ultrapassados.

O catecumenato deve ser trabalhado não como uma escola, mas como uma iniciação de discípulos que descubram um caminho. A formação catecumenal é muito além de uma doutrinação, é enfocada como discipulado, cuja característica principal consiste em adquirir um modo de ser e de viver conforme ao de Jesus Cristo. Para isso é preciso escuta-lo, viver em comunidade e cumprir o mandamento fundamental: amar a Deus e ao próximo.

Apresentamos abaixo o Quadro Geral da Iniciação à Vida Cristã, exposto no RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, dividido em quatro tempos denominados: Pré-catecumenato ou primeiro anúncio (querigma); Catecumenato – tempo mais longo de todos; Purificação e iluminação (quaresma) e Mistagogia (tempo Pascal). A passagem de um tempo para o outro é marcada por três momentos celebrativos, denominados etapas: 1) o rito de admissão ao catecumenato (entrada); 2) o rito da eleição ou inscrição do nome dos que irão celebrar os sacramentos da iniciação; e 3) a celebração dos sacramentos (Vigília Pascal). Há também os ritos das Bênçãos, entregas, exorcismos, escrutínios (ritos de transição), que acontecem ao longo de todo o processo.

Vale lembrar que o RICA não é um livro catequético, centrado no conteúdo doutrinal a ser transmitido, mas sim um livro litúrgico com ritos, orações e celebrações. Entretanto, esse livro dá uma visão inspiradora de uma catequese que realmente envolva a pessoa no seguimento de Jesus Cristo, a serviço do Reino expresso na vivência dos sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia. (Doc 107/117).

A inspiração Catecumenal da catequese não significa reproduzir, ao pé da letra, o catecumenato, mas assumir seu estilo e dinamismo formativo, respondendo também à “necessidade de uma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa” (EG, n.166). O catecumenato tem uma intrínseca perspectiva missionária, que, na catequese, com o passar do tempo, foi se enfraquecendo. Repropõe-se os principais elementos do catecumenato, que, após o necessário discernimento, devem hoje ser incluídos, valorizados e atualizados com coragem e criatividade, em um esforço de verdadeira enculturação. Esses elementos são:

- a) **O caráter pascal:** no catecumenato, tudo é orientado para o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo. A catequese comunica, de forma essencial e existencialmente compreensível, o coração da fé, colocando cada um em relação com o Ressuscitado, ajudando-o a reler e viver os momentos mais intensos da própria vida como passagens pascais;
- b) **O caráter iniciático:** o catecumenato é uma iniciação à fé que leva os catecúmenos à descoberta do mistério de Cristo e da Igreja. A catequese introduz a todas as dimensões da vida cristã, ajudando cada um a iniciar, na comunidade, sua jornada pessoal de resposta a Deus que o buscou;
- c) **O caráter litúrgico, ritual e simbólico:** o catecumenato é tecido de símbolos, ritos e celebrações, que tocam os sentidos e os afetos. A catequese, justamente graças ao “uso de símbolos eloquentes” e por meio de “uma renovada valorização dos sinais litúrgicos” (EG, n.166), pode, assim, responder às exigências da geração contemporânea, que geralmente considera significativas somente as experiências que a tocam em sua corporeidade e afetividade;
- d) **O caráter comunitário:** o catecumenato é um processo que se realiza em uma comunidade concreta, que faz experiência da comunhão dada por Deus e, portanto, está ciente de sua responsabilidade pelo anúncio da fé. A catequese inspirada no catecumenato integra a contribuição de diferentes carismas e ministérios (catequistas, agentes da liturgia e da caridade, responsáveis por grupos eclesiais, juntamente com os ministros ordenados), revelando que o interior que regenera à fé é toda a comunidade;
- e) **O caráter de conversão permanente e de testemunho:** o catecumenato é imaginado, como um todo, como um caminho de conversão e gradual purificação, enriquecido também por ritos que assinalam a aquisição de uma nova forma de existência e pensamento. A catequese, ciente de que a conversão nunca é imediatamente realizada, mas sim dura toda a vida, educa a descobrir-se pecadores perdoados e, valorizando o rico patrimônio da Igreja, prepara também itinerários especiais penitenciais e formativos, que favorecem a conversão do coração e da mente em um novo estilo de vida, que também é perceptível pelo exterior;
- f) **O caráter de progressividade da experiência formativa (EG, n.166: RICA,n.4-6):** o catecumenato é um processo dinâmico estruturado em períodos que se seguem de modo gradual e progressivo. Esse caráter evolutivo responde à biografia mesma da pessoa, que cresce e amadurece com o tempo. A Igreja, acompanhando pacientemente e respeitando os tempos reais de amadurecimento de seus filhos, nessa atenção manifesta a sua maternidade. (Diretório para a Catequese, n.64).

O método catecumenal proporciona a formação integral a partir da interação catequese-liturgia, aprimoramento da reflexão da Palavra com celebração do mistério durante o ano litúrgico e a conversão de vida.

A catequese ao assumir a dimensão catecumenal torna-se experiencial, celebrativa e orante. Dá importância aos símbolos e aos progressivos e graduais passos na fé, assumindo as características de um processo iniciático. Para isso o catequista deverá se capacitar para acompanhar adultos, jovens e crianças em seu itinerário de fé e animar a ação catequética em todos os níveis (ALMEIDA, 2009).

O Catecumenato, fonte de inspiração para a catequese – Vejamos o que nos orienta o Diretório para a Catequese no número 61 – A Exigência de “não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho” (EG, n.34) é a razão tanto para afirmar a natureza querigmática da catequese quanto para considerar sua inspiração Catecumenal. O catecumenato é uma antiga prática eclesial, restaurada após o Concílio Vaticano II (SC, n.64-66; CD, n.14; AG, n.14), oferecida aos convertidos não batizados. Apresenta, portanto, uma explícita intenção missionária e se estrutura como um complexo orgânico e gradual para iniciar à fé e à vida cristã. Justamente por causa de seu caráter missionário, o catecumenato pode também inspirar a catequese daqueles que, apesar de já terem recebido o dom da graça batismal, não desfrutam de sua riqueza: nesse sentido, se fala de inspiração Catecumenal da catequese ou do catecumenato pós-batismal ou catequese de iniciação à vida cristã. Essa inspiração não ignora que os batizados “já foram introduzidos na Igreja e se tornaram filhos de Deus pelo Batismo. A sua conversão fundamenta-se portanto, no Batismo que já receberam e cuja força de vida eles devem fazer desabrochar” (RICA, n.295).

A catequese tradicional era fragmentada, dissociada da liturgia e indiferente às estruturas e necessidades do sujeito e ao seu contexto. A metodologia catecumenal, ao invés, articula três componentes básicos:

- Uma catequese apropriada disposta em etapas relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra de modo que os candidatos cheguem a íntima percepção do mistério da salvação e à adesão pessoal e plena ao mesmo;
- Uma articulação entre anúncio do Mistério, ação celebrativa e vida, de modo que a graça, presente e atuante na Palavra anunciada, na celebração e na vida, vá edificando o cristão, ele irá colocar em prática aquilo que experimentou com a razão e consentiu na oração;
- As disposições interiores, em que se debatem forças contraditórias, em meio as quais o candidato vai adquirindo maturidade espiritual: processo de conversão, que de um lado, significa luta contra o pecado e, do outro, crescimento na fé, na esperança e na caridade.

O dinamismo na vivência da fé, do amor e da esperança, sustentado e animado pela formação integral, permitirá uma comunhão cada vez maior com o Mistério Pascal, ou seja, uma participação efetiva na Páscoa de Cristo que prepara e antecipa a conformação em Cristo. Essa comunhão na fé desenvolvida no tempo catecumenal ativa a passagem do velho para o novo ser humano (LELO, 2014).

A iniciação oferece aos que a abraçam com fidelidade um projeto de vida, um modo de ver o mundo com os valores, as atitudes e os comportamentos de Jesus, de quem a pessoa vai se tornando discípulo e missionário a serviço do Reino.

Toda a pastoral precisa ser Iniciática, quer dizer, levar a pessoa ao encontro com Jesus Cristo, não dar por suposto que todos já sejam convertidos. Essa é a argumentação da importância da Iniciação à Vida Cristã e de sua urgência para a ação evangelizadora e pastoral. O anúncio do querigma precisa ser permanente.

Acreditamos que dois pensamentos poderiam nortear nossas ações;

1) O primeiro sobre o Espírito que deve nos mover. Se continuarmos com a Pastoral de Manutenção, falando sem ouvir, não conseguiremos renovar nossa Catequese.

2) Quanto a acolhida e o ambiente de nossos encontros catequéticos. A acolhida deve ser verdadeira. O local deve comunicar vida, bem preparado, com capricho e zelo.

- **Metodologia - Ações a serem implementadas no Processo de Iniciação à Vida Cristã**

Embora haja uma sugestão, não chegamos a um consenso sobre a abertura da Catequese no Advento juntamente com o início do Ano Litúrgico. Assim fica a sugestão para o início da Catequese no mês de Maio. Quaresma e Páscoa ficam para a preparação para os Sacramentos e a recepção dos mesmos)

a) Inscrições. (Entre os meses de Fevereiro e Março)

Termo de inscrição – formalizando o pedido ao pároco para a participação do Catequizando que deseja ingressar no processo da Iniciação à Vida Cristã participando dos encontros de Catequese; duas vias, uma para arquivo da Catequese e outra para o Catequizando. Anexar Batistério. Caso o catequizando não seja Batizado, inseri-lo no processo, preparando-o convenientemente para que o seja, próximo à Iniciação à Vida Eucarística (primeira Eucaristia);

b) Catequese para as Famílias. (Abril)

Catequese para pais dos iniciantes no processo Catequético – 3 meses – uma vez por mês; Sugerimos o material “Coleção Catequese” 1,2,3 e 4 da editora Pão e Vinho – Padre Cristovam Lubel – www.paoevinho.com.br. Catequese para todos os pais dos catequizandos que já estão na caminhada. E depois pelo menos dois encontros (um a cada semestre) preferencialmente seja feita pelo Pároco. **Enfatizamos que essa catequese deverá ser um anúncio alegre do Cristo, e não um momento de broncas porque os pais não vão às Missas ou não ajudam em uma Pastoral ou Movimento.**

c) Celebração de acolhida. (Maio com o início da Catequese)

Celebração de acolhida dos iniciantes; missa de envio para a caminhada de Catequese; na missa da Catequese ou em outro momento que julgar pertinente; importante que também os catequizandos que já estão na caminhada também tenham este momento celebrativo e de envio para a missão; participação das famílias e de todos os catequistas.

“Que haja o compromisso dos párocos/vigários paroquiais – que seja feito um encontro por ano com os Catequizandos. No processo Catecumenal dos discípulos é útil e necessário que os ministros ordenados pastorem suas ovelhas neófitas”. Dom Jorge Alves Bezerra, SSS – 04/11/2020.

d) Entrega da Bíblia.

O manual Crescer em Comunhão no volume I já contempla este momento; que seja feito com a presença das famílias dos Catequizandos e que seja destacada a importância da Palavra de Deus durante nossa caminhada como Cristãos.

Investir firmemente na valorização da PALAVRA DE DEUS, intensificar o trabalho Bíblico, grupos Bíblicos, círculos Bíblicos entre outros. A Palavra como fonte da Catequese, da Evangelização, da Vida da Igreja é uma das características da inspiração Catecumenal de toda a Igreja.

e) Meses Temáticos e festas

Dentro dos meses temáticos convidar os pais para participarem efetivamente da festa do Padroeiro, trabalhando em barraquinhas, convidá-los para “padrinhos da noite”. Convidar toda a Catequese - catequizandos e pais para coroação de Nossa Senhora no mês de maio com celebração fora das celebrações da comunidade; trazer os pais para auxiliarem na confecção do tapete na festa de Corpus Christi junto com os Catequizandos; organizar com os pais o Tríduo em Família na Semana Nacional da Família nas casas dos catequizandos bem como a Novena de Natal, entre outros. Não perder a oportunidade de convidar os pais/familiares, aproximá-los sempre da Catequese;

f) Catequese para os padrinhos ou madrinhas

Catequese com Pais e Padrinhos de Crisma (presencial, e-mail ou carta) conscientizando das responsabilidades que lhes são atribuídas. Que seja feito pelo menos um encontro no início da preparação;

g) Celebração com as Famílias

Celebrações com pais/ famílias – acompanhando o desenrolar dos encontros e conforme sugerido pelo material adotado na Diocese – Crescer em Comunhão – Editora Vozes; celebrar junto com outras turmas de Catequese que estejam no mesmo volume; Antes da Iniciação à Vida Eucarística- Volume III do Crescer em Comunhão- entrega do Pai Nosso, conforme sugerido pelo RICA; Antes da Crisma o mesmo processo na entrega do Credo; use o RICA para estes momentos.

h) Apresentação à Comunidade

Apresentação à comunidade dos catequizandos candidatos a Iniciação à Vida Eucarística – IVE – em uma celebração dominical antes da Primeira Eucaristia. O mesmo processo com os catequizandos que serão crismados. Em ambos os casos dividir os catequizandos por turmas distribuindo em várias celebrações para que realmente possam ser apresentados à comunidade; Sempre convidar pais e responsáveis para acompanharem referidas celebrações; Sempre que possível organizar um momento de confraternização após a celebração: lanche comunitário, pipoca para todos, picolé. Reunir em torno de uma mesa cria laços, pode até dar trabalho, mas, melhora a convivência.

i) Perseverança

“Catequese de Perseverança com adolescentes” - Após a Iniciação à Vida Eucarística sugerimos que antes de iniciarmos o volume IV do Crescer em comunhão seja trabalhado este

subsídio com os Catequizandos “mais novos” ou de acordo com a necessidade de cada Paróquia. São 15 encontros que auxiliarão no amadurecimento da Fé em preparação para a Catequese de Crisma antes de iniciarmos o volume IV;

j) Planejamento

Planejar todo o Processo Catequético de forma que as Primeiras Eucaristias – Iniciação à Vida Eucarística - aconteçam no tempo Pascal, a pedido Regional Leste II. Crismas de acordo com a disponibilidade do Bispo Diocesano.

k) Catequese nas Comunidades Rurais

Sugerimos uma conversa com o Catequista que acompanha o trabalho na comunidade – quantidade de candidatos, idades, tempo disponível, entre outros. Adotar como roteiro o Crescer em Comunhão de acordo com a entrevista. Temas dos volumes III e IV para nortear o trabalho do Catequista. Muitos têm dificuldades para organizarem uma agenda, fazer um planejamento; cabe ao coordenador paroquial, assentar com estes catequistas e ajudar no que for necessário. Caso o coordenador não tenha condições de assistir todas as comunidades, peça auxílio a outros catequistas que tenham bom desempenho dentro da Paróquia; temos muita gente que pode auxiliar e faz um trabalho muito bom;

l) Pastoral Familiar, Casais do ECC.

Podem assumir comunidades dando apoio à Catequese e ao trabalho de outras pastorais. Também as religiosas e a Equipe de Formação Paroquial podem contribuir muito neste trabalho orientador e formador. Temos na Diocese Paróquias que têm casais do ECC ou de outros movimentos que tem propriedades, próximas das Capelas Rurais; depois de um convite aceitaram ser um “elo” entre a Comunidade e a Paróquia; levam e trazem assuntos de grande importância e mantém informados tanto a Paróquia, como as Comunidades, dos assuntos necessários para o caminhar da Catequese; quando necessário oferecem hospedagem para catequistas quando acontecem formações, celebrações de IVE ou Crismas quando as coordenações se fazem presentes;

m) Para os adultos

A Diocese está orientada a trabalhar o manual Viver sob a Luz de Cristo – Catequese com Adultos – Paulinas - de Inês Broshuis e Neuza Silveira de Souza com a Iniciação à Vida Eucarística no tempo Pascal e a Crisma, conforme disponibilidade do Bispo Diocesano e acompanhado o calendário de cada Paróquia; na medida do possível trazer as famílias dos catequizandos para as celebrações e vivência do processo catequético; temos um grande desafio de organizarmos a Catequese com Adultos e adequá-la ao processo Catecumenal; ver novo material sugerido pelo Regional Leste II da Província Eclesiástica de Pouso Alegre.

n) Pós Crisma

– “Catequese para grupos de convivência” - Pós- Crisma- Crescer em Comunhão – a Editora Vozes também disponibilizou este subsídio que acompanhará os trabalhos após a Crisma. Necessário engajamento dos catequizandos nas pastorais e movimentos já existentes nas Paróquias, dentro do processo de preparação para a Crisma; muitos não se engajam, porém necessário se faz que toda a comunidade esteja pronta a acolher em qualquer tempo, quando solicitado, catequizandos e leigos que procuram colaborar nos trabalhos da Paróquia;

o) Formação para Catequistas Iniciantes

Faz-se necessária uma preparação dos Catequistas, mesmo se engajados na comunidade em outras pastorais (Temas: O que é Catequese? Perfil do Catequista; Bíblia na Catequese; Como trabalhar as idades? Porque não misturamos crianças de idades diferentes? História da Salvação; Material da Catequese, entre outros. Isto para começo de conversa. **Que não se comece a missão de Catequisar sem antes saber a missão que está sendo assumida e se estamos devidamente preparados para tal.** Esta formação é permanente. Não podemos ficar somente neste trabalho preliminar.

p) Participação na vida da comunidade.

O Catequista deverá se fazer presente nas celebrações: nas Santas Missas, especialmente na missa da Catequese, novenas, procissões bem como nas formações oferecidas pelas Paróquias. Se o catequista não tem vida ativa na comunidade nunca poderá ajudar o catequizando a entender que a Comunidade é o local de amadurecer a fé.

q) Esforço e Motivação

Todo esforço deverá ser concentrado para a motivação e manutenção dos Catequistas dentro de um grupo que se apoie, se organize e se alegre com sua participação na Igreja – 1) reuniões para festejar os aniversariantes no mês; 2) passeios e romarias em grupo; 3) retiros; 4) adoração do Santíssimo reunindo o grupo de catequistas de um setor ou da Paróquia; 5) apoio aos coordenadores tanto dos setores como os paroquiais. Alguns grupos de Catequistas mantêm um bom relacionamento e isto facilita todo o processo; catequista comprometido com os catequistas de seu setor, de seu módulo, de sua Paróquia; catequistas que procuram dialogar, participar de forma positiva nas reuniões, buscando soluções de problemas, motivando os colegas, apoiando o Pároco, ajudando o grupo a caminhar são bênçãos de Deus na vida da Igreja e na vida da Catequese.

5.Celebrações previstas na Coleção Crescer em Comunhão – Editora Vozes

Catequese Eucarística

- Entrega da Bíblia – Catequese Eucarística – Volume I – Livro do Catequista, página 32. Título do Encontro: Construir a vida sobre a Palavra de Deus.
- Entrega do Pai Nosso – Catequese Eucarística – Volume I – Livro do Catequista, Página 91. Título do Encontro: Quando rezarem, façam assim.
- Entrega da Ave Maria – Catequese Eucarística – Volume III – Livro do Catequista, página 161. Título: Maria, modelo de amor e serviço.

Catequese Crismal

- Entrega da Cruz – Catequese Crismal – Volume IV – Livro do Catequista, página 119. Título do encontro: Missão do crismando: ouvir e praticar o Evangelho.
- Entrega das Bem-Aventuranças – Catequese Crismal – Volume IV – Livro do Catequista, página 128. Título do encontro: Vivendo a minha fé.
- Entrega do símbolo da fé – Catequese Crismal – Volume IV – Livro do Catequista, página 141. Título do encontro: Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!

6.O Ministério do Catequista

A catequese é um dos meios pelos quais Deus continua hoje a se manifestar às pessoas. Ela atualiza a revelação acontecida no passado. O catequista experimenta a palavra de Deus em sua boca, à medida que, servindo-se da Sagrada Escritura e dos ensinamentos da igreja, vivendo e testemunhando sua fé na comunidade e no mundo, transmite para seus irmãos essa experiência de Deus. “A fidelidade a Deus se expressa na catequese como fidelidade à palavra outorgada em Jesus Cristo. O catequista não prega a si mesmo, mas a Jesus Cristo, sendo fiel à palavra e à integridade de sua mensagem” (P 954). Ele é também um profeta, pois faz ecoar a palavra de Deus na comunidade, tornando-a compreensível. Catequese (katá-ekhein, em grego) significa ressoar; a igreja dá-lhe o sentido de ressoar a Palavra de Deus hoje (cf. CR 31). Diretório Nacional de Catequese n. 27.

a) O Ministério do Catequista segundo Diretório Geral para a Catequese

“Ainda que toda a comunidade cristã seja responsável pela catequese, e ainda que todos os seus membros devam dar testemunho da fé, somente alguns recebem o mandato eclesial de ser catequistas. Juntamente com a missão originária que têm os pais em relação a seus filhos, a Igreja confere oficialmente, a determinados membros do Povo de Deus, especificamente chamados, a delicada missão de transmitir a fé, no seio da comunidade” (DGC 221)

b) Os Catequistas Leigos

Os leigos exercem a catequese a partir de sua inserção no mundo, compartilhado todas as formas de empenho com os outros homens e revestindo a transmissão do Evangelho de sensibilidade e conotações específicas. (DGC 230)

Além da vocação comum ao apostolado, alguns leigos sentem-se chamados por Deus, a assumirem a tarefa de Catequistas. A Igreja suscita e distingue esta vocação divina de catequizar. Dessa forma, o Senhor Jesus convida homens e mulheres, de maneira especial a segui-Lo, mestre e formador dos discípulos. Esse chamado pessoal de Jesus Cristo e a relação com Ele são o verdadeiro motor da ação do catequista. (...) Sentir-se chamado a ser catequista e a receber da Igreja a missão para fazê-lo pode adquirir de fato, diversos graus de dedicação, segundo as características de cada um. Às vezes, o catequista pode colaborar com um serviço da catequese por um período determinado de sua vida, ou até mesmo simplesmente de maneira ocasional; apesar disso, trata-se sempre de um serviço e de uma colaboração preciosos. DGC, 231; Diretório para a Catequese 123.

Cada Igreja particular analisando a própria situação cultural e religiosa, suprirá as próprias necessidades e traçará o perfil, com realismo, dos tipos de catequista de que necessita. É uma tarefa fundamental a orientação e a organização da formação dos catequistas.

7. Ministério do Catequista e a Diocese de Paracatu

Temos uma Diocese com uma grande extensão territorial, e Paróquias constituídas com uma imensa rede de comunidades. Para cumprir a tarefa de iniciar em Cristo, crianças, jovens

e adultos, contamos com um grande número de leigos e leigas “que carregam a Igreja no coração e nos ombros e fazem acontecer o Reino com suas mãos e pés”. (Doc. 105)

Cabe a diocese, através de seus organismos e coordenações, dar condições para que a ação catequética perpassa a ação evangelizadora da igreja, com ênfase na catequese com adultos. Há também a necessidade de prover os catequistas de recursos, tanto para a tarefa catequética propriamente, como para a sua formação permanente.

Além do apoio da Diocese, Paróquias e Comunidades, outra grande ajuda para a Catequese deverá vir das Famílias, santuário da vida e lugar de construir a primeira imagem da comunidade na qual as crianças serão inseridas posteriormente.

Queremos a partir da realidade de nossas comunidades propor uma reflexão em nossa Diocese de Paracatu sobre a necessidade e importância do Ministério do Catequista. Partimos para essas necessidades a partir:

- 1) Da rotatividade de Catequistas;
- 2) Da necessidade de entender a Catequese como um Processo permanente de educação na fé.
- 3) Da importância do Catequista na vida da Igreja; uma vez que o Catequista prega a Palavra e fala em nome;
- 4) Da necessidade um processo de formação continuado dos Catequistas;

É grande o empenho e o amor de nossos leigos pela catequese. Mas também é urgente o empenho por um Ministério organizado que compreenda a Catequese Diocesana. Começamos por algumas reflexões presentes já nos documentos da Igreja e que abrem nossos horizontes para pensarmos a tarefa catequética.

a) Catequese como ato eclesial.

A catequese é um ato essencialmente eclesial. Não é uma ação particular. Por isso o Catequista necessita entender o ministério ao qual está a serviço. O catequista é um porta-voz da comunidade e não de uma doutrina pessoal. (CR 145).

Se a catequese não é entendida e vivida dentro da comunidade eclesial não temos como ter um processo catequético que como fim conduza para a caminhada comunitária. (Não há como continuarmos uma catequese que chame os catequizandos para a vida da comunidade, se o próprio catequista não está engajado). Assim o catequista é alguém apaixonado e envolvido pela comunidade que pertence. E a comunidade será o local e o ambiente de alegria e acolhida onde se realizará a iniciação em Cristo.

b) Catequese como Processo Permanente

A catequese como um processo permanente de educação da fé é um serviço de anúncio do Evangelho, inicia na liturgia e deve nos levar como consequência prática a vivência comunitária. (Da mesma forma não há como reclamar que os catequizandos não participam das missas, se o catequista não é uma pessoa de encontro frequente com o Senhor na Liturgia Dominical)

A catequese, como elemento importante da iniciação à vida cristã, implica um longo processo vital de introdução dos cristãos ainda não plenamente iniciados, nos diversos aspectos essenciais da fé cristã. Trata, de forma sistemática, coerente, que forneça base sólida

para a caminhada “rumo à maturidade em Cristo”. Não podemos continuar com um processo fragmentado e apressado.

c) Indicamos para a organização do Ministério

1. Serão admitidos como “monitores” todos os que procurarem as Paróquias com o intuito de serem “futuros Catequistas”. Estes deverão ter recebido os Sacramentos da Iniciação Cristã – Batismo, Eucaristia e Crisma;
2. A partir dos 16 anos poderão ser admitidos como Catequistas os que “devidamente preparados” fizeram uma experiência como “monitores” e concluíram a “formação básica” oferecida pela Paróquia ou pela equipe Diocesana. Que ninguém inicie a missão de catequizar sem a preparação mínima;
3. Para o Ministério do Catequista que sejam admitidos os maiores de 21 anos. Necessário se faz uma boa formação para entendimento do processo;
4. Tempo para o exercício do Ministério – em comunhão com o Bispo Diocesano e os presbíteros;
5. Decreto de Instituição do Bispo Diocesano, autorizando os catequistas a falarem em nome da Igreja;

d) Outras considerações na organização do Ministério do Catequista

A catequese é um serviço indispensável e insubstituível na vida da Igreja Particular. Exatamente por isso todos são responsáveis pela catequese. Exercendo esse ministério o catequista o faz em nome da Igreja que o envia. Assim primeiro chamamos a atenção para a responsabilidade dos ministros ordenados: o Bispo, os Padres, os diáconos. Na Paróquia a tarefa de catequisar não pode ser relegada apenas aos catequistas. Todas as Pastorais e Movimentos paroquiais tem responsabilidade de catequisar: A Pastoral Familiar, As Equipes de Animação Bíblica, As Equipes de Animação Litúrgica, As Comunidades e seus Conselhos e etc. Sem a efetiva participação de todos os catequistas sozinhos nada podem fazer.

A organização do Ministério do Catequista ajudará a formar catequistas como comunicadores de experiências de fé, comprometidos com o Senhor e sua igreja, capazes de anunciar o Evangelho nesse tempo de crise de valores, sempre com a alegria de verdadeiros discípulos do Senhor. É o momento de passar de uma catequese sacramental para uma catequese que leve a experimentar o Mistério de Cristo. Assim que nossa catequese seja um processo de inserção na comunidade eclesial.

e) Perfil do Catequista

O perfil do Catequista é um ideal a ser conquistado, olhando para Jesus, modelo de Mestre, de servidor e de catequista. Sendo fiel a esse modelo, é importante desenvolver as diversas dimensões: ser, saber, saber fazer em comunidade (cf. DGC 238ss/ DNC 261).

- 1) Pessoa que ama viver e se sente realizada – nr.262;
- 2) Pessoa de maturidade humana e de equilíbrio psicológico – nr.263;
- 3) Pessoa de espiritualidade, que quer crescer em santidade – nr.264;
- 4) Pessoa que sabe ler a presença de Deus nas atividades humanas – nr.265;
- 5) Pessoa integrada no seu tempo e identificada com sua gente – nr.266;
- 6) Pessoa que busca, constantemente, cultivar sua formação – nr.267;
- 7) Pessoa de comunicação, capaz de construir comunhão – nr.268;

f) Saber do Catequista

No que diz respeito ao saber do catequista, levamos em consideração toda a riqueza que os documentos da Igreja já produziu a esse respeito. Destacamos nesse tempo de repensar a ação catequética a questão metodológica. “Para que o catequista possa tornar-se uma pessoa de testemunho e de confiança perante a comunidade, é preciso que seja competente em sua ação catequética, superando a improvisação e a simples boa vontade”. (DNC 270)

8. Conclusão

A catequese consolida a vida da comunidade. Por isso, “a igreja é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de a organizar melhor e de formar para a mesma, pessoas qualificadas” (CT 15)

Assumir a Animação Bíblica da Vida e da Pastoral da Igreja (Uma das urgências apontadas pela CNBB nas diretrizes) nos empurra para o Ministério do Catequista. Dentro dessa urgência se faz necessário recolocar a Bíblia como livro principal da catequese.

Assumir a metodologia da Inspiração Catecumenal para a Catequese. Vemos a necessidade de reorganizar e criar unidade entre as etapas da catequese nas Paróquias que compõem a Diocese. Unidade entre Idades e Etapas da Catequese. Unidade entre Etapas em todas as Paróquias.

Com o Ministério do Catequista queremos assumir o compromisso das Comunidades junto à Catequese. As necessidades dos Catequistas e da sua formação, bem como um espaço adequado para o desenvolvimento dos encontros catequéticos. Por fim o Ministério do Catequista faz brotar a necessidade de espaços de acompanhamento da Catequese em nível paroquial e diocesano.

Se o Projeto Diocesano de Catequese é um plano orgânico de orientações fundamentais e de longo prazo, o programa operacional é a sua implementação concreta para uma situação específica e por um tempo determinado. “A experiência indica que o programa de ação é de grande utilidade para a catequese, uma vez que, ao definir alguns objetivos comuns, leva a unificar os esforços e a trabalhar em uma perspectiva de conjunto. Por isso, a sua primeira condição deve ser o realismo, unido à simplicidade, concisão e clareza” (DGC/281). Esse programa, portanto, identifica os conteúdos, indica os objetivos intermediários – claros, graduais, estáveis - prepara atividades e técnicas, desenvolve ou indica subsídios e materiais, determina o tempo. Na elaboração do programa, além disso, dará importância ao momento da avaliação, que permite fazer memória do caminho e se abrir para mudanças e melhorias. Diretório para Catequese – Doc 61/424.

Que este trabalho traga bons frutos. Que nunca falte a coragem e a alegria para o serviço e que a cada dia construamos o Reino de Deus com os olhos fixos em Jesus de Nazaré.

9. Documentos/ temas que devem ser estudados por quem exerce a função de Catequista:

- 1) Bíblia Sagrada – como explicar as Escrituras sem conhecimento do que a Palavra revela?

- 2) Catecismo da Igreja Católica;
- 3) Doutrina Social da Igreja;
- 4) Diretório Pastoral Diocesano;
- 5) Doc 26 da CNBB – Catequese Renovada;
- 6) Diretório Nacional de Catequese – CNBB;
- 7) Diretório Geral de Catequese;
- 8) Documentos da Igreja – 61 – Diretório para a Catequese;
- 9) Doc 107 – Iniciação à Vida Cristã; CNBB
- 10) Itinerário Catequético – Iniciação à Vida Cristã – CNBB:
- 11) Ritual da Iniciação Cristã de Adultos – RICA;
- 12) Documento de Aparecida;
- 13) Documentos do Concílio Vaticano II;
- 14) Código de Direito Canônico;
- 15) Guia Pastoral Litúrgico - CNBB;
- 16) Revista Ecoando – Regional Leste II- formação gradativa e atual;

Obs.: Alguns livros estão sem indicação -são encontrados nas editoras conhecidas.
Livros e Documentos acima consultados na elaboração desta cartilha.

ANEXO B: PLANEJAMENTO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA

Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Diocese de Paracatu MG

INSCRIÇÃO	Fevereiro
	Março
CATEQUESE COM A FAMÍLIA	Abril

Início da catequese com as crianças (Livro 1 – Catequese Eucarística)

Objetivo	Maio e Junho												
<p>a) Proporcionar o encontro das crianças com a pessoa de Jesus Cristo, de modo que, à medida que for conhecendo e aprofundando no mistério do Senhor; o amor por Ele também vai aumentando. De forma concreta na vida da comunidade.</p> <p>b) A catequese não deve fugir do seu aspecto orante (espiritual), porquê ajudará na interiorização da Palavra de Deus.</p> <p>c) Este processo de iniciação a vida eucarística só poderá ser eficaz, por meio da experiência comunitária entres os irmãos. Devera suscitar em cada criança a pertença à comunidade, nela iniciar o caminho como discípulo missionário de Cristo.</p> <p>d) A catequese visando o entusiasmo do discípulo deve fomentar a fé, por meio da prática das devoções populares, tais como, Devoção mariana. Enfatizar a memória dos santos contidos no calendário litúrgico da Igreja Católica. De modo especial as solenidades e festas dos padroeiros da sua paróquia e Diocese.</p>	1. BLOCO - Jesus quer ser meu amigo	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <th colspan="2" style="text-align: center;">Encontros</th> </tr> <tr> <td style="width: 5%;">1.</td> <td>Minha turma de catequese</td> </tr> <tr> <td>2.</td> <td>Amigos de Jesus</td> </tr> <tr> <td>3.</td> <td>Bíblia, um caminho para conhecer Jesus.</td> </tr> </table>	Encontros		1.	Minha turma de catequese	2.	Amigos de Jesus	3.	Bíblia, um caminho para conhecer Jesus.			
	Encontros												
	1.	Minha turma de catequese											
	2.	Amigos de Jesus											
	3.	Bíblia, um caminho para conhecer Jesus.											
	Entrega da Bíblia na Missa da comunidade												
	2. BLOCO - Jesus veio ao mundo com uma missão	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 5%;">4.</td> <td>Maria, mãe de Jesus</td> </tr> <tr> <td>5.</td> <td>O Pai nos envia seu Filho</td> </tr> <tr> <td>6.</td> <td>Crescer diante de Deus e dos homens</td> </tr> <tr> <td>7.</td> <td>Este é meu Filho amado</td> </tr> <tr> <td>8.</td> <td>Jesus anuncia o Reino de Deus</td> </tr> </table>		4.	Maria, mãe de Jesus	5.	O Pai nos envia seu Filho	6.	Crescer diante de Deus e dos homens	7.	Este é meu Filho amado	8.	Jesus anuncia o Reino de Deus
	4.	Maria, mãe de Jesus											
	5.	O Pai nos envia seu Filho											
	6.	Crescer diante de Deus e dos homens											
	7.	Este é meu Filho amado											
	8.	Jesus anuncia o Reino de Deus											
	Julho: Recesso da Catequese												
	Agosto, Setembro e Outubro												
	3. BLOCO – Jesus tem muito a ensinar	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 5%;">9.</td> <td>Palavras que falam ao coração</td> </tr> <tr> <td>10.</td> <td>Sinais de vida nova</td> </tr> <tr> <td>11.</td> <td>O jeito de Jesus acolher</td> </tr> <tr> <td>12.</td> <td>Jesus nos ensina a rezar</td> </tr> </table>		9.	Palavras que falam ao coração	10.	Sinais de vida nova	11.	O jeito de Jesus acolher	12.	Jesus nos ensina a rezar		
	9.	Palavras que falam ao coração											
10.	Sinais de vida nova												
11.	O jeito de Jesus acolher												
12.	Jesus nos ensina a rezar												
Entrega do Pai Nosso na Missa da Comunidade													
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 5%;">13.</td> <td>Jesus nos ensina a perdoar</td> </tr> <tr> <td>14.</td> <td>Permaneço no meu amor</td> </tr> <tr> <td>15.</td> <td>Jesus nos ensina a ter compaixão</td> </tr> <tr> <td>16.</td> <td>Sou chamado a formar comunidade no amor</td> </tr> </table>			13.	Jesus nos ensina a perdoar	14.	Permaneço no meu amor	15.	Jesus nos ensina a ter compaixão	16.	Sou chamado a formar comunidade no amor			
13.	Jesus nos ensina a perdoar												
14.	Permaneço no meu amor												
15.	Jesus nos ensina a ter compaixão												
16.	Sou chamado a formar comunidade no amor												
Novembro													
4. BLOCO – Jesus se faz servo	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 5%;">17.</td> <td>Jesus, doação e serviço</td> </tr> <tr> <td>18.</td> <td>A cruz é sinal de amor</td> </tr> <tr> <td>19.</td> <td>Jesus está sempre conosco</td> </tr> <tr> <td>20.</td> <td>A comunidade vive e celebra unidade</td> </tr> </table>		17.	Jesus, doação e serviço	18.	A cruz é sinal de amor	19.	Jesus está sempre conosco	20.	A comunidade vive e celebra unidade			
17.	Jesus, doação e serviço												
18.	A cruz é sinal de amor												
19.	Jesus está sempre conosco												
20.	A comunidade vive e celebra unidade												

PLANEJAMENTO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA
Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Diocese de Paracatu MG

INSCRIÇÃO	Fevereiro
	Março
CATEQUESE COM A FAMÍLIA	Abril

Início da catequese com as crianças (Livro 2 – Catequese Eucarística)

Objetivo	Mai, Junho e Agosto		
<p>a) Proporcionar o encontro das crianças com a pessoa de Jesus Cristo, de modo que, à medida que for conhecendo e aprofundando no mistério do Senhor; o amor por Ele também vai aumentando. De forma concreta na vida da comunidade.</p> <p>b) A catequese não deve fugir do seu aspecto orante (espiritual), porquê ajudará na interiorização da Palavra de Deus.</p> <p>c) Este processo de iniciação a vida eucarística só poderá ser eficaz, por meio da experiência comunitária entres os irmãos. Devera suscitar em cada criança a pertença à comunidade, nela iniciar o caminho como discípulo missionário de Cristo.</p> <p>d) A catequese visando o entusiasmo do discípulo deve fomentar a fé, por meio da prática das devoções populares, tais como, Devoção mariana. Enfatizar a memória dos santos contidos no calendário litúrgico da Igreja Católica. De modo especial as solenidades e festas dos padroeiros da sua paróquia e Diocese.</p>	1. BLOCO – Deus manifesta-se aos homens	Encontros	
		1. Jesus nos revela o Pai	
		2. Deus nos fala de muitas maneiras	
		3. Deus fez todas as coisas	
		4. Deus criou e entregou ao nosso cuidado	
		5. Somos irmãos no amor de Deus	
			6. Deus tem um plano para nos fazer felizes
		Celebração – O plano de amor de Deus e a criação	
	2. BLOCO – Deus faz aliança com seu povo	7. Estabeleço minha aliança convosco	
		8. Abraão, deixa a tua terra	
		9. Abraão, pai dos que creem	
		10. Moisés, liberta o meu povo	
		Celebração – Tira as sandálias porque esta terra é santa	
		Julho: Recesso da Catequese	
		Setembro e Outubro	
3. BLOCO – Um povo de irmãos unido ao Pai pelo amor	11. Deus nos prepara para sermos o seu povo		
	12. Façam também vocês assim como eu		
	13. Os mandamentos guiam meu olhar para Deus		
	14. Os mandamentos guiam meu olhar para os irmãos		
	15. Comunidade que nasce da Lei de Deus		
	Celebração - A novidade do amor		

Obs: As celebrações do 2º módulo, não são necessárias serem feitas nas missas, mas, no próprio espaço catequético.	Novembro	
	4. BLOCO – profetas, vozes da esperança	16. Davi, o pastor de ovelhas escolhido para ser rei.
		17. Profetas, mensageiros do Deus verdadeiro.
		18. Isaías, profeta da esperança.
		19. Amos, profeta da justiça.
	Celebração – Profetas em nome de Deus	
	20. Maria, a Nova Arca da aliança.	
<p>Sugestão: Seria interessante encerrar este módulo, com uma confraternização de catequisandos e seus pais. Como forma de valorizar a família e o envolvimento na vida catequética de seus filhos. Poderá fazer uma exposição de um tema, para conscientizar os pais a engajarem na vida da comunidade e enfatizar importância e o valor da participação dos mesmos, na vida comunitária e catequética da sua Paróquia ou Comunidade.</p>		

PLANEJAMENTO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA
Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Diocese de Paracatu MG

INSCRIÇÃO	Fevereiro
	Março
CATEQUESE COM A FAMÍLIA	Abril

Início da catequese com as crianças (Livro 3 – Catequese Eucarística)

Objetivo	Maior, Junho, Agosto e Setembro	
<p>a) Proporcionar o encontro das crianças com a pessoa de Jesus Cristo, de modo que, à medida que for conhecendo e aprofundando no mistério do Senhor; o amor por Ele também vai aumentando. De forma concreta na vida da comunidade.</p> <p>b) A catequese não deve fugir do seu aspecto orante (espiritual), porquê ajudará na interiorização da Palavra de Deus.</p> <p>c) Este processo de iniciação a vida eucarística só poderá ser eficaz, por meio da experiência comunitária entres os irmãos. Devera suscitar em cada criança a pertença à comunidade, nela iniciar o caminho como discípulo missionário de Cristo.</p> <p>d) A catequese visando o entusiasmo do discípulo deve fomentar a fé, por meio da prática das devoções populares, tais como, Devoção mariana. Enfatizar a memória dos santos contidos no calendário litúrgico da Igreja Católica. De modo especial as solenidades e festas dos padroeiros da sua paróquia e Diocese.</p>	1. BLOCO – A igreja somos nós	Encontros
		1. Eis a nossa missão: anunciar a Boa-nova a toda criatura
		2. O Espírito Santo anima a comunidade
		3. A Igreja nasce no coração de Jesus Cristo
		4. Somos Igreja, povo de Deus.
		5. Nós somos o corpo de Cristo
		6. Rezemos ao Senhor
	7. Maria, Mãe da Igreja	
	Celebração: Cristãos reunidos em comunidade	
	2. BLOCO – Sacramento, caminho da Iniciação Cristã	8. Os sacramentos são sinais de Deus em nossa vida
		9. Batismo, nascimento para a comunidade
		10. Batizados, sal da terra e luz do mundo
		11. Somos testemunhas de Cristo no mundo
12. Comam, bebam, isto é o meu Corpo, isto é o meu Sangue		
13. O Pão da Vida, a Comunhão		
Celebração: Comunidade reunida para a refeição da vida		
Julho: Recesso da Catequese		
Outubro		
3. BLOCO – Deus é misericórdia	14. Pecar é afastar-se de Deus	
	15. No Reino de Deus existe perdão	
	16. Reconciliados com Deus	
Celebração: A misericórdia de Deus nos renova		
Novembro		
4. BLOCO – Por Cristo, com Cristo, em Cristo!	17. Bendito seja Deus que nos Reuniu no amor de Cristo.	
	18. Com Jesus caminhamos na Igreja	
	19. Símbolos e gestos para a comunhão com Deus	

		20. Estamos a caminho, explicou-lhes as escrituras e colocou-se à mesa com eles
	Celebração: entrega da Ave-Maria na missa	
	Sugestão: Retiro para recepção do sacramento da eucaristia Tema: Discípulos de Emaús (Lc 24, 13 - 35). Poderá ser feito as confições no retiro.	

PLANEJAMENTO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA
Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Diocese de Paracatu MG

INSCRIÇÃO	Fevereiro
	Março
	Abril

Início da catequese com os Jovens (Livro 4 – Catequese Crismal)

Neste módulo, os jovens deverão estar inseridos na vida pastoral da sua comunidade (Igreja), desenvolvendo os seus trabalhos de discípulos missionários do Senhor Jesus Cristo.
Os crismandos neste período da formação, já deverão estar inseridos numa pastoral na comunidade, para fazer o estágio. Portanto, os catequistas precisam acompanhar o desenvolvimento dos seus crismandos.

Objetivo	Mai e Junho		
<p>a) A Catequese Crismal, é o momento em que os jovens, por meio da leitura orante da palavra de Deus, concretizam nas suas vidas a espiritualidade cristã. Que se dá no engajamento pastoral na sua comunidade. A crisma se caracteriza na configuração da pessoa de Jesus Cristo, de modo que, à medida que for conhecendo e aprofundando no mistério do Senhor; o amor por Ele se concretiza, na prática missionária do anúncio do Reino de Deus.</p> <p>b) A catequese não deve fugir do seu aspecto orante (espiritual), porquê ajudará na interiorização da Palavra de Deus. Os jovens que estão no processo de configuração à pessoa de Cristo, deverão tomar posse do projeto de Deus, que é semear a semente do Verbo no coração das pessoas, por palavras e obras.</p> <p>c) A Crisma se caracteriza pela sua missão de enraizar no coração dos jovens o dever de defender a fé em todas as suas estâncias, de forma consciente, firme e verdadeira.</p> <p>d) A catequese deve alimentar o entusiasmo do discípulo missionário do Reino. Proporcionar a maturidade humana e espiritual dos</p>	Encontros		
	1. O homem: centro de atenção de Deus		
	2. Desvio de Rota		
	3. Colaboradores de Deus		
	4. Nosso sim a um viver diferente		
	Entrega das bem-aventuranças na Missa Dominical		
	1. Caminho da catequese Crismal: Os encontros	5. Ela viveu diferente	
		6. Eles viveram de um jeito diferente	
		7. Mandamentos, caminho do bem	
		8. Deus em primeiro lugar.	
	Julho: Recesso da Catequese		
	Agosto e Setembro		
			9. Cada família é única.
			10. Em Defesa da vida.
	Celebração do perdão		
			11. Amor e responsabilidade
			12. Ser honesto vale a pena
			13. A cobiça nos tira a paz
			14. Caminho para a felicidade
			15. A fé em Deus
			16. A vida ligada a Cristo Jesus.
		17. A oração me faz íntimo do Senhor	
Celebração da luz na Missa			
		18. Na liturgia celebramos Jesus Cristo	
		19. Jesus Cristo e o Espírito Santo	
		20. Os sinais do amor de Deus	
		21. Sacramento da Iniciação Cristã	

<p>catequisandos. Alimentar a consciência apostólica e o censo de evangelizador. Prática das devoções populares, tais como, devoção mariana. Enfatizar a memória dos santos contidos no calendário litúrgico da Igreja Católica. De modo especial as solenidades e festas dos padroeiros da sua paróquia e Diocese.</p> <p>e) Todos os jovens considerados maduros na fé, são convidados a prática das virtudes teológicas e cardeais.</p>	Outubro	
		22. Sacramento de Cura
		23. Sacramento de Serviço
		24. Sacramento da Confirmação
		25. Símbolos e gestos da Confirmação
		26. Vivendo os Sacramentos expresso minha fé
	Celebração da fé	
	Novembro	
		27. O Espírito Santa na vida dos Cristãos
		28. Ser sinal de comunhão na Comunidade
		29. Ser cristão: sal da terra
		30. Missão do crismando: ouvir e praticar o Evangelho
	Celebrações: Leitura orante da Palavra de Deus	
<p>Sugestão: Retiro para recepção do sacramento da Crisma Tema: O encontro de Jesus com Nicodemos (Jo 3, 1 - 21). Poderá ser feito as confições no retiro.</p>		

PLANEJAMENTO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA
Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Diocese de Paracatu MG

INSCRIÇÃO	Fevereiro
	Março
CATEQUESE COM A FAMÍLIA	Abril

Início da catequese com os Adolescentes (Livro: Catequese de Perseverança)

Neste modulo, os jovens deverão estar inseridos na vida pastoral da sua comunidade (Igreja), desenvolvendo os seus trabalhos de discípulos missionários do Senhor Jesus Cristo.		
Objetivo	Maio e Junho	
a) Os jovens “unidos, pois, a Cristo, na Igreja, e marcados pelo selo do Espírito Santo” (LG. n, 48), são convocados a serem testemunhas de Cristo na sociedade, de modo especial, na sua comunidade cristã.	Encontros	
	1. Estamos no caminho	
	1. Estamos no caminho	
	Celebração: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2, 1-9)	
	2. Você não é uma ilha	
	2. Você não é uma ilha	
	Celebração: “Não leveis nada pelo caminho” (Lc 9, 1-6)	
	3. Se não tem unidade, falta amor	
	4. Ser suporte uns aos outros	
	Julho: Recesso da Catequese	
b) Os jovens deverão ser exemplo de caridade fraterna, de justiça, de amor ao próximo e semeadores da paz.	Agosto e Setembro	
	5. A pessoa em primeiro lugar!	
	Celebração: “Teu Pai, que vê no escondido, te dará a recompensa” (Mt 6, 1-4)	
	6. Acolher uns aos outros	
	6. Acolher uns aos outros	
	7. Faço o que é preciso fazer	
	Celebração: “todos te procuram” (Mc 1, 29 - 39)	
	8. Onde está minha liberdade?	
	9. O que agrada a Deus	
	10. Sou rico pela graça de Deus	
c) Os novos “missionários, colaboradores de Deus, devem fazer nascer assembleias de fieis que, levando uma vida digna da vocação a que foram chamados, sejam tais que possam exercer as funções a elas confiadas” (LG. n, 15).	Outubro	
	10. Sou rico pela graça de Deus	
	11. Crescer na capacidade de relacionar-se	
	12. O desafio de viver a nossa fé	
	Celebração: “Procurai e encontrareis”	
	d) Os jovens da perseverança se caracterizam, num personalidade íntegra. De uma moral ílibada. Verdadeiro amor a Cristo e sua igreja.	Outubro
		10. Sou rico pela graça de Deus
		11. Crescer na capacidade de relacionar-se
		12. O desafio de viver a nossa fé
		Celebração: “Procurai e encontrareis”

<p>Jovens de verdadeira reverência, respeito e pelo sagrado.</p> <p>e) Como homens e mulheres de Deus serão semeadores da semente Reino de Deus.</p>	Novembro	
		13. É assim minha fé
		14. Confiar no Deus da Vida
		15. Missão não é fácil, mas vale a pena!
	Celebrações: “Coragem! Sou eu” (Mt 14, 22 - 33)	
“Batizados e enviados” ser no mundo Arauto do Evangelho. O envio para Missão.		